

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO  
DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA,  
POLÍTICA E BENS CULTURAIS  
MESTRADO PROFISSIONAL EM BENS CULTURAIS E PROJETOS  
SOCIAIS**

**COSER PROPOSTA DE COWORKING SOCIAL DE COSTURA  
PARA MULHERES DE DUQUE DE CAXIAS/RJ.**

**VANUSA RODRIGUES DA SILVA**

Rio de Janeiro  
Agosto/2019

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO  
DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA,  
POLÍTICA E BENS CULTURAIS  
MESTRADO PROFISSIONAL EM BENS CULTURAIS E PROJETOS  
SOCIAIS**

**CoSer - proposta de coworking social de costura  
para mulheres de Duque de Caxias/R.J.**

**Vanusa Rodrigues da Silva**

Dissertação apresentada para a obtenção do grau de  
Mestre em Bens Culturais e Projetos Sociais pelo  
Centro de Pesquisa e Documentação de História  
Contemporânea da Escola de Ciências Sociais da  
Fundação Getúlio Vargas.

**Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>a</sup>. Leticia Carvalho de Mesquita Ferreira**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas/FGV

Silva, Vanusa Rodrigues da  
Coser proposta de coworking social de costura para mulheres de Duque de  
Caxias/RJ / Vanusa Rodrigues da Silva. – 2019.  
102 f.

Dissertação (mestrado) – Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio  
Vargas, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais.  
Orientadora: Leticia Carvalho de Mesquita Ferreira.  
Inclui bibliografia.

1. Costureiras - Duque de Caxias (RJ) 2. Mulheres - Emprego. 3. Costura. 4.  
Compartilhamento de trabalho. I. Ferreira, Leticia Carvalho de Mesquita. II.  
Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas. Programa de Pós-  
Graduação em História, Política e Bens Culturais. III. Título.

CDD – 646.40092

Elaborada por Rafaela R. de Moraes – CRB-7/6625



VANUSA RODRIGUES DA SILVA

“COSER: PROPOSTA DE COWORKING DE COSTURA PARA MULHERES DE DUQUE DE CAXIAS/RJ”.

Dissertação apresentado(a) ao Curso de Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais do(a)  
Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil para obtenção do grau de  
Mestre(a) em Bens Culturais e Projetos Sociais.

Data da defesa: 30/08/2019

#### ASSINATURA DOS MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA

Presidente da Comissão Examinadora: Prof<sup>o</sup>/a LETICIA CARVALHO DE MESQUITA FERREIRA

  
LETICIA CARVALHO DE MESQUITA FERREIRA  
Orientador

  
DEIVISON GONÇALVES AMARAL  
Membro Externo

  
TATIANE DE OLIVEIRA PINTO  
Membro Externo

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esse trabalho a todas as costureiras, moradoras da Baixada Fluminense que lutam por condições dignas de trabalho como tantas outras de todo o país.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus sagrados por trazerem até aqui e sempre apoiarem a minha caminhada.

À minha família por nutrir minha infância, fase que sustenta toda a vida, de sonhos e esperanças.

A Diva Duarte, Flávia Pereira, M<sup>a</sup> de Lourdes Reis e Valéria Martins pelas entrevistas que guiam essa pesquisa e pelos muitos ensinamentos adquiridos.

Aos meus amigos próximos por me alimentarem de afeto, especialmente a Luís Fernando Sales, Luciana Alves e Denise Fernandes que me cobraram empenho e me deram forças.

À minha orientadora Letícia Carvalho Ferreira pela dedicação e honestidade nas pontuações.

Aos meus professores por me mostrarem os caminhos de uma pesquisa acadêmica.

Aos meus colegas de classe pelo companheirismo especialmente a Ângela Bittencourt, Fernanda Buarque, Jéssica Prado e Luciana Gondim pelas orientações de leitura e escrita, pelo carinho e pelos gritos de fé. “Ninguém vai calar nossa poesia. JAMAIS!”

Muito obrigada!

*Para abrir caminhos, caminhe!*  
*Rona Neves*

## RESUMO

Essa dissertação convida a um olhar particularizado para formas de trabalho de costureiras de Duque de Caxias/RJ a fim de basear, a partir das reflexões gestadas, a proposta de criação de um espaço de trabalho compartilhado que possa vir a atender grupos de mulheres que se ocupam dessa profissão. O texto foi composto a partir de narrativas de um grupo de agentes desse universo (costureiras) sobre o lugar para o qual a proposta se destina, relatos de si e dos trabalhos que realizam, suas impressões a respeito das condições de trabalho de sua classe e orientações para a concepção da proposta em questão. Faz uma coletânea de dados históricos e estatísticos sobre o município em questão, o ofício da costura, questões sobre mulheres e trabalho e citação de iniciativas envolvidas com o universo da costura. E apresenta como apêndice a proposta costurada pelas participantes da pesquisa.

**Palavras-chave:** costureiras; costura; mulheres; coworking; Duque de Caxias/RJ.

## **ABSTRACT**

This dissertation invites a particular look at the ways of work of seamstresses of Duque de Caxias/RJ. In order to base, from the gestated reflections, the proposals of creating a shared workspace that can attend groups of women who become occupy this profession. The tax was composed from narratives of a group of agents of this universe (seamstresses) about the working conditions of their class and guidelines for the design of the proposal concerned. It makes a collection of historical and statistical data on the municipality in question, the craft of sewing, questions about women and work and citing initiatives involved with the universe of sewing. And presents as appendix the proposal tailored by research participants.

**Keywords:** seamstresses; seam; women; coworking; Duque de Caxias/RJ



## ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Costura a mão. ....	10
Figura 2: D. Diva e eu. ....	19
Figura 3: Flávia Pereira e um de seus trabalhos. Fotos fornecidas pela entrevistada.....	30
Figura 4: Valéria Martins e seus selos de reconhecimento do SEBRAE. ....	35
Figura 5: M <sup>a</sup> de Lourdes e seu “quartinho de costura”.....	36
Figura 6: Capa e Introdução do Livro de costura Singer. Fonte: Revista Histerdbr On-line ...	42
Figura 7: Galpão do Espaço Malha. Foto tirada pela autora em novembro de 2017. ....	64
Figura 8: Página virtual da Pipa. Fonte: <a href="https://www.pipasocial.org.br/">https://www.pipasocial.org.br/</a> .....	65
Figura 9: Página de produtos da Pipa Social. Fonte: <a href="https://www.lojapipa.org.br/">https://www.lojapipa.org.br/</a> .....	66
Figura 10: Página virtual do Mulheres do Sul Global. ....	67
Figura 1: Mapa da moda Fluminense. ....	6
Figura 2: Distribuição geográfica de empregados. ....	7
Figura 3: Quadro de pessoas empregadas Região Baixada Fluminense II. ....	8
Figura 4: Informações importantes.....	9

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 CAPÍTULO I .....	17
1.1 ELAS: QUEM SÃO E PORQUE MORAM EM DUQUE DE CAXIAS .....	17
2 CAPÍTULO II.....	39
2.1 O QUE COSTURAM E PORQUE COSTURAM .....	39
2.1.1 A costura.....	39
2.1.2 O traçado.....	44
2.2 O que costuram .....	48
Perfil do Setor.....	48
2.3 Ajustes .....	52
2.4 O que elas não fazem .....	56
3 CAPÍTULO. III.....	59
3.1 O COSER POR ELAS.....	59
3.1.1 O croqui .....	60
O negócio social.....	66
Objetivos específicos.....	68
3.2 A CONFECÇÃO .....	71
3.2.1 CoSer – coworking social de costura para mulheres de Duque de Caxias. ....	71
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	82
APÊNDICE .....	85

## INTRODUÇÃO

Figura 1: Costura a mão.

Fonte: <http://lucianobatista.com.br/tag/costura>



Coser: juntar ou unir partes.

*Dicionário online Michaelis*

“Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.” (COLASANTI, 2013). Marina Colasanti, premiada escritora naturalizada brasileira<sup>1</sup>, coloca de forma poética uma das facetas da condição feminina e o processo de retomada de sua independência, com o relato da rotina de uma mulher que tem em suas mãos a capacidade da criação e com ela constrói sua vida, até o momento em que se depara, enfrenta e vence a opressão. Usando a história narrada pela autora como metáfora, podemos dizer que ela retrata o percurso da mulher na sociedade. Pois, a personagem do conto, ao se perceber numa situação de exploração na qual se envolve, reage rompendo as ‘amarras’ que encontra e volta a ser dona do seu destino como era antes da relação narrada.

Levantou-se enquanto o marido dormia sonhando com novas exigências. E descalça, para não fazer barulho, subiu a longa escada da torre, sentou-se ao tear. Desta vez não precisou escolher linha nenhuma. Segurou a lançadeira ao contrário, e jogando-a veloz de um lado para o outro, começou a desfazer seu tecido. Desteceu os cavalos, as carruagens, as estrebarias, os jardins. Depois desteceu os criados e o palácio e todas as maravilhas que continha. E novamente se viu na sua casa pequena e sorriu para o jardim além da janela. A noite acabava quando o marido, estranhando a cama dura, acordou, e, espantado, olhou em volta. Não teve tempo de se levantar. Ela já desfazia o desenho escuro dos sapatos, e ele viu seus pés desaparecendo, sumindo as pernas. Rápido, o nada subiu-lhe pelo corpo, tomou o peito aprumado, o emplumado chapéu. (COLASANTI, 2012, n.p.).

<sup>1</sup> Fonte: <https://www.marinacolasanti.com/p/biografia.html>

O texto fala de uma moça que “Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear.” Uma mulher como muitas que têm a luta como rotina: professoras, executivas, donas de casas, costureiras, engenheiras, arquitetas, esportistas, cientistas etc... todas tecelãs de suas próprias histórias. Propor a criação de um espaço que possa ajudar algumas dessas mulheres a desenvolver sua capacidade de produção e com ela aumentar sua autonomia financeira para melhor conduzir suas vidas é a motivação desse trabalho.

O *CoSer coworking social*<sup>2</sup> de costura para mulheres de Duque de Caxias consiste na proposta de criação de um espaço compartilhado de trabalho. Nasceu do desejo de confeccionar um ambiente que pudesse oportunizar o aumento da autonomia financeira de mulheres através da capitalização resultante de sua força de trabalho através de um ofício que é notoriamente exercido por mulheres, a costura. Baseia-se na crença de que a profissionalização cria caminhos para um maior domínio do trabalho e aumento da autoestima profissional, proporcionando segurança para empreender em novas possibilidades e/ou iniciar seu próprio negócio, especialmente para as pessoas de baixa renda, público ao qual se destina. Resulta da inspiração da experiência de vida de uma mulher que iniciou sua vida profissional como costureira e, no momento dessa escrita, está tecendo sua formação de intelectual como pesquisadora na área de ciências sociais.

Ao empreender nessa jornada, me surpreendi com a dificuldade em encontrar textos sobre o tema. Nas buscas que fiz achei livros e artigos sobre moda, trabalho feminino, sobre a máquina de costura e outros temas relacionados ao campo, mas pouquíssimo material sobre as costureiras. Senti certo estranhamento diante dessa dificuldade, pois a maior parte da mão de obra da indústria da moda e o setor têxtil, que juntos movem valores expressivos para a economia em todo o mundo, está justamente no ramo da costura, ou seja, costureiras são as responsáveis por corporificar produtos que movem a área têxtil e a economia.

A indústria do vestuário caracteriza-se, assim, de um modo geral, por processos relativamente pouco automatizados e permanece bastante dependente da mão-de-obra direta. Predominam baixos níveis salariais, baixa escolaridade e alta rotatividade. Segundo dados da Rais/MTb, no Rio Grande do Sul, em 1994, 45,23% da mão-de-obra empregada<sup>1</sup> ganhavam de 1 a 2 salários mínimos. De acordo com a mesma fonte, a faixa de maior concentração de empregados, quanto ao grau de instrução, correspondia, naquele ano, à 8ª série incompleta, a qual abrangia 33,6%

<sup>2</sup> A palavra social foi acrescida como atendimento à sugestão da banca de aprovação dessa dissertação no intuito de acrescentar o conceito e funcionamento da economia solidária ao projeto, entendendo que essa concepção atende aos anseios das costureiras quando se referem ao coser como uma cooperativa.

dos empregados. Entre os desligados da indústria do vestuário, 49,02% haviam permanecido há menos de 1 ano no emprego, em 1996 (Caged/Módulo II/MTb). Quanto à distribuição dos empregados por faixa etária, em 1994, as faixas de maior concentração eram dos 30 aos 39 anos, correspondente a 28,47% dos empregados, e a dos 40 aos 49 anos, correspondendo a 22,15% (Rais/MTb apud in GAZZONA, 1993, p. 97)

Logo, há que se indagar o motivo da pouca produção de referências a respeito dessa ocupação. Talvez, isso ocorra pelo fato de a costura ser um trabalho operacional, um ofício, ocupações que o país desvaloriza em relação aos trabalhos ditos intelectuais, ou artísticos devido à influência de uma herança escravista da qual não conseguiu se curar.

Portanto, para realizar essa pesquisa, precisei buscar caminhos que permitissem traduzir o *CoSer* para o campo da escrita. Após análises e tentativas, chegamos à conclusão de que, sendo um produto que pretende atender a determinadas pessoas, precisávamos ouvir essas pessoas e escrever a partir do que dissessem. Então, de posse da motivação e objetivo da pesquisa, parti em busca do fio das vozes para me guiar.

O trabalho foi costurar as leituras com as entrevistas de um grupo de mulheres que exercem ou exerceram essa profissão, sempre ciente do meu lugar pesquisadora/objeto da pesquisa. A paixão pelo trabalho foi vigiada por minha orientadora que soube cortar meus excessos e situar meu chão. Sendo assim, o *CoSer* é uma peça feita a muitas mãos, a maior parte femininas: as minhas, as da minha orientadora, as das costureiras entrevistadas, as das professoras que compuseram a banca, as das professoras e professores com quem tive aula e as das pessoas da turma da qual fui parte.

### ***Trajetória***

Hoje, aos 51 anos, sou professora, revisora de textos, pesquisadora e aspirante à modista<sup>3</sup>, comecei a trabalhar, aos dezesseis anos, como aprendiz de costureira de produção de moda íntima. Não foi exatamente por escolha, foi a única oportunidade encontrada depois de 18 meses de busca constante. Isso ocorreu no ano de 1984, quando a conquista de um trabalho formal era ainda mais difícil para uma mulher negra e pobre.

Embora tenha começado como aprendiz, eu já sabia modelar, cortar e costurar, havia aprendido os primeiros pontos à mão em casa com minha avó materna. Aos quatorze anos, me

---

<sup>3</sup> Costureira que dá dicas de uso e conservação das peças que faz para suas clientes.

matriculei num curso de corte e costura do SENAI e pude aprender o ofício com uma ótima professora. O certificado desse curso foi fundamental para a conquista do meu primeiro emprego, que consistia em cumprir atividades em diferentes tipos de máquinas de costura, executando operações distintas na fabricação de peças íntimas com cumprimento de oito horas diárias de trabalho, acrescidas de uma pausa de uma hora para almoço e outra de vinte minutos distribuídos no decorrer do dia para beber água, usar sanitários e fazer lanches. . Durante a jornada de trabalho, eu devia apresentar as atividades solicitadas (costuras) em determinada quantidade para que pudesse ser contabilizada à minha produção, através da qual era calculada a remuneração, que tinha como base meio salário mínimo. A produção era contada em pequenos valores por lotes de cinquenta peças nas quais eu devia executar uma operação, como por exemplo, fechar laterais na máquina de overloque. A cada lote, alguns centavos eram acrescidos à remuneração base de maneira a compor meu ganho mensal (variável). As operações de produção deviam obedecer ao cronograma estipulado pela equipe de cronometristas<sup>4</sup>. Era uma atividade cansativa, mas não havia escolha. Então, de segunda a sexta, às 05h45min, eu estava no ponto no qual embarcava no ônibus da empresa, seguia para a fábrica para tomar café, cumprir o primeiro horário, passar por revista íntima<sup>5</sup>, almoçar, descansar, voltar à produção e, após a segunda revista do dia, pegar o ônibus de volta para casa. Depois de um ano, passei para o cargo de auxiliar de costura, tendo como remuneração base um salário mínimo inteiro mais os valores de produção (a soma dos centavos creditados a cada lote produzido). Saí dessa fábrica depois de um ano e meio, sabendo operar todas as máquinas das quais ela dispunha, não porque tivessem feito questão de me ensinar, mas porque reivindiquei o acesso sob o argumento de que o papel de uma aprendiz era aprender. Exerci a profissão de costureira até mais ou menos os vinte e três anos. Era década de noventa e o processo de desvalorização salarial da profissão de costureira já havia se iniciado, esse fato aliado ao cansaço físico que me mantinha fora das salas de aula foi decisivo para que eu me afastasse da profissão. Cheguei a fazer alguns cursos de modelista<sup>6</sup> de roupas, profissão que tem melhores salários e condições de trabalho, mas não consegui oportunidade de emprego na área. Voltei a estudar e ao me matricular no ensino médio, tive acesso a outras

---

<sup>4</sup> Profissional que cronometra os movimentos dos operários em fábricas e determina a sequência a ser seguida a fim de que a empresa consiga obter a melhor produção com o mínimo de tempo.

<sup>5</sup> Revista humilhante na qual as funcionárias eram examinadas da cabeça aos pés, tendo de tirar os sapatos, mostrar suas peças íntimas, ter seus cabelos apalpados com o argumento de evitar o roubo de peças. Essa prática hoje é proibida, mas as empresas, além de revistar as bolsas, estipulam uniformes que deixam o corpo da funcionária visível, como calça de meia e short com blusa de lycra e sapatilha.

<sup>6</sup> Profissional que elabora os moldes de roupas para serem cortados e confeccionados.

ocupações O sonho de ser estilista ou design de moda, que ainda hoje habita minha vida, não era uma opção para mim eu não podia estudar o dia inteiro sem trabalhar e nenhum emprego que eu arrumasse teria salário capaz de arcar com os custos desse curso.

Ingressei na faculdade de Letras da UFRJ em 1996, língua também trata de tecituras<sup>7</sup>, só que as dos textos. Esse projeto é, além de uma etapa do curso de mestrado, um resgate de minha origem, meu exercício de Sankofa<sup>8</sup>.

### **Metodologia**

A decisão pelo uso da metodologia de entrevistas se deu como tática para colher depoimentos que pudessem mostrar a relevância do projeto e desenhar como ele deveria ser pela visão de atores do universo a ser impactado pelo projeto. A oportunidade, também serviu para registrar o lugar da costura nas vidas dessas mulheres. O intuito foi mostrar como elas se relacionam com o ofício e, quando possível, aproveitar para, registrar algumas técnicas de costura que podem vir a se extinguir uma vez que a indústria têxtil vem passando por um processo de automação que pode resultar na extinção de alguns desses saberes.

As entrevistas foram colhidas no formato de entrevista qualitativa e a captura das falas foi feita por aparelho de celular, editadas e guardadas em meios digitais. O roteiros usados variaram conforme as agentes do processo, nem sempre a pergunta feita a uma serviu para outra de forma que, embora o formato tenha sido de entrevista temática para todas, há variações entre perguntas e respostas.

Sendo assim, a metodologia acrescentou, ao objetivo geral, **objetivos específicos**, como:

- Documentar o papel da costura na vida das mulheres entrevistadas;
- Criar um acervo de entrevistas que pudessem servir a pesquisas posteriores.

O tema utilizado foi a costura. A elaboração dos roteiros das entrevistas foi feita a partir dos conhecimentos adquiridos ao longo do curso a respeito dessa técnica de pesquisa e os procedimentos ocorreram, mais ou menos, nessa ordem:

---

<sup>7</sup> Característica de um tecido resultante do modo como os fios se entrelaçam; textura.

Fonte: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=jOoEW>

<sup>8</sup> Parte de um conjunto africano de ideogramas chamados *adinkra*, representado por um pássaro que volta a cabeça à cauda. O símbolo é traduzido por: “retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro”. Fonte: <https://projetomitologia1.wordpress.com/2011/10/10/sankofao-passaro-ancestral/>

- pesquisa bibliográfica sobre o trabalho feminino e sua evolução, momento atual e possíveis perspectivas;
- pesquisa bibliográfica sobre a costura e as costureiras para melhor conhecer esse universo, o impacto dessa atividade no quadro econômico e na vida das mulheres que a exercem e o valor que as pessoas, costureiras ou não, atribuem à atividade;
- pesquisa de dados sobre a indústria têxtil nos níveis Brasil, Rio de Janeiro e em Duque de Caxias;
- pesquisa sobre empreendedorismo, economia colaborativa e coworking - conceito, organização, funcionamento, para melhor entender e apresentar a proposta às entrevistadas;
- elaboração de perguntas;
- convocação por meio das relações pessoais de costureiras da Cidade de Duque de Caxias que tivessem interesse em participar da pesquisa a fim de traçar um perfil a ser atendido pelo projeto.

Inicialmente, pensei em entrevistar entre cinco e dez mulheres, mas a dinâmica determinou que fossem quatro. Três atuantes e uma aposentada. Todas trouxeram, além do material necessário ao trabalho da escrita, preciosas colaborações. D. Diva, a de maior idade, trouxe a memória do lugar, M<sup>a</sup> de Lourdes o exemplo da determinação e ensinamentos técnicos, que não couberam nessa pesquisa, Valéria trouxe o olhar prático de quem sabe que vencer é uma construção diária e Flávia novas perspectivas para futuros projetos.

Os perfis dessas mulheres estão no capítulo I “Quem são e porque moram em Duque de Caxias”, que se destina a apresentar as interlocutoras do texto e o lugar, o município de Duque de Caxias, que compõe, junto a outros treze, a Baixada Fluminense, e apresenta traços particulares. Nesse capítulo elas, as costureiras, contam um pouco da sua vida, o lugar do saber da costura em suas trajetórias e como veem o espaço no qual estão inseridas. A sorte de ter encontrado um grupo de mulheres com considerável diferença de idade entre si me permitiu percorrer um passeio pela história do local guiado por subjetividades.

No capítulo II escrevo “O que costuram e porque costuram”, penso que a profissão é uma forma de expressão, uma faceta do ser. A costura é um saber milenar que exige determinadas características de personalidade, é, também, um universo no qual cada especialidade tem complexidade própria, isso permite que as pessoas possam se especializar



num determinado fazer. Portanto, é interessante saber as singularidades de trabalho de cada uma dessas mulheres. Lá estão as motivações de cada uma, que variam desde a necessidade, passando praticidade e chegando à paixão. Veremos como a costura chegou e se estabeleceu na vida dessas trabalhadoras, a opção de cada uma dentro da área (modelagem e montagem, consertos), o que as levou a fazer essa opção, para quem e onde costuram (em casa, num “quartinho de costura”, ateliê etc.) costuram, as alegrias e desafios da profissão e como organizam seu trabalho.

O capítulo III é o momento no qual aparecem minhas aspirações tanto da pesquisa como do trabalho que a pesquisa inicia, o *CoSer*. Apresento a proposta a cada uma de minhas interlocutoras, explico, pergunto, ouço, escrevo e elaboro as avaliações, orientações, de cada uma. Esse capítulo é a união de plano com a pesquisa que gesta e dá à luz o *Coser* numa formação pela qual ele se aventurará pelo mundo dos projetos. O nascituro vem como apêndice.

A finalização desse texto marca a passagem de uma etapa, saio dela com maior amadurecimento e cuidado em meus posicionamentos e propostas e com maior familiaridade ao caminho da pesquisa e da posição conhecida nessa cultura como intelectualidade.

## 1 CAPÍTULO I

### 1.1 ELAS: QUEM SÃO E PORQUE MORAM EM DUQUE DE CAXIAS

A costura é um saber presente na história da humanidade desde seus tempos primórdios<sup>9</sup>, constitui trabalho de ressignificar um tecido. O processo se inicia pela ideia daquilo que se pretende obter, para as peças de vestuário e moda começa com um desenho, quando a estilista, design de moda, a costureira ou a modista<sup>10</sup> cria ou modifica um modelo para que seja concebido, depois são feitos os molde e a ficha técnica (no contexto de empresas). Feito isso, a costureira, para garantir caimento e vestibilidade<sup>11</sup> para peça em questão, deve se dedicar ao exame do material disponível, a fim de perceber quais operações devem ser aplicadas naquele tecido, observar fio<sup>12</sup>, trama etc..

O CoSer – coworking social de costura para mulheres de Duque de Caxias se iniciou com o desejo de criar um espaço que viabilize o trabalho de costureiras autônomas desprovidas de instrumentos (máquinas e mobiliário) para o exercício do seu ofício. Início o trabalho com um capítulo que apresenta as tecelãs, um grupo de quatro mulheres, e o lugar onde vivem. Elas por suas próprias palavras, em diálogo com textos, informações e dados, falam o que pensam de Caxias, como e porque vivem no município e contam um pouco de suas histórias de vida. Vamos viajar no tempo com D. Diva, entender um pouco da dinâmica da cidade com M<sup>a</sup> de Lourdes e Valéria e compartilhar as perspectivas de Flávia; vamos nos indignar com números e fatos, mergulhar num ambiente ruidoso, poluído, confuso e exuberante; vamos amar e odiar esse lugar, exercício comum dos habitantes daqui.

“Próxima estação: Duque de Caxias! Ao desembarcar observe atentamente o espaço entre o trem e a plataforma!”<sup>13</sup>

---

<sup>9</sup> “Já na Pré-História se cosia: provam-no ferramentas de costura primitivas, tais como agulhas feitas de ossos, espinhas, espinhos de plantas e madeiras encontradas em variados locais.” (CARVALHO. 2007).

<sup>10</sup> A modista era uma profissional autônoma que desenhava, modelava, cortava e costurava modelos de roupas para mulheres e crianças.[...] havia uma diferença fundamental entre a modista e a costureira: a primeira entendia muito de moda. Ela desenhava os modelos e dava dicas para as suas clientes se vestirem à última moda e valorizarem o que elas têm de melhor. (Rubbo Escola de moda e manualidade)

<sup>11</sup> Característica que garante a possibilidade de vestimenta e mobilidade da peça de roupa.

<sup>12</sup> Operação pela qual a costureira verifica o melhor posicionamento da peça a fim de obter o caimento desejado. Essa operação é feita colocando o tecido numa mesa e esticando-o delicadamente nos sentidos horizontal e vertical.

<sup>13</sup> Anúncio sonoro dos trens da Supervia.

Para observar o ambiente, pelo olhar das minhas interlocutoras, recorro também às palavras de Michel de Certeau (1998) que, em sua obra *A invenção do cotidiano – Artes do fazer*, mostra como o relato tem a potência de misturar lugar e espaço e de o transformar, no sentido literal de transcender a forma. Ou seja, o relato dá vida a um lugar, faz dele algo dinâmico, vivo, como aparece nas entrevistas apresentadas nesse capítulo. Certeau define lugar como entidade estática e espaço como conjunto de grandezas que são animadas por movimentos, nas palavras do autor: “Os relatos efetuam, portanto, um trabalho que, incessantemente, transforma lugares em espaços e espaços em lugares. Organizam, também, os jogos das relações mutáveis que uns mantêm com os outros.” (CERTEAU, 1998, p. 203).

No sentido de criar um projeto, pode-se dizer que não se deve esquecer dados estatísticos e critérios burocráticos, que serão trabalhados no momento de execução. No sentido de escrever, posso dizer que é indispensável considerar o aspecto humano, o singular, o sonho que é de onde nasce essa proposta. Portanto, trabalharei aqui o momento da potência onírica de onde nascem tantas realizações da nossa selva de pedra. Quanto aos dados práticos deve-se ter em mente que o território ao qual me refiro é um município com atividade econômica relevante e muitas desigualdades

Se como diz Certeau, “Todo relato é uma viagem – uma prática do espaço” (CERTEAU, 1998, p.200), faço um convite para embarque com destino à Meriti de D. Diva, a primeira entrevistada dessa pesquisa. “Eu sou eu. Eu sou a Diva, conhecida de todo mundo! Nasci aqui em Caxias mesmo, que era Meriti quando eu nasci. Naquele tempo, era Meriti, era tudo junto, não tinha Caxias ainda, depois que dividiu...” (DUARTE, Diva. 2019) explica.

Dona Diva Batista Duarte tem noventa e nove anos e seis meses, concedeu as entrevistas com muita alegria e entusiasmo e com postura diferente de acordo com o tema. Quando era pra falar da costura, ela se mostrava séria, concentrada e se esforçava para dar dados, datas e informações precisas, já ao falar de sua história, se mostrava descontraída, ria, fazia perguntas e interagia bastante. Mulher, elegante e com muito apreço aos estudos, lamenta só ter frequentado até o segundo ano do ensino fundamental. Frisa que fez questão de que os seus dez filhos estudassem e aprendessem um ofício e fala com muito orgulho das filhas e netas que se tornaram professoras, nenhum dos seus filhos é costureiro(a). D. Diva perdeu o pai aos quatro anos e a mãe aos doze, quando passou a ser criada por uma tia. Aos treze anos, foi trabalhar como empregada doméstica no bairro da Urca na zona sul da cidade do Rio de Janeiro onde conheceu seu marido. Depois de casada, passou a trabalhar em casa,

onde dividia seu tempo entre o trabalho doméstico e a confecção de roupas para clientes ou para comercialização em barraca na feira.

Figura 2: D. Diva e eu.

Foto tirada por uma neta da entrevistada em visita informal.



A Meriti de que D. Diva fala era o nome de um conjunto de quatro dos onze municípios que hoje formam a Baixada Fluminense.

A história de Duque de Caxias confunde-se com a dos municípios que lhe são vizinhos. Isso porque, até a década de 1940, Duque de Caxias, São João de Meriti e Nilópolis, juntos com Nova Iguaçu, formavam um só município. A região onde está inserido o município, desde o período da ocupação europeia, teve sua história estreitamente relacionada à da cidade do Rio de Janeiro. Situando-se às margens da Baía da Guanabara, teve seu desenvolvimento ligado à extensa rede hidrográfica que a cortava. Através dos rios, realizava-se o escoamento da produção local e estabeleciam-se os elos de comunicação entre o interior e o litoral, favorecendo a ocupação das cercanias da Baía pelo interior serrano.

O povoamento da região data do século XVI, quando foram doadas sesmarias, durante a expulsão dos franceses que haviam invadido a Baía de Guanabara. Um dos agraciados foi Cristóvão Monteiro que recebeu terras, em 1565, às margens do rio Iguaçu, que formaram a Fazenda do Iguaçu, sendo a mesma, mais tarde, adquirida pela Ordem de São Bento, tornando-se então a mais antiga e importante fazenda localizada na região que hoje constitui o município de Duque de Caxias. (Fonte: página virtual da Câmara Municipal de Duque de Caxias).

O cenário no qual se desenha o município de Duque de Caxias, situado na região metropolitana do Rio de Janeiro. Tem, como toda cidade, características próprias.

Nossa entrevistada nasceu no bairro Tanque do Anil<sup>14</sup> e passou os primeiros anos de sua vida numa casa humilde, como era a maioria das casas do município e naquela época.

[...] Aí, quando eu nasci, meus pais tinham vindo de Ramos<sup>15</sup>, do Rio de Janeiro para morar aqui. Aí, foram... Por aqui tudo era mato, era muito grande. Então, tava (sic) um loteamento lá no Tanque de anil... aí, compraram terreno lá. Um terreno até grande [...]

Mas quando eu nasci era Meriti...

É minha filha, Caxias. Hoje, Caxias, antigo Meriti, era mato!

Aqui essa baixada que nós moramos agora<sup>16</sup>, que você vê essa cidade. Você tinha de ver menina como é que era.

Pra cozinhar tinha dia que a gente tinha de ir no mangue, que era onde é essa favela hoje em dia aqui do lado de cá<sup>17</sup>, onde a gente panhava (sic) lenha, aquilo ali tudo era brejo, a gente panhava (sic) caranguejo, siri... (DUARTE, Diva. 2019)

A cidade, que hoje tem seu centro comercial ruidoso e movimentado, conta apenas setenta e seis anos de idade<sup>18</sup> e era um lugar bem diferente na infância e juventude de nossa costureira com mais tempo de vida.

[...] Era muito vazio, não tinha, assim, população, tinha uma casa aqui, dez, quinze metros de distância pra outra... e tudo casinha humilde, casebre! Porque, a casa dos meus pais, foi construída pau-a-pique.

Você sabe o que é pau-a-pique, né?! Era aquela madeira cruzada e depois, então, coberta de barro.

Minha casa era assim.

Ali eles viveram muitos anos e tudo, eu tive meus irmãos, um casal de irmãos depois. Era Valentina, Nicanor... aí, teve o Claudinor e eu, eu fui a última do casamento do meu pai com minha mãe. Depois, quando meu pai morreu, minha mãe casou de novo e vieram outros irmãos. (DUARTE, Diva. 2019)

D. Diva viveu sua infância numa “Caxias” com condições de vida precárias que se refletiam na vida dos habitantes de várias maneiras, nas moradias, transporte, acesso à saúde, educação e outros direitos básicos. Em seu relato, fala com naturalidade de um número considerável de mortes no seu seio familiar e da dificuldade de acesso aos serviços de saúde que havia naquele tempo.

<sup>14</sup> Bairro próximo à Rodovia Washington Luiz, uma das vias de entrada de Duque de Caxias que atravessa a cidade pelo lado Sul e faz sua ligação com outras cidades como Rio de Janeiro e Petrópolis.

<sup>15</sup> Bairro de Ramos, Rio de Janeiro.

<sup>16</sup> Centro de Duque de Caxias.

<sup>17</sup> Favela Vila Ideal, localizada no centro de Duque de Caxias.

<sup>18</sup> Os anos 1940 encontraram o Distrito com uma população que já atingia a casa dos 100.000 habitantes. Em 31 de dezembro de 1943, através do Decreto Lei nº 1.055, foi criado o Município de Duque de Caxias, porém somente em 1947, foi eleito o primeiro Prefeito por voto popular, tendo a Câmara Municipal sido instalada no mesmo ano. [https://www.cmdc.rj.gov.br/?page\\_id=1155](https://www.cmdc.rj.gov.br/?page_id=1155)

[...] Depois meu pai morreu, eu tinha quatro anos...  
 Antes minha mãe tinha comprado esse terreno aqui<sup>19</sup> com meu tio. Comprou para construir. Aí, conclusão, nesse intervalo, ele morreu...  
 Aí, ficou meu tio, quando passou assim, uns quatro anos meu tio morreu também. Ficou minha mãe com eu e o Claudionor, porque o Nicanor e a Valentina já haviam falecido lá no Tanque de anil...  
 Morreram pequeninhos, crianças os dois...  
 Morria muita gente, porque não tinha meios de tratamento e aquela coisa toda. Quando nós tínhamos qualquer doença, a gente tinha de tratar lá no posto onze, na Penha<sup>20</sup>. Tinha que pegar o trem, sair de madrugada, porque o primeiro trem era 5h. Aí, quando chegava na Penha, soltava e andava um pouco pra frente. Aqui não tinha nem farmácia [...]  
 Tinha rezadeira<sup>21</sup>, rezadeira era o que mais tinha. Tratava com folha de mato e todo mundo ficava bom, tanto que eu estou aqui até hoje... e até que eu era uma negrinha bem gordinha, sabe?! [...]  
 Aí, nós vivemos essa vida assim.  
 Pra cozinhar tinha dia que a gente tinha de ir no mangue, que era onde é essa favela hoje em dia aqui do lado de cá onde é a favela hoje em dia, a Vila Ideal<sup>22</sup>... aquilo ali tudo era brejo.  
 Mamãe ia lá com meu irmão, a gente já era grandinho, catava aqueles gravetos, trazia pra poder, acender fogo, fazer comida, fazer um chá, uma coisa assim. Feijão, aí, guardava a lenha grossa pra cozinhar o feijão... panela de barro...  
 Tinha horta, aqui nós sempre plantamos, né? Depois que nós viemos pra cá sempre plantamos. Tinha horta, tinha couve, tinha repolho, tinha pimentão, tomate, abóbora, berinjela, porque terra era fértil, né?! (DUARTE, Diva. 2019)

A cidade, que hoje tem poucos espaços arborizados, à época que D. Diva narra era um lugar com bastante verde, isso porque grande parte do seu território era coberto por vegetação da mata Atlântica, como afirma Braz (2006):

Originalmente, essas terras eram cobertas pela Mata Atlântica e por uma vegetação de várzeas e manguezais. Seu relevo formado por planícies mais amplas a leste vai ganhando altitude na medida em que acompanha o curso dos rios em direção às suas nascentes a oeste e a noroeste. Inúmeras elevações, morros e colinas pontilham seu território, tornando-se mais compactos ao se aproximarem das encostas da serra do Mar (norte-noroeste) e do maciço Medanha-Gericinó (sul). Sua complexa rede hidrográfica é formada pelas bacias dos rios Merity, Sarapuí, e mais ao norte, pelo Estrela-Inhomirim, nascendo nas altitudes que margeiam a região e correndo em baixa declividade pela planície, o que dificulta seu escoamento, formando e alimentando inúmeros brejos e pântanos (BRAZ, 2006, apud SILVA, 2008, p. 51)

<sup>19</sup> Terreno no qual D. Diva mora hoje.

<sup>20</sup> Bairro da zona norte do Rio de Janeiro.

<sup>21</sup> Rezadeiras são mulheres que examinam, rezam e medicam as pessoas com ervas, um tipo de medicina popular usado na baixada por muito tempo. Ainda hoje, há quem procure as rezadeiras como medicina alternativa.

<sup>22</sup> Favela da Vila Ideal localizada no centro de Duque de Caxias, fica ao lado do Rio Meriti, na fronteira entre Caxias e Rio de Janeiro.

A localização geográfica estratégica do município, que fica entre a Baía de Guanabara e a Serra Fluminense, favoreceu conexões e investimentos na região desde muito cedo. A página virtual da Câmara Municipal da cidade apresenta os seguintes dados sobre esse ponto:

A região onde está inserido o município, desde o período da ocupação europeia, teve sua história estreitamente relacionada à da cidade do Rio de Janeiro. Situando-se às margens da Baía da Guanabara, teve seu desenvolvimento ligado à extensa rede hidrográfica que a cortava. Através dos rios, realizava-se o escoamento da produção local e estabeleciam-se os elos de comunicação entre o interior e o litoral, favorecendo a ocupação das cercanias da Baía pelo interior serrano. [...]

Já no século XVIII, a relação da cidade carioca com a região da Baixada se estreitou ainda mais, através dos caminhos que ligavam a região das Minas Gerais, quando o eixo econômico do Brasil em sua relação com Portugal voltou-se para o ouro do planalto mineiro. Com a necessidade do escoamento do ouro e o abastecimento da província mineira, a região da Baixada da Guanabara passou a ter importância estratégica, pois se tornou área obrigatória de passagem, por conta de seus rios, bem como pelas estradas que foram abertas através das serras para que o trânsito de mercadorias se desenvolvesse. O Caminho Novo do Pilar, aberto devido às necessidades oriundas da mineração, entre elas a de se abrir um caminho rápido, econômico e seguro, que ligasse o Rio de Janeiro à região das Minas Gerais, intensificou as relações daquela cidade com os portos da Estrela, Pilar e Iguaçu. (Câmara Municipal de Duque de Caxias – CMDC. 2019)

No entanto, as mesmas condições que atraíam pessoas também as afastavam.

Dessa maneira, a Meriti, que havia sido ocupada devido às suas características geográficas e ambientais, num curto espaço de tempo, passou a ser um lugar ermo e pouco habitado devido a questões inerentes dessas condições.

Apesar da decadência da mineração, a região manteve-se ainda como ponto de parada e abastecimento de tropeiros, assim como local de passagem de mercadorias. Até o século XIX, o desenvolvimento das áreas no entorno da Baía foi notável. Entretanto, a impiedosa devastação das matas, assoreamento e obstrução dos rios, e o consequente transbordamento destes, favoreceram o surgimento de epidemias de doenças endêmicas da região, como a malária e o cólera. Muitos abandonaram a região que, praticamente, ficou inabitável. (CMDC - Câmara Municipal de Duque de Caxias, 2019)

Atualmente, há investimentos de empresas nessa região que forma uma “costa” do município. No entanto, não se observam investimentos em infraestrutura ou no entorno da cidade. As empresas apenas chegam, se instalam e fazem suas atividades, muitas vezes empregando mão-de-obra de outros municípios. De forma que a população local não é impactada de maneira positiva pelo número de empreendimentos instalados na cidade. (CAMAZ, 2015)

Empresas de vários segmentos têm-se instalado em Duque de Caxias, tais como o Jornal O Globo e o Carrefour, aproveitando a privilegiada posição do município, próximo das principais rodovias brasileiras: Linha Vermelha, Linha Amarela, Rodovia Presidente Dutra, Rodovia Washington Luiz e Avenida Brasil, além da proximidade do Aeroporto Internacional Tom Jobim e a distância de apenas 17 km do Centro do Rio, levando seus produtos facilmente para grandes centros consumidores: São Paulo, Minas Gerais e Sul do Brasil. (CAMAZ, 2015, p.3)

Esse fator poderia ser ainda mais relevante se houvesse um tratamento adequado das águas da Baía, fazendo um trabalho de despoluição que tornasse as águas navegáveis a ponto de suportar a instalações de transporte aquaviário, fato que teria impacto positivo na mobilidade e qualidade de vida não só dos moradores de Caxias, como de toda a região metropolitana, devido ao escoamento que seria proporcionado ao fluxo de veículos que ocupa, nos horários de ida e volta ao trabalho, a Av. Brasil e na Linha Vermelha, acessos rodoviários que fazem a ligação entre o Rio de Janeiro e a região metropolitana. O projeto de instalação desse tipo de transporte já foi apresentado por diversas frentes e candidaturas sem nenhuma ação efetiva. Um estudo Firjan afirma:

Já a ligação entre a Praça XV e Duque de Caxias possui potencial para realizar 26,6 mil viagens/dia, equivalente a 9,8 mil veículos, o que poderia reduzir os congestionamentos na Rodovia Washington Luiz e na Avenida Brasil em 8,2 km/dia. (FIRJAN, 2017)

Saneamento básico e infraestrutura são problemas que se arrastam há muito tempo na história da cidade. A escassez de recursos aparece na fala de D. Diva, quando menciona a distribuição dos recursos como a água, que é um problema antigo em Caxias. Essa “questão da água” vem de longa data e se estende a grande parte da Baixada Fluminense

Tinha poço, poço era o que mais tinha dentro de Caxias, mas nem toda água não era boa. Aqui em casa mesmo, tinha um poço, todo ano ele secava. Então, mamãe ia pra lá, pra fila, pra panhar (sic) uma aguinha. Que tinha ali na praça onde é o teatro, a torneira ficava ali, mas mais pra cima... Ali que era a bica, tinha um monumento alto com quatro torneira em frente à bica, ficava onde a gente entrava pra pegar o trem. A fila demorava porque era tudo lata de vinte, de dez<sup>23</sup>, cada um queria levar sua lata cheia pra casa, né?! Às vezes, tinha pouca gente, mas tinha dias que tinha gente à beça na fila. A gente ficava 1h, 2h na fila e aquela água não era “chroooooorr”, não. Era aquela água fraquinha. Então, a gente tinha, que queria trazer água pra casa, tinha que esperar, né?! (DUARTE, Diva. 2019)

---

<sup>23</sup> Latas de vinte e dez litros, que as pessoas enchiam de água para carregar nos braços ou cabeça para suas casas e usar para consumo e preparo de alimentos.



A paisagem da cidade que D. Diva descreve é totalmente diferente da atual, hoje a Praça do Pacificador, que é onde ficavam as bicas, está ocupada por lojas e foi estendida e ampliada. No lugar das bicas, primeiro foi colocado asfalto e há pouco tempo, foi construído um mergulhão que serve como passagem entre os dois lados do município. Em Caxias, como em outros lugares da Baixada Fluminense, a cidade perdeu a herança de traços históricos dos quais só se tem conhecimento através de pesquisas. Há muitos pontos importantes como esse das bicas nos quais não há nenhuma marca do que existiu ali, é um apagamento que faz perder um pouco da identidade local, nesses lugares há uma parte da história que é mais acessível pelas falas das pessoas que guardam imagens em suas lembranças.

D. Diva associa a ocorrência de doenças como a malária, ao fato de que as pessoas bebiam água sem tratamento, Ocorre que ainda hoje, no município, há na região quem consuma água de poço no preparo de alimentos e até mesmo para ingestão.

E aqui dava febre, é... Ai, meu Deus, como era o nome? A febre que dava aqui? Malária!

Febre malária que dava. Então, tinha um posto que acabou... onde é o hospital infantil<sup>24</sup>. Tinha ali aquele posto, então, tinha uns homens que vinha nas casas pra trazer o remédio pro pessoal pra curar a febre malária<sup>25</sup>, ainda tem esse posto sim. Minhas crianças quando eu podia, eu levava ali, que já estava aqui mesmo, era um posto muito bom. (DUARTE, Diva. 2019)

Diante desse cenário de escassez e dificuldades que até aqui tem se desenhado, fica fácil entender a classificação da Baixada Fluminense como um “sertão carioca”, como relata Vilma Silva (2017) em sua dissertação.

[...] A partir do século XV, a palavra “sertão” passou a designar espaços vastos, interiores, situados em regiões recém-conquistadas e desconhecidas. Continuou a ser

<sup>24</sup> UPA Pediátrica Dr. Walter Garcia Borges, localizada na Av. Presidente Kennedy, na divisa entre Duque de Caxias e Vigário Geral-RJ. Antigo hospital infantil.

<sup>25</sup> Influenciados pelas denúncias reveladas em “Os Sertões”, que identificavam o sertão como o lugar do esquecimento, do abandono pelos poderes públicos e, ao mesmo tempo como “berço da nação onde se desenvolveu a nossa verdadeira nacionalidade”, (TEMPERINI, 2003:11) cientistas e intelectuais iniciaram um projeto de modernização e integração nacional, isto é, o grupo envolvido assumiu a missão de recuperar e integrar o país e o homem do interior através de campanhas e ações de saneamento e profilaxia nos “sertões” brasileiros. [...]

A intenção do governo, com as ações implementadas para transformar o “sertão” da Baixada Fluminense pareciam se concretizar. O sertão não mais representaria o “inferno”, mas sim o “purgatório”. Um lugar em processo de modernidade, onde as características inóspitas antes encontradas estariam em direção a mudanças significativas. Nesse sentido, as ações políticas ajudariam nesse processo, possibilitando amenizar a situação precária dos habitantes dessas localidades, como também, contribuir na construção de uma nova realidade de vida. (SILVA, 2008, p. 48).

utilizada até o final do século XVIII, pela Coroa portuguesa e por seus representantes – autoridades lusas -, nas colônias.

Em documentos oficiais do século XVIII, no Brasil, há relatos da utilização deste conceito. [...]

Portanto, observamos que o conceito “sertão” designou quaisquer espaços amplos, longínquos, desconhecidos, desabitados ou pouco habitados, no Brasil, desde o período colonial. O conceito foi empregado pelos portugueses, para nomear áreas distintas, por exemplo, o interior da capitania de São Vicente, e a região de Iguaçu, atual município de Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro. (SILVA, 2008, p. 46-47)

O problema da água ainda é crônico, há bairros nos quais muitos domicílios não recebem água tratada e muitas pessoas precisam, nos dias de hoje, fazer procedimento parecido com o relatado por D. Diva. Os constantes episódios de falta d’água se refletem no fato de a maioria das casas ter reservatório, cisternas, a até poços artesianos. Ainda são frequentes os casos de doenças relacionadas à distribuição de água potável e saneamento básico<sup>26</sup>. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, o município apresenta os seguintes dados referentes a fatores relacionados com a qualidade de vida que são contraditórios com os números de arrecadação registrados, conforme veremos mais adiante. Alguns dos marcos são esses:

#### **Território e Ambiente**

Apresenta 85.3% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, 47% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 68.2% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada (presença de bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio). Quando comparado com os outros municípios do estado, fica na posição 19 de 92, 66 de 92 e 10 de 92, respectivamente. Já quando comparado a outras cidades do Brasil, sua posição é 691 de 5570, 4237 de 5570 e 111 de 5570, respectivamente.

#### **Saúde**

A taxa de mortalidade infantil média na cidade é de 14.35 para 1.000 nascidos vivos. As internações devido a diarreias são de 0.3 para cada 1.000 habitantes. Comparado com todos os municípios do estado, fica nas posições 30 de 92 e 37 de 92, respectivamente. Quando comparado a cidades do Brasil todo, essas posições são de 2059 de 5570 e 3907 de 5570, respectivamente. (IBGE, 2017)

O cenário de falta de recursos fez com que o município, durante muito tempo, fosse palco de ações de personagens que se apresentavam como heróis assistencialistas e institucionalizavam a violência como forma de manter a ordem, cultivando a cultura do

<sup>26</sup> Em pesquisa da Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip) Instituto Trata Brasil entre 2008 e 2011, D. de Caxias aparece como “o município com a maior proporção de crianças entre as pessoas internadas por diarreia no país, com 77,1%. O estudo, que considera o impacto da falta de “esgotamento sanitário na saúde das pessoas, aponta a cidade, que apresenta a média de internação de 58,6%, na 37ª posição entre outras cidades analisadas. São números alarmantes que segundo a diretora do Departamento de Vigilância em Saúde da Secretaria Municipal de Saúde de Duque de Caxias, Sandra Vitória Martins, estão relacionados à falta de tratamento da água na região. (BARBOSA, 2017).

coronelismo, que ainda se faz presente, entre seus habitantes. Esse fato aparece na fala de D. Diva quando ela se recorda de Tenório Cavalcanti<sup>27</sup>, famoso personagem da política “Caxiense” que teve sua história narrada no filme *O Homem da Capa Preta*<sup>28</sup>:

E minha mãe, isso aí eu era criança, ela foi lavadeira do Tenório...

A gente ia levar roupa, quando ela lavava, ela ia com aquele pacote, tudo passadinho a ferro, enrolado numa toalha, ou num papel pra levar a roupa pra ele... E ele tinha vários empregados que era um depósito, ele tinha uma estância de lenha, que vinha aquelas madeira lá num sei de onde, muita madeira... Aí, minha mãe era lavadeira dele.

Depois, ele foi ficando conhecido aqui em Caxias, aquela coisa toda. Aí, ele veio casar com uma menina que eu estudei, eu no segundo ano e ela já terminando, já mocinha. Mas naquela época não tinha assim grandes personagens pra se casar com as moças do lugar...

Então, o pai dela era, parece que era italiano, era Genaro. Que tem essa rua aqui que passa o ônibus, Genaro Lomba. Tenório casou com a Valquíria.[...]

Sim, ele era assim mesmo como as pessoas falam.<sup>29</sup>

É tudo verdade. Mas ele era muito bom. Ele tirava dos que tinha pra dar pros pobres. Ele era uma pessoa boa, sempre pagava direitinho, os empregados, minha mãe todo mundo gostava dele.

E a água aqui de Caxias, eu não me lembro bem esse período, mas quem ia aumentar a potência da água era o Tenório...

Não sei, porque depois houve aquela coisa com ele, aquela confusão de homem da capa preta e aí, aquela coisa toda, né?!

Nesse tempo, eu trabalhava lá fora<sup>30</sup> já não tinha como eu saber.

Mas vinha de São João, Ih!

Muitos anos, a gente ia pra aquele lado de lá, encontrava aqueles canos grossos, grande que era pra botar água aqui em Caxias e o Tenório não chegou a botar, porque não teve condição, né?! Que vontade ele teve. (DUARTE, Diva. Maio/2019. D. Caxias. RJ.)

A violência está presente na rotina da cidade e se apresenta de várias formas, nos casos de ataques armados, roubos a transeuntes, ônibus e a estabelecimentos comerciais e nos

<sup>27</sup> Natalício Tenório Cavalcanti de Albuquerque (1906 a 1987) foi liderança política em Duque de Caxias, alagoano, veio para o Rio de Janeiro em 1926, em 1927 administrou uma fazenda em Duque de Caxias onde criou fama de pistoleiro[...] Em 1954, lançou o diário *Luta Democrática*... em linguagem popular e sensacionalista. Em 1954, foi reeleito deputado federal com 42.060 votos. Em 1958, distribuiu terras e auxílio aos flagelados da enchente. Dedicou-se à Fundação São José, com conjunto habitacional para dez mil pessoas, aluguéis baratos, escola para cinco mil crianças e cursos profissionalizantes. Em 1984 teve publicado o livro *Tenório, o homem e o mito*, de sua filha Maria do Carmo Fortes. Em 1986 a dissertação: *Capa Preta e Lurdinha*. Fonte: *Dicionário bibliográfico* CPDOC-FGV.

<sup>28</sup> *O Homem da capa preta* apostrofa o nome de Tenório Cavalcanti e nome do filme (1986) que retratou sua, a capa servia para esconder “Lurdinha”, sua metralhadora, confiscada pelo exército em 1954, hoje em exposição no Museu do Batalhão de guardas.

<sup>29</sup> D. Diva refere-se à fama de homem violento, matador que Tenório Cavalcanti tinha. Ela, como muitos habitantes de Caxias não pronuncia essas palavras para se referir a ele, como a outras figuras da cidade, prefere dizer “Assim mesmo como as pessoas fala.”

<sup>30</sup> D. Diva trabalhou em casa de família dos 13 aos 26, na zona sul. Durante esse período, só vinha pra casa nos fins de semana.

confrontos entre os agentes de segurança pública que destaco abaixo a partir de uma pesquisa do Instituto de Segurança Pública (ISP):

Os homicídios decorrentes de oposição à intervenção policial apresentaram queda de 11,4% em março no estado. Este ano foram registradas 109 mortes, ou 14 a menos do que o mesmo período do ano anterior. As Áreas Integradas de Segurança Pública que apresentaram a maior queda foram as AISP 15 (Duque de Caxias), 05 (Gamboa, Centro (parte), Santo Cristo, Saúde, Lapa, Paquetá e Santa Teresa) e 22 (Benfica, Bonsucesso, Higienópolis, Manguinhos, Maré e Ramos) com oito, sete e cinco mortes a menos, respectivamente. (NASCIMENTO, 2018)

Importante citar a questão da violência contra a mulher que tem aumentado de maneira alarmante tanto no âmbito público, como no doméstico trazendo para o município o recorde desse triste problema. “O município de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, bateu um triste recorde no primeiro mês de 2019: foi o local de maior registro de violência doméstica somando 1.073 casos. Em seguida, vem a Regional da Leopoldina, com 936...” (PJERJ, 2019)

Voltando ao relato de D. Diva, entre as décadas de trinta e quarenta, o trânsito das pessoas no interior de Meriti ocorria a pé, a cavalo ou de carroça, já para o município do Rio era necessário pegar o trem conforme D. Diva nos relata. A instalação da via férrea foi uma forma de revitalizar a cidade de Duque de Caxias e integrá-la ao Rio de Janeiro<sup>31</sup>.

[...] Tinha o trem, mas era assim... eu não sei bem a história do trem, mas tinha um trem que vinha de Mauá<sup>32</sup> [...] Então, só tinha aquele trenzinho e daqui de Caxias, aqui em Meriti. Era assim, vinha um 5h da manhã, cruzava na Penha<sup>33</sup> com o que ia sair daqui cinco da manhã, encontrava um com outro na Penha. Um saía daqui de Caxias e outro saía da Penha.

<sup>31</sup> A recuperação de Meriti começou a se insinuar com o advento da estrada de ferro, que ditava novos traçados nos caminhos, modificando por completo as relações comerciais e a ocupação do solo. Foi o início do processo de surgimento de vilas e povoados que se organizaram em torno das estações ferroviárias, origem dos muitos bairros das nossas atuais cidades. Quando a ferrovia atingiu o vale de Meriti, a região começou a sofrer os efeitos da expansão urbana da cidade do Rio de Janeiro. Com a inauguração da Estrada de Ferro Leopoldina, em 23 de abril de 1886, a localidade ficou definitivamente ligada ao antigo Distrito Federal.

<sup>32</sup> Guia de Pacobaíba também conhecido como Praia de Mauá, é um bairro-distrito de Magé. Foi inaugurada em 30 de abril de 1854 e pertencia às linhas EF Mauá (1854-1878); EF Príncipe do Grão Pará (1878-?); EF Leopoldina (?-1962). A ocupação da orla da Baía de Guanabara no município de Magé iniciou-se com as primeiras sesmarias que datam ainda no século XVI. Já em meados do século XVII foram construídas as primeiras igrejas-matrizes das freguesias de Magé, Suruí e Guia de Pacobaíba. No século XVIII elas foram reconstruídas, assim como suas capelas filiais, em torno dos quais se agruparam arruamentos. As igrejas e capelas, construídas a uma certa distância uma da outra, constituíam uma rede. Posteriormente, a abertura das primeiras estradas de ferro vieram conferir novamente animação urbana na orla da baía, preservando sua função de elo entre a cidade do Rio de Janeiro e a região serrana. Atualmente está abandonada.

Fonte: <https://casafluminense.org.br/estacoes-de-trem-historia-conta-nosso-passado-em-trilhos/>

<sup>33</sup> Bairro da Penha- RJ.

Aí, ficava lá no Rio, o que saiu de Caxias ficava no Rio... só voltava de tarde... Só tinha um pra ir e voltar por dia... Cheio? Cheio, nada... tinha um passageiro, dois, três passageiros em cada vagão.

[...] A primeira linha de ônibus que veio ter aqui em Caxias foi na Penha... as pessoas andavam a pé aqui em Caxias. (DUARTE, Diva. 2019)

Despedimo-nos da antiga Meriti com a história de uma escola pela qual D. Diva tem muito apreço e, por isso, fez questão de citar, e da qual, embora a tenha frequentado por pouco tempo, guarda muitas lembranças. Foi lá nas “aulas de profissões” que eram ministradas para as crianças que ela aprendeu os primeiros pontos da costura, pois a escola ensinava ofícios aos seus alunos.

E com isso, minha filha, a gente foi crescendo, muita dificuldade, quando eu tinha oito anos foi que eu conheci o colégio lá em cima, o Álvaro Alberto...

[...] Também, não fiquei muito tempo lá não, não me lembro nem o período que foi, eu só sei que eu estive lá. Então, eu tenho lembrança das hortas que as crianças faziam, dos trabalhos que elas ensinavam. Trabalho manual, nós fazíamos, assim, bonequinha de pano, fazia vestidinho pras bonecas, fazia chapeuzinho, aquele chapeuzinho. A gente fazia uma rodinha, depois franzia, aí puxava, virava um chapeuzinho. E os meninos faziam, assim, de madeira, móveis, caminha, banquinho, mesinha.

Tinha a horta e o que eu me lembro são essas coisas, assim. (DUARTE, Diva. 2019)

O colégio ao qual ela se refere é a antiga Escola Proletária de Meriti que, como o próprio nome dizia, foi idealizada para os proletários e tornou-se um marco na história de Duque de Caxias e hoje é patrimônio histórico e cultural do município devido às suas práticas educacionais inovadoras para a época de sua criação. Atualmente tem o nome de Escola Municipal Álvaro Alberto.

A escola Regional de Merity representa um marco na história da educação, por seu pioneirismo na implementação dos princípios e práticas pedagógicas da Educação Renovada no Brasil. Foi fundada em Meriti (no presente, parte da cidade de Duque de Caxias/RJ), pela Professora Armanda Álvaro Alberto, com a colaboração de outros idealistas. Inicialmente denominada Escola Proletária de Merity, foi idealizada para oferecer, gratuitamente, educação aos trabalhadores do local e a seus filhos, inaugurando suas atividades em 13 de fevereiro de 1921. Ante a falta de recursos para a realização do curso noturno, concentrou o atendimento às crianças. Conhecida como “Mate com Angu”, em alusão à merenda servida, recebeu, em 1964, seu nome atual: Escola Dr. Álvaro Alberto. (CEPEMHED, 2018).

A “Mate com angu” foi a primeira escola no Brasil e umas das primeiras da América Latina, a servir merenda para seus alunos. Esse marco foi possível porque a Professora

Armanda Álvaro Alberto<sup>34</sup>, fundadora da escola, implantou essa e diversas outras práticas aprendidas em sua formação. Armanda foi uma mulher revolucionária e deixou a escola como legado para a educação do município.

A Escola Proletária, depois Escola Regional de Meriti, era orientada por métodos modernos e voltada para a população carente de recursos. Não havia notas, prêmios ou castigos, e sua orientação geral resumia-se em quatro cartazes, com os dizeres “Saúde”, “Alegria”, “Trabalho” e “Solidariedade”. Coube ainda à escola a introdução da merenda escolar no país. Contando com a colaboração de seu marido, o também educador Edgar Sussekind de Mendonça, e de seu irmão, Armanda Álvaro Alberto permaneceu à frente da escola até 1964, quando transferiu sua direção para a fundação religiosa norte-americana Instituto Nacional do Povo. Mais tarde, o estabelecimento passou a chamar-se Escola Dr. Álvaro Alberto. (CPDOC/FGV)

Como se pode observar os números em relação aos serviços prestados aos contribuintes no município não são satisfatórios em vários setores, o mesmo ocorre em relação à educação. Para além dos dados abaixo apresentados, é possível observar uma grande defasagem no nível de instrução e informação da população em idade escolar. O quadro da educação no município, segundo o IBGE, é o seguinte:

#### Educação

Em 2015, os alunos dos anos iniciais da rede pública da cidade tiveram nota média de 4.5 no IDEB. Para os alunos dos anos finais, essa nota foi de 3.4. Na comparação com cidades do mesmo estado, a nota dos alunos dos anos iniciais colocava esta cidade na posição 83 de 92. Considerando a nota dos alunos dos anos finais, a posição passava a 86 de 92. A taxa de escolarização (para pessoas de 6 a 14 anos) foi de 96.1 em 2010. Isso posicionava o município na posição 85 de 92 dentre as cidades do estado e na posição 4499 de 5570 dentre as cidades do Brasil.

Quanto à educação no município, podemos afirmar, segundo dados do Estudo Socioeconômico dos Municípios Fluminenses, elaborado pelo Tribunal de Contas do

<sup>34</sup> Armanda Álvaro Alberto (1892 a 1974) nasceu no Rio de Janeiro. Em 1919, transferiu-se para Angra dos Reis (RJ)... onde passou a dar aulas para as crianças locais, ensinando-lhes a ler e escrever, suprimindo assim a falta de escolas na cidade... Em 1921 fundou a Escola Proletária de Meriti, em Duque de Caxias... e a Biblioteca Euclides da Cunha, anexa à escola e aberta ao público.

[...] foi uma das fundadoras da Associação Brasileira de Educação (ABE) em 1924. Em dezembro de 1927, compareceu à I Conferência Nacional de Educação, promovida pela ABE em Curitiba...

Em maio de 1935, foi uma das criadoras e, depois, a primeira presidente da União Feminina do Brasil (UFB), movimento político filiado à Aliança Nacional Libertadora (ANL), fechado em 11 de julho do mesmo ano, juntamente com a ANL, pelo Decreto nº 229.

Os objetivos da UFB consistiam na defesa dos interesses da mulher no Brasil, especialmente as “submetidas às mais precárias condições de existência e de trabalho”. Seu programa propunha a luta pelos direitos econômicos, sociais, políticos e civis da mulher, sem distinção de cor, religião, correntes filosóficas etc... **Reivindicava** a elevação do nível cultural e a igualdade econômica da mulher em relação ao homem. O movimento pregava ainda a luta contra as guerras e contra os regimes que restringiam os direitos femininos. FONTES: ALBERTO, A. *Escola*; CONSULT. MAGALHÃES, B.; *Grande Enciclopédia. Delta*; LUSTOSA, J. *Cidade*; PORTO, E. *Insurreição*; SILVA, H. 1937. Obs.: Grifos meus.

Estado do Rio de Janeiro, o número total de matrículas nos ensinos infantil, fundamental e médio de Duque de Caxias, em 2009, foi de 209.209 alunos, tendo involuído para 193.376 em 2010, apresentando variação de -7,6% no número de estudantes. (IBGE, 2019)

Em termos à quantidade de instituições de ensino não encontrei fontes oficiais com o número exato desses estabelecimentos na cidade, posso afirmar que na região central há uma grande quantidade, mas que essa realidade não se repete nos bairros mais afastados. Há opções de oferta desde a educação infantil a cursos de pós-graduação *stricto sensu*, passando por cursos de idiomas e profissionalizantes. Na região central da cidade há grande número de opções nesse campo, como podemos perceber pela fala de Flávia Luiz Pereira, 43 anos, costureira em exercício, negra, moradora da comunidade do Esqueleto que fica no bairro Beira-mar<sup>35</sup>. Profissional com muitos anos de prática, Flávia é inteligente e versátil, trabalha com diversos tipos de costura, em lugares diferentes, em casa, em barracões de escola de samba, ou nas fábricas de indústria têxtil onde atua. Ela fala de forma crítica e atenta. É exigente com a qualidade do trabalho que realiza e tem ótimo senso de estética.

Figura 3: Flávia Pereira e um de seus trabalhos. Fotos fornecidas pela entrevistada.



---

<sup>35</sup> Bairro próximo ao centro do município, localizado na fronteira entre Duque de Caxias e Rio de Janeiro - bairro de Irajá, pela entrada da Rod. Washington Luiz.

Mãe de dois filhos, um adolescente que exerce a carreira de músico e uma jovem que está iniciando a graduação em engenharia numa universidade pública, fato que deixou a entrevistada muito feliz e ocupada com ações que gerem recursos para garantir o deslocamento da filha até a instituição e com planejamento para que se forme. Ela, que tem nível médio completo, afirma que participar da pesquisa lhe trouxe de volta a vontade de estudar. Flávia não nasceu em Caxias, mas passou a viver no lugar ainda criança.

Me chamo Flávia sou costureira desde os meus quinze anos de idade, ultimamente, com quarenta e três anos. Onde eu costuro, ultimamente, na minha casa<sup>36</sup>, ou nas fábricas quando sou convocada<sup>37</sup> e trabalho em escolas de samba<sup>38</sup>[...]

Eu moro aqui em Caxias desde 83, porque eu não sou carioca, sou pernambucana. Aí, meus pais foram transferidos pra cá em 83 e desde 83 que a gente mora aqui...

Ah, Caxias é assim, como posso dizer? Caxias é um lugar que o que a gente pensar em ter perto da gente, a gente tem, o que a gente não tem muito em Caxias é em termo saúde, recurso pra saúde, mas se você quiser estudar, você tem lugares pra fazer curso, você pode fazer compras, você tem lugares que você pode levar seus filhos pra se divertir, não tão como você sonharia, mas você tem. Tanto que tem gente de fora que vem pra aqui pra estudar em Caxias, porque tem lugares gratuitos, tem esse CEI<sup>39</sup>, tem o ASCE<sup>40</sup>, tem agora a Faetec<sup>41</sup>, né?! Temos a Fundec<sup>42</sup> é em Caxias. É complicado de conseguir? É! Mas se você correr atrás, você consegue.<sup>43</sup> (PEREIRA, Flávia. 2019)

A visão de Flávia sobre a cidade condiz com o contexto geográfico no qual ela está inserida, pois, embora ela more na comunidade do Esqueleto, que fica no Bairro Beira-Mar, está na entrada da cidade, próxima à área mais desenvolvida da região central, o bairro Vinte e cinco de agosto e ao lado Rodovia Washington Luiz, antiga Rio-Petrópolis, ou seja, uma das áreas nas quais se concentram benefícios e acessos. No entanto, olhando o todo, pode-se ver que o município é um lugar de grandes contrastes, principalmente no que diz respeito à diferença entre arrecadação de impostos e os serviços oferecidos à população. Com território

<sup>36</sup> Trabalho autônomo de prestação de serviços para clientes particulares ou para fábricas, confeccionando peças ou fazendo reparos.

<sup>37</sup> Trabalho autônomo de prestação de serviço para fábricas, confeccionando peças inteiras ou parte delas

<sup>38</sup> Trabalho autônomo de prestação de serviço para escolas de samba, confeccionando fantasias, ou parte delas.

<sup>39</sup> Centro Educacional Integrado – CEI. Duque de Caxias/RJ.

<sup>40</sup> CEI.

<sup>41</sup> Responsável pela implementação da política de Educação Profissional e Tecnológica pública e gratuita no Estado do Rio de Janeiro, a Fundação de Apoio à Escola Técnica (Faetec), vinculada à Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia. <http://www.faetec.rj.gov.br/index.php/institucional/apresentacao-faetec>

<sup>42</sup> FUNDEC – Fundação de apoio à escola técnica, ciência, tecnologia, esporte, lazer, cultura e políticas sociais de Duque de Caxias – RJ.

<sup>43</sup> A entrevistada se refere ao centro de Caxias, pois ela sempre foi moradora do 1º distrito que é o lugar que concentra os recursos do município que se subdivide em quatro distritos: Duque de Caxias, Campos Elísios, Imbariê e Xerém. Dados da Revista Eletrônica História, Natureza e Espaço - ISSN 2317-8361 v. 5, n. 2 (2016) DOI: 10.12957/hne.2016.31859.



de 467,071km<sup>2</sup> e população estimada em 914.383 pessoas, segundo dados atuais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE em 2018, Duque de Caxias ocupa o 2º lugar em produto interno bruto PIB no Estado do Rio de Janeiro e o 49º lugar em Índice de desenvolvimento humano – IDH, a economia se destaca pela importante participação na indústria do petróleo<sup>44</sup>, mas os índices nas áreas de educação, saúde, saneamento e de outros serviços básicos são de precariedade. No quadro nacional a situação se repete.

No ranking dos municípios que representavam 25% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional em 2002, Duque de Caxias ocupava a 6ª posição, atrás apenas de São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Manaus e Belo Horizonte, respectivamente. Segundo o relatório publicado pelo IBGE sobre o PIB dos municípios do país em 2004, Duque de Caxias ocupava a 7ª posição na região Sudeste, ficando atrás apenas das capitais São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, e dos municípios de Campos, Macaé (RJ) e Guarulhos (SP). O PIB *per capita* do município em 2007 era de R\$ 33.398,00. [...]

O município de Duque de Caxias apresentou um grande crescimento nos últimos anos, com ênfase em dois setores, a indústria e o comércio, entre as suas principais atividades econômicas. O município possui cerca de 810 indústrias e 10 mil estabelecimentos comerciais instalados. Segundo o IBGE, o município de Duque de Caxias registrava o sexto maior PIB (Produto Interno Bruto 1999 - 2002) no ranking nacional e o segundo maior do estado do Rio de Janeiro, em um total de R\$ 14,06 bilhões. A cidade ainda hoje, ocupa o segundo lugar no ranking de arrecadação de ICMS do Estado, perdendo somente para a capital. Podemos visualizar na figura 2, a localização da Refinaria de Duque de Caxias e a Baía de Guanabara. (CAMAZ, 2015, p. 2)

Fernando Ribeiro Camaz em seu texto *Duque de Caxias-Rio de Janeiro: contradições entre crescimento econômico e desenvolvimento social*, publicado na revista eletrônica *Espaço e Economia*, faz colocações importantes a respeito dessa questão, a publicação de 2015 apresenta quadros que se repetem por anos seguidos.

Para apoiar a reflexão trazida pelo autor podemos recorrer aos dados do Plano municipal de saúde 2010-2013 do município.

Estes indicadores sugerem que as condições materiais de vida são bastante desfavoráveis em todas as áreas do Município. Sabendo-se que a esperança de vida ao nascer em Duque de Caxias é de 67,49 anos (dados PNUD / IPEA / FJP) e que o município possui a segunda maior economia do estado, como possui um IDH que é o 56º do estado e o 1796º do Brasil?

A resposta está na fragilidade de sua base educacional que compromete a inserção do cidadão local na prosperidade da economia do município. De acordo com o último Censo IBGE, 92% dos adultos de Duque de Caxias são alfabetizados, mas quando se analisa o nível de escolaridade dos chefes de família do município observa-se que 14,86% deste grupo populacional não têm instrução ou estudou menos de um ano e, no outro extremo, apenas 2,12% têm 15 ou mais anos de estudo.

<sup>44</sup> Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/duque-de-caxias/panorama>

Com relação à renda, 58,41% dos chefes de família ganhavam no máximo dois salários mínimos e 4% não tinham nenhum tipo de rendimento. Apenas 0,48% tinham renda superior a 15 salários mínimos por mês e, a renda per capita média do município é de R\$ 226,14. (Fonte IBGE: Censo 2000, apud ZIMBARDI, p.20<sup>45</sup>).

Outro fator importante é a questão do deslocamento diário de trabalhadores. Se vimos, no relato de D. Diva, que por volta de 1940 havia só havia um ramal (itinerário) de trem como forma de transporte coletivo para fora do município. Embora, hoje, seja possível se locomover, não só pelo mesmo ramal, que agora tem maior extensão, e por várias linhas de ônibus, é insuficiente para o número de pessoas que trafegam no interior da cidade e para seu exterior.

Desde a emancipação do município, vários fatores econômicos e sociais contribuíram para o seu crescimento populacional que aumentou em 1.422% nas suas três primeiras décadas de existência. Na década de 1960, a instalação da Refinaria de Duque de Caxias (REDUC) e a formação de um complexo industrial composto por petroquímicas e distribuidoras de gás de cozinha e combustível tornaram-se atrativos à migração de habitantes do interior do Rio de Janeiro e de outros Estados. Outro fator que concorreu para o aumento populacional em Duque de Caxias, ainda na década de 1960, foi a especulação imobiliária na cidade do Rio de Janeiro, quando uma parcela da população carente deste município, em sua maioria de baixa escolaridade e sem qualificação profissional, transferiu-se para os municípios próximos, mantendo vínculo empregatício no centro da metrópole. Contudo, segundo Albuquerque, (1994:89) e Lago (2000), essa ocupação crescente não teria sido acompanhada de obras suficientes de infraestrutura urbana. (CAMAZ, 2015, p. 5)

Com todos esses fatores em sua formação e rotina, Caxias apresenta formas peculiares de vida e história de resistência, é um lugar recheado de cena cultural atuante.

Duque de Caxias é um rolo compressor esmagando os sonhos de gerações de jovens há décadas, mas também é um potente liquidificador trabalhando para o futuro, processando muitas vitaminas mistas para a cultura do mundo nesse século. Pode levar fé! (BEZERRA, 2013).

Heraldo Bezerra, o HB, é cineasta, produtor cultural, agitador de ideias e idealizador do cineclubes Mate com angu, umas das referências culturais de Duque de Caxias, reconhecido internacionalmente por sua história, um dos muitos tesouros dessa terra nem tão distante assim. HB é uma das vozes de crítica de Caxias, faz denúncias e conhece bem a história e as mazelas da cidade. A afirmação do artista condiz com a realidade, num “rolê”<sup>46</sup> é possível ver

<sup>45</sup> Ano de publicação não informado no documento

<sup>46</sup> Passeio exploratório.

as muitas iniciativas culturais que vivem quase ou sem nenhum apoio do poder público, são pessoas como ele e nossa interlocutora que fazem a cidade ser o que é. A figura de liquidificador retrata bem esse lugar quente e barulhento que é Duque de Caxias, conforme afirma a poeta Ane DiLei Marcelino, "tem exposição de arte em todas as esquinas na baixada fluminense..." (MARCELINO, 2017)<sup>47</sup>. Ane Marcelino tem vinte anos, é poeta, grafiteira, atriz, “cria”<sup>48</sup> de Caxias, uma das idealizadoras do Sarau das amigas, manifestação feminina artística do lugar. Essa fala se confirma pelo fato de o website oficial de mapa cultural da cidade ser composto de 51 páginas de atividades culturais.

Em relação ao desenvolvimento urbano, Flávia relata características importantes da região. Através de sua fala é possível traçar um quadro de desenvolvimento do lugar nos últimos 20 anos.

Caxias melhorou bastante, eu me lembro da minha infância, minha adolescência, você não poderia botar um sapato branco porque as ruas eram cheias, cheias de barro. Você não podia sair com uma roupa branca. Eu tiro pela rua que eu fui criada, você não podia com uma roupa branca... a Dídimo da Veiga, bem aqui<sup>49</sup>. Você tinha de sair com um sapatinho, um chinelinho escurinho e um saquinho na mão, quando chegasse lá em baixo, você ia tirar o pano, ia limpar pra poder botar outro sapato. Um carro nem pensar em subir, porque era buraqueira pura, os carros patinavam na lama. Hoje em dia, não. Hoje em dia, todas as ruas do lado de cá são asfaltadas, mas tem lugares ainda em Caxias que não têm esse asfalto<sup>50</sup>, mas aos poucos está chegando. (PEREIRA, Flávia. 2019)

Essa visão positiva que Flávia tem da cidade não é compartilhada por nossa terceira entrevistada. Valéria Martins, que tem 51 anos, é bastante perspicaz, objetiva e não gosta de dar detalhes, apesar de ter esse traço de personalidade, aceitou participar da entrevista e se dispôs a refazer quando precisei de mais informações.

---

<sup>47</sup> Fragmento de apresentação em Slam (batalha oral de poesias e rimas) no *Cineclube Xuxu com X*, novembro de 2018, Nova Iguaçu/RJ.

<sup>48</sup> Gíria usada na periferia para se referir a pessoas vivem a cultura local.

<sup>49</sup> Flávia fala mostrando a rua ao lado

<sup>50</sup> A entrevistada se refere aos bairros mais afastados da cidade

Figura 4: Valéria Martins e seus selos de reconhecimento do SEBRAE.

Fontes: foto 1 - fornecida pela entrevistada, foto 2 – capturada pela autora.



Analítica e empreendedora saiu da condição de prestadora de serviços para abrir seu próprio ateliê no Centro, coração comercial da cidade, onde trabalhava sozinha até pouco tempo atrás, quando passou a trabalhar com outra costureira que divide os custos do espaço com ela. Mãe de dois filhos acha a cidade um lugar dinâmico e apropriado para o comércio.

Meu nome é Valéria Martins, tenho um ateliê de costura, no centro de Duque de Caxias... Moro em Caxias, 5min aqui do Centro, andando, vou andando e volto andando. Moro aqui desde que nasci.

Todo mundo fala muito de Caxias, mas eu já acostumei e pelo que eu vejo, vejo lugar muito pior. Então é melhor ficar aqui.

Eu nasci aqui, consegui me estabelecer aqui, abri esse negocinho aqui e vamos ver se esse negócio vai pra frente.

Moro aqui há cinquenta anos... mudança? Mudança sempre tem, mas continua a dificuldade. Aqui no centro então quando chove enche tudo. Eles<sup>51</sup> falam que vão dragar o rio<sup>52</sup>, mas desde que sempre enche tudo. Quando chove eu não consigo passar pra vir trabalhar. Tem que esperar a rua esvaziar pra poder passar e é essa a dificuldade aqui. E segurança eu acho que tá ruim em todo lugar, aí como aqui é centro, é poucos policiais, porque todo mundo paga um grupo de seguranças a parte.

<sup>51</sup> Representantes do poder público.

<sup>52</sup> Rio Meriti que passa em vários pontos de Caxias.

Até a gente entra nessa também [...]. Aí, tem pouquíssimos policiais. Antigamente tinha bem mais. Eu trabalhei um tempo na Casa Matos<sup>53</sup> tinha bastante policial, polícia direto. Agora só o calçadão é cheio de segurança privada, aqui nessas lojas aqui também, no shopping center é só privada. Aí, eles nem vem, polícia mesmo militar só vem se chamar. Aqui é seguro porque tem esse portão aí, fechado. Depois que eu estou aqui, três anos, já teve três assaltos dentro do prédio. Só não mexem com a minha e com essa menina da imobiliária, porque o portão lá fora é trancado. A gente tem que ir lá abrir pro cliente entrar. (MARTINS, Valéria. 2019)

Caxias é uma cidade que tem em sua população muitos migrantes de origem nordestina, assim como muitos negros<sup>54</sup>. Pessoas que aqui se instalaram, criaram suas famílias e uma cultura específica. Esses traços estão representados no conjunto das entrevistadas, composto por três mulheres negras (Diva, Valéria e Flávia), das quais duas são migrantes (Flávia e M<sup>a</sup> de Lourdes). Lurdinha, como gosta de ser chamada M<sup>a</sup> de Lourdes Cavalcanti Reis, é nordestina e tem 65 anos.

Veio para o Rio, logo assim que casou, trazida pelo marido, aos 16 anos, aqui ela teve seus dois filhos, separou-se do seu primeiro marido com mais ou menos 18 anos, depois do segundo por volta dos 22 anos e se uniu ao companheiro atual.

Figura 5: M<sup>a</sup> de Lourdes e seu “quartinho de costura”.

Fontes: foto 1 – fornecida pela entrevistada, foto 2 – capturada pela autora.



<sup>53</sup> Casa de aviamentos

<sup>54</sup> Segundo dados do IBGE 2019, Duque de Caxias ocupa o 18º em população negra.

Falante e expansiva, Lurdinha é persistente e atenta ao seu trabalho, mora no bairro Engenho do Porto, na região central de Duque de Caxias, nos limites com o município de São João de Meriti, é costureira autônoma e atende em sua casa.

Meu nome é Lourdes, Lurdinha.

Eu sou calma, tranquila até demais! Não sou de me abalar muito, de gritar, não sou, não!

Sou mãe de família, sou vó. De dois filhos, um casal de filhos, só. Casei cedo, aí, veio a Luciana, tem o Robson, mas sou separada do pai dela há muitos anos [...] e já vivo com essa aqui há 40 anos. Tenho 66 anos.

[...] Olha, eu cheguei aqui no Rio de Janeiro, no começo de 70, casei na Paraíba, aos 16 anos, Me casei, logo engravidei. Com nove meses certinho, casei virgem, hein! Com nove meses certinho, tive a minha filha, um ano e onze meses depois de casada, o marido se revelou era... eles se revelou... homossexual. [...]

Aí, nos separamos, eu fui pra casa da minha mãe com a Luciana (a filha) pequeninha e ele foi viver a vida dele. Aí, depois conheci outra pessoa, tive um filho, mas ele bebia muito, me maltratava muito, aí separamos. De novo, fui pra casa da minha mãe. Ele foi embora, levou a criança com onze meses. Aí, eu fui ver o meu filho, Robson, depois de com onze anos por fotografia, aí passaram-se muito tempo e eu entrava em contato com ele através de carta, né?! [...]

Não tinha telefone, celular, essas coisas, aí em 91, ele esteve aqui no Rio, passou uns dias aqui. Ele estava com 16 anos, aí foi embora, ficou acho que só 1 mês. Foi embora nunca mais veio aqui, mas eu tenho notícias dele. Depois passado-se muito tempo (sic), aí eu fui trabalhar em casa de família, mas não sabia fazer nada, fui ser faxineira. Aí, conheci o Gonzáles, em 77... 79. Conheci o Gonzáles, esse que tá aqui. Estou com ele há 40 anos, meu marido atual. (REIS, Mª de Lourdes. 2019)

São essas quatro mulheres que indicaram os caminhos para a modelagem da proposta do *CoSer* de forma que seja feito um projeto que caiba nas necessidades e aspirações a serem atendidas, cada qual com uma experiência própria com a costura, desde a forma de aprendizado do ofício, passando por desafios até os dias atuais. Interessante observar que, mesmo tendo se iniciado na profissão em momentos e de formas distintas, hoje, todas são reconhecidas por sua profissão e vivem dela. D. Diva está aposentada, Lurdinha e Flávia trabalham por conta própria, sendo que Flávia atende também a empresas; Valéria tem seu próprio ateliê no qual vem buscando estratégias para driblar a crise, e há pouco tempo passou a dividir o espaço com outra profissional a fim de reduzir os custos.

Relataram sentimentos diferentes sobre o ato de costurar. D. Diva e Flávia falam da costura com olhos brilhantes, Lurdinha gosta de explicar as técnicas que aprendeu a duras penas e Valéria tem uma fala mais empresarial, ela faz questão de dizer que não gostava de costurar, que optou por essa profissão por não gostar de estudar e que com o tempo “tomou gosto” pela costura, mas que reconhece o valor do ofício e o quanto o mercado é injusto no cálculo da remuneração. Todas moram em Caxias porque nasceram no município, ou porque

migraram para a cidade ainda jovens. Nenhuma cogitou a possibilidade de se mudar e todas disseram que o lugar fornece condições adequadas ao projeto. A partir dessas impressões seguimos para a modelagem, corte e montagem do *CoSer* com a confirmação de que a costura é sim um fazer importante e fonte de renda eficaz para um grupo de mulheres de Duque de Caxias.

## 2 CAPÍTULO II

### 2.1 O QUE COSTURAM E PORQUE COSTURAM

#### 2.1.1 A costura

Examinado o tecido e dispostas as ferramentas, o próximo passo é posicionar os moldes, cortar as partes da peça. Assim, a superfície, antes lisa, ganha formas que serão unidas conforme seu destino de uso por esse processo nascem peças do vestuário, decoração, bolsas e outras.

Esse capítulo se destina a entender melhor o ofício da costura, nele as detentoras das experiências que apoiam as bases da proposta do *CoSer* apresentam seu trabalho, explicando *O que e por que costuram*. Aqui vamos conhecer a história da costura na vida dessas mulheres, entender a motivação da proposta de criação de um coworking de costura e de que maneira ele pode vir a impactar a vida de outras mulheres que vivem e/ou desejam viver desse ofício. A proposta é relatar como elas ingressaram na profissão, apresentar os dilemas e as dificuldades por elas encontrados, como conseguiram ultrapassá-los, como estão enfrentando as barreiras atuais e porque se mantém na profissão de costura até hoje. Antes, porém, cabe considerar questões referentes ao trabalho da mulher.

Se o trabalho é condição necessária à existência da sociedade como a experimentamos, na qual a sobrevivência dos indivíduos é garantida a partir da produção ou manipulação de recursos materiais pelo emprego de força física, ou pelo acesso a esses mesmo recursos a partir da troca de sua capacidade intelectual ou artística. E se as mulheres fazem parte da sociedade em questão, podemos dizer que elas também estão submetidas a esse modo de viver. Quanto a isso não há dúvidas, sabemos que o trabalho feminino sempre existiu, o que veio depois foi o reconhecimento dessa força de trabalho como atividade econômica. Essa diferença entre prática e reconhecimento criou uma atmosfera de desvalorização do trabalho feminino que dura até os dias de hoje. Convido à reflexão proposta por Mirthes Moraes em sua livre tradução do texto de epígrafe (O Chapeleiro) que inicia seu artigo *Por detrás dos panos: O cotidiano das costureiras nas fábricas, nos lares e na arte*, apresentado no XX Encontro Regional de História/ História em tempo de crise, Universidade Federal do



Triângulo Mineiro, 2016. No qual a autora pergunta se a desvalorização do trabalho feminino é realmente culpa apenas de um sistema.

Qualquer criatura que trabalha que produz para a coletividade humana que colabora e concorre com a energia dos próprios braços e pensamento ao bem estar social tem direito a uma vida tranquila, no mínimo, sem os tormentos da triste incerteza econômica do amanhã. Em lugar disso, o que constatamos – e os fatos vêm nos dar razão – é que as coisas não se passam assim. O trabalho coletivo das massas que tudo produzem em benefício do capital, é pouco considerado moralmente e mal retribuído materialmente, de modo especial o trabalho feminino. Por que isso acontece e a quem culpar? Cabe culpar a quem explora – mil vozes se erguerão prontas a responder, e não estão de todo errada. Mas, se acima do justificado ressentimento que nos toma conta, ao constatar a inegável cobiça capitalista pusermos o raciocínio frio e severo, cumpre confessar que todos erramos, em linhas gerais, sempre demos pouca importância ao trabalho da mulher e jamais paramos para observar a grande contribuição que o trabalho feminino de no campo da produção<sup>55</sup>. (MORAES, 2016, p.1)

O texto faz pensar no valor que é atribuído ao trabalho feminino como um todo. Sabemos que a realidade da desvalorização e falta de reconhecimento das mulheres constitui problemática que atravessa a história de forma que em certos momentos, como na Idade Média, esse fator se tornou tão determinante que elas se viram obrigadas a aceitar contextos nada favoráveis a fim de garantir a sua subsistência “Disso resulta que as mulheres, excluídas das corporações, são submetidas às duras condições e aos baixos salários do trabalho em domicílio.” (FREVILLE apud SAFFIOTI, 2013, p. 65). Talvez por isso, durante tanto tempo os trabalhos exercidos pelas mulheres se caracterizaram por habilidades aprendidas no ambiente familiar, tais como os cuidados com a casa e com a família, fato pode ser a causa do grande número de mulheres que exercem profissões como trabalhadoras domésticas, cozinheiras, lavadeiras, babás, costureiras etc. Dentre essas, a costura, foco dessa pesquisa, se caracteriza por ter sido, por grande período, um ofício aprendido como parte das habilidades necessárias ao perfil da boa esposa (destino supostamente natural das mulheres em muitos contextos socioculturais durante muito tempo).

Na primeira metade do século XX, a educação das meninas envolvia os aprendizados dos trabalhos manuais de costurar e de bordar, transmitidos de mãe para filha, como meio de prepará-la para o casamento, concebido como destino “natural da mulher” (ARENDT, 2012). Bordar os lençóis, as toalhas para o enxoval; aprender corte e costura para fazer roupas para si e, no futuro, como mulheres casadas e mães, vestirem e decorarem a casa, montarem o guarda-roupa da família –

---

<sup>55</sup> Texto de nota de rodapé de livre tradução do texto de epígrafe de autoria e fonte: O Chapeleiro, 01/5/1904 (Apud GONÇALVES, 2013: 143).

com vestimentas para o marido e os/as filhos/as, eram noções que modelavam as subjetividades das meninas, das jovens e das senhoras como saberes e fazeres compartilhados socialmente. (FRASQUETE e SIMILI, 2017, p. 27).

Dessa forma, eram adotadas ações no sentido de instrumentalizar as mulheres para o cumprimento de “suas funções”: lavar, passar, cozinhar, costurar e todas as atividades relacionadas aos cuidados com o lar, os filhos e o marido. Tida como “dote” introduzido culturalmente ainda na infância que se desdobrava em características “tipicamente femininas” como paciência, recato, introspecção e capricho (MORAES, 2016), a costura era aprendizado obrigatório na vida das meninas.

Pode-se dizer que o papel da mulher brasileira esteve influenciado pelo discurso ideológico da “costura” como “coisa de mulher”, que permeado por ideias educacionais rígidas reafirmavam os papéis indissociáveis de mãe, esposa e dona-de-casa exemplar, a quem a atuação profissional consistia em trabalhos que poderiam ser realizados no seio do lar, como maneira de servir aos filhos e marido e em último caso, de complementar a renda da família. Partindo dessa ideia às mulheres eram destinados serviços como costurar e bordar, conhecidos como prendas domésticas e que eram práticas ensinadas tanto de mãe para filha, como por cursos presenciais ou por correspondência, tendo sido amplamente difundidas pelas revistas femininas veiculadas no período, que apresentavam em seus fascículos cadernos com dicas de moda e de construção de moldes. Como escreve Mendonça (2013, p. 2) a forma como a moda rege a imprensa dirigida para mulheres vai muito além da representação de roupas, pois passa pelo recorte das pautas, pelo estilo de vida que é sugerido, pela beleza, pela casa e toda uma ideia de feminilidade, focada na gerência das aparências. (FRASQUETE e SIMILI, 2017, p. 270)

No contexto brasileiro, podemos citar como documento histórico desse fato o *Livro de Costura Singer*, publicado em 1953, a obra pregava a necessidade de todas as mulheres saberem costurar e os benefícios de ter em casa sua própria máquina de costura. Enumerando as vantagens da atividade e dando instruções para o cuidado com o manuseio e conservação da máquina. Chegava, inclusive, a indicar que se contruísse um cômodo especial para o esse utensílio, o quarto de costura nos quais as mulheres deviam se reunir para trocar conhecimentos do “universo feminino”, como receitas de culinária, técnicas de costura etc..

Figura 6: Capa e Introdução do Livro de costura Singer. Fonte: Revista Histerdbr On-line



Dentro desse contexto de aprendizado “espontâneo” da costura como atividade considerada “um saber natural das meninas”, temos D. Diva que aprendeu a costurar com sua mãe, antes dos 13 anos por volta da década de 30.

A máquina de costura foi um dos adventos da revolução industrial que trouxe, com o impulsionamento da indústria têxtil, essa indispensável ferramenta de qualquer costureira e maior acesso a tecidos. Esses fatores viabilizaram a democratização da moda, possibilitando a produção em massa de vestimentas e desencadearam a produção e o varejo de roupas (IARA, 2015<sup>56</sup>). Além disso, a existência da máquina de costura fez com que o ofício da costura passasse a ser uma atividade profissional remunerada em larga escala e ganhasse espaço também na indústria têxtil, que hoje emprega grande número de mulheres. No entanto, a atuação das mulheres nessa indústria, compondo a maioria de seus funcionários, deve ser vista num quadro mais amplo, o quadro de dupla desvantagem social:

O aparecimento do capitalismo se dá, pois em condições extremamente adversas à mulher. No processo de individualização inaugurado pelo modo de produção capitalista, ela contaria com uma desvantagem social de dupla dimensão: no nível superestrutural, era tradicional uma subvalorização das capacidades femininas traduzidas em termos de mitos justificadores da supremacia masculina e, portanto, da ordem social que a gerara; no plano estrutural, à medida que se desenvolviam as

<sup>56</sup> IARA – Revista de Moda, Cultura e Arte - Vol. 8 no 1 – Abril de 2015.

forças produtivas, a mulher vinha sendo progressivamente marginalizada das funções produtivas, ou seja, periféricamente situada no sistema de produção. (SAFFIOTI, 2013, p.65, 66)

Muitos são os fatores que contribuíram para esse quadro de desvalorização, um deles foi a falta de formação profissional para a atividade causada justamente pelo fato de o saber ter, até aquele momento, a tradição de ser ensinado no seio familiar. Essa característica ainda pode ser observada nos dias de hoje. “O trabalho das costureiras é marcado pela ausência de formação profissional escolarizada para exercer o ofício. Não possuem certificação formal, aprenderam através da experiência com outras mulheres e na experiência de trabalho.” (BARBOSA e FISCHER, 2016, p.9)

O trabalho em fábricas trouxe ainda outro problema: a fragmentação do ofício. Muitas mulheres, hoje, empregadas no setor têxtil não são costureiras, mas sim operadoras de máquina de costura, ocupação presente nas linhas de produção de muitas fábricas. São trabalhadoras que não dominam as técnicas de costura, apenas cumprem uma operação mecanizada durante o período de trabalho. Contra fatos como esse que se constituíam justificativas para desvalorização do trabalho feminino se levantaram vozes como a de Ernestina Lesina, imigrante italiana, militante anarquista, que lutou, através de denúncias publicadas na imprensa operária, que se concentrava nas mãos dos homens e com ações como a criação da *Associação das costureiras em 1906*. Como afirma M<sup>a</sup> Izilda Matos em seu texto *Costurar e batalhar*.

Ainda em 1906, encabeçada por Ernestina Lesina, que escrevia no *Anima Vita*, foi fundada a Associação das Costureiras, que lançou, nesse mesmo ano, uma convocação às companheiras, visando à luta pelo aumento do preço pago pela costura, à organização de um sindicato de classe e à redução da carga horária das que trabalhavam em oficinas. (MATOS, 2000, p.276).

O texto de Izilda aborda o tema da costura mostrando a contradição aqui citada entre o acesso ao trabalho fora de casa e a exposição ao abuso por parte dos empresários que se favoreciam da característica social para obter maior lucro com menor investimento. Repetir o discurso de que a costura era uma atividade menor era uma das estratégias usadas por esses empregadores.

Aunque por *costurera* entendamos hoy la mujer «que tiene por oficio coser vestidos de poca importancia o ropa interior, hacerb remiendos y en general todo lo que no requiere la habilidad de una modista; generalmente, yendo a las casas de las

clientes» (DUE, 1984), sin duda antiguamente el término debió de tener un significado más amplio. Piénsese que la palabra *modista*, derivada de *moda*, no se encuentra con la... acepción actual hasta el *Diccionario* de la Real Academia de 1817", lo que implica su modernidad; sin embargo, *costurera* ya está documentado en Nebrija, como demuestra Coraminas (1980, II: 221).

Esto explicaría la escasa cantidad de refranes sobre la modista —y los que hay son seguramente de poca antigüedad— frente a la abundancia de paremias en torno a la costurera: en un principio, el oficio de coser sólo tuvo un nombre, el de *costurera*, con un sinónimo, *labrandería*\*2. La costura, como se ha dicho antes, es uno de los oficios reservados a las mujeres (75) y a su preparación se aplican éstas desde su más tierna edad (76). (FERNANDÉZ, 1998)

No entanto, esse argumento de a profissão ser reduzida porque aprendida em casa não se sustenta, pois a costura é um ofício complexo e com muitas variações, tipos, técnicas formando um rico universo. Há costureiras de todo tipo de roupa: feminina, masculina, costureiras para moda infantil, moda praia e assim por diante. Uma pessoa pode se especializar num tipo de costura apenas. Não obstante, há também outras profissões que usam a costura como meio para o trabalho sem necessariamente saberem costurar, como é o caso das estilistas e designers de moda que desenham modelos ou lançam estilos de roupas que precisam ser costurados, em que essa operação pode ser feita por outra pessoa. Há também, os alfaiates, em sua maioria homens que costuram para outros homens com técnica específica e que frequentemente têm salário muito superior ao das costureiras; a modista que é uma costureira personalizada que faz peças sob medida e dá orientação de conservação, uso, combinações da peça à sua cliente, profissão rara nos dias atuais; os profissionais de alta costura que são artistas que criam peças sob medida, exclusivas, assinadas e de alto valor.

Quanto mais complicado é o ciclo de consagração, mais ele é invisível, mais sua estrutura não é reconhecida, maior é o efeito de crença (seria preciso analisar nesta lógica a circulação circular dos artigos elogiosos ou as trocas rituais das referências). Para quem está dentro, seja produtor ou consumidor, é o sistema que serve como pano de fundo. Entre Chanel e sua grife, está um completo sistema que ninguém conhece ao mesmo tempo melhor e pior do que Chanel. (BOURDIEU, 1975, p. 9)

### 2.1.2 O traçado

Tanto a fragmentação, como a classificação do trabalho da costura podem ser consequências das transformações econômicas que foram sendo construídas na sociedade de forma que a costura passou de afazer doméstico a profissão. Os relatos das mulheres entrevistadas pela forma como aprenderam o ofício conversam com essa declaração, enquanto

D. Diva, afirma que aprendeu a costurar ainda criança observando a mãe trabalhar, embora nunca tenha sido chamada por ela para “tomar uma lição” (sic); Valéria relatou que para aprender precisou pedir até que a mãe cedesse à sua insistência em operar a máquina de costura mesmo sem autorização quando ela e a irmã ficavam sozinhas; Lurdinha conta que adquiriu o saber na fase adulta através dos ensinamentos de duas amigas, somadas ao estudo e aplicação de técnicas listadas em revistas de costura e moda. Flávia, embora tivesse a tia como exemplo em casa e já se aventurasse na máquina desde a adolescência, como vimos nas travessuras por ela relatadas, diferente de todo o grupo, foi a única que frequentou curso regular de costura. Cada uma começou a costurar numa década diferente D. Diva – dec. 30, Valéria – dec. 80, Lurdinha e Flávia – dec. 90.

Eu aprendi a costurar com 13 anos, eu já costurava e minha mãe era costureira. Também aprendeu do nada! Que a família onde ela foi criada, era, assim, costuravam muito e tudo. Mas ninguém nunca chamou pra dar uma lição de qualquer coisa, de costura e ela com a inteligência dela foi aprendendo e com isso ela aprendeu muita coisa. Ela fazia calça de homem, fazia paletó. Tudo isso ela fazia e eu como filha não faço. A calça, o paletó. Paletó de homem eu não faço. Faço um blazer pra mulher, agora pra homem eu não faço, porque já diferente, né?! Até o modo de abotoar<sup>57</sup>, aquela coisa toda é diferente. Mas eu gosto muito da costura. [...] Depois, quando eu estava casada, teve um curso, porque meu marido era do IASERJ<sup>58</sup>, eles davam um curso de trabalhos manuais, lá no centro do Rio, e nessa época entrava o corte e costura, aí eu fui aprender a fazer blusão de homem, que tem a gola, tem o colarinho, se a gente errar ali também é outra coisa que se errar, né?! Então, foi aonde eu aprendi alguma coisa... quando você costura ele tem que costurar de um jeito que não deixe franzir, quando passar o colarinho, ele não pode dar preguinha. Hoje em dia, tá uma beleza pra pessoa que trabalha em fábrica, porque tem todo tipo de máquina, mas antigamente, sabe como é que era, né?! (DUARTE, Diva. 2019)

Escolhi a costura como profissão porque era a coisa mais fácil, porque dentro de casa tinha uma costureira, tinha uma máquina, eu poderia fazer tudo, olhava minha mãe fazer e fazia, e repetia, por isso que foi mais fácil pra mim a ser costureira. Quando minha mãe saía, a gente<sup>59</sup> sentava na máquina e ia costurar nossas peças, quebramos muita agulha, levamos muita bronca, até que minha mãe resolveu ensinar

<sup>57</sup> [...] As formas são as mais variadas, mas esse detalhe é tão imperceptível para muitos que as pessoas nem percebem que o abotoamento feminino e masculino são feitos de lados diferentes da camisa. Enquanto o abotoamento feminino é do lado esquerdo, o do masculino é do lado direito. E, na realidade, os homens levam vantagem porque abotoar do lado direito é muito mais fácil já que a maioria da população é destra. Mas então, porque as camisas femininas abotoam pela esquerda? O motivo é histórico! Enquanto os homens se vestiam sozinhos no século XVII, as mulheres da alta sociedade eram vestidas por criadas e os botões do lado esquerdo eram para auxiliar no trabalho de quem as vestiam. O tempo passou, as mulheres começaram a se vestir sozinhas, mas os botões continuaram do mesmo lado. Então não se assuste caso você não tenha a mesma facilidade de abotoar a camisa do que os homens: eles foram privilegiados! Fonte: <https://oglobo.globo.com/sociedade/por-que-roupas-masculinas-femininas-tem-botoes-em-lados-contrarios-21564944>

<sup>58</sup> Instituto de Assistência dos Servidores do Estado – IASERJ.

<sup>59</sup> Valéria refere-se a ela e a irmã.

a gente a costurar. Mas minha irmã não gosta de costura. (MARTINS, Valéria. 2019)

Conheci o Gonzalez, meu marido atual. Aí, ele comprou pra mim uma máquina pretinha, aquela pretinha. É... Vigorelli, aquela Vigorelli, pretinha [...]

E fui aprendendo assim, a costurar assim. Aprendi nessa máquina pretinha.

Eu tinha duas amigas, que eram a Nilda, que até hoje vem aqui, ela já é aposentada. Trabalhou muitos anos em várias fábricas, trabalhou no Cunha<sup>60</sup> e a Penha, que já faleceu, que costurava desde a idade de doze anos, costurava na mão. Ela, no norte, na Paraíba. Depois, aqui no Rio, ela tinha máquina. Aprendi com ela que ela também nunca entrou em aula.

Ela vinha na minha casa que eu morava lá em cima, depois do hospital Duque, aqui em Caxias. Ela cortava no jornal, a gente comprava pano ali embaixo baratinho por quilo. Ela botava o jornal em cima e pedia pra eu cortar: “– Você que tem que cortar!”

Às vezes eu cortava torto, ela falava: “– Isso aí, a gente dá um jeito.”

E assim, fui fazendo, mas errei muito. Mas aprendi fazer alguma coisa.

Ela tanto fazia o molde, como ela tirava de revista. Ela fazia por medida, que é tanto que eu gosto de costurar por medida, que eu aprendi melhor do que assim: cortar por outro. Gosto de cortar também pelo molde, mas eu gosto mais de tirar a medida assim de busto, cintura. Eu gosto de tirar tudo. Eu fui aprendendo com cada pessoa, porque costura é assim, você nunca sabe. A pessoa chega aqui e diz: “– D. Lourdes, eu quero que a senhora faça assim.” Umas desenham do jeito delas.[...]

E as revistas, todas elas ensina tudo, como cortar, como colocar fecho éclair, como botar uma emenda para enlargar (sic) uma roupa...

*Moda moldes, Manequim*<sup>61</sup>, tem muita revista aí, quando você quiser... (me oferecendo as revistas). *Moda moldes, Manequim*, porque muitas revistas acabaram, nem existe mais, mas revista que tenha molde. [...] vai explicar tudinho, você escolhe o modelo e acha ele na revista, tá aqui na folha de risco<sup>62</sup>, aqui (mostrando o molde na revista) página 422. Tá vendo? Vem a metragem, vem o tecido, vem explicando tudo... cada molde tem uma cor, um tracinho<sup>63</sup>.

E a máquina overloque, eu aprendi com minha cunhada (a outra amiga, Penha)... ela me ensinou, ela tinha uma facção<sup>64</sup>. Aí, ela acabou com a facção... aí ela trouxe uma máquina dela pra cá, uma industrial, uma overloque, uma colarreti e uma zig-zag<sup>65</sup>. E eu só tinha a minha pretinha... nesse quarto. Aí, ela desistiu, casou, engravidou, desistiu de costura e deixou a máquina... (REIS, M<sup>a</sup> de Lourdes. Abril/2019. D. Caxias, RJ)

Minha paixão começou vendo a minha tia, minha tia Zefinha, que trabalhava aqui na Philipe Martin<sup>66</sup> e, quando ela chegava de noite, eu achava bonito ela estender o pano na mesa e cortava e eu ia muito atrás dela. Aí eu ficava: “vou fazer a mesma coisa que a minha tia, mesma coisa que a minha tia”.

Até que teve um dia, que eu procurei um pano pra cortar e não achei, porque ela acabava com o serviço dela e ela guardava.

Quê que eu fiz? Tirei uma roupa de uma boneca que eu tinha ganhado, fiz um círculo, né? Posso dizer que aquilo era um círculo na cortina, a cortina da minha mãe, botei na mesa e cortei a cortina da minha mãe, sentei na máquina e costurei. Quando minha mãe chegou do trabalho, eu disse: “– Mãe, olha o que eu fiz!”.

<sup>60</sup> Lojas Cunha, fábrica e loja de moda masculina.

<sup>61</sup> Revistas especializadas em moda e costura que vem com folhas para copiar os moldes da roupa

<sup>62</sup> Folha de risco é a folha na qual ficam os moldes.

<sup>63</sup> Tracinho é a forma como os moldes vêm desenhados, um sobreposto ao outro, cada uma com um traçado diferente: (....), (..\_..), (- - - -), (-...-...-) etc.

<sup>64</sup> Empresas que terceirizam o trabalho de costura para outras fábricas

<sup>65</sup> Máquina industrial de costura reta, máquina industrial de chulear e máquina industrial de fazer bainha e ponto duplo e máquina industrial de fazer ponto em zig-zag, respectivamente.

<sup>66</sup> Marca de roupas valorizada nos anos XX que mantinha sua fábrica em D. Caxias

Aí, ela: “- Bonitinho!” Mas ninguém tinha reparado que o buraco estava na cortina. Até que meu irmão olhou assim: “- Oh, Pai, olha o que a Flávia fez.”

Meu pai olhou e: “- Nem paguei!” Foi lá e chamou a atenção da minha mãe. Minha mãe foi brigar comigo, falou que eu ia ter que consertar, eu falei que já era tarde. Aí, minha tia foi e incentivou. Minha tia disse: “-Deixa pra lá!” Quando foi no outro dia, minha tia pegou um bolo de retalhos e me deu e disse assim: “- Você corta isso aí!”. Eu: “-Tá!”.

Toda roupa que minha tia fazia, eu parava e ficava olhando. E nisso, minha mãe já fazia corte e costura, mas minha mãe nunca se deu com costura. Aí, teve uma vez, que tinha uma festa pra ir e a gente não tinha roupa pra ir a nessa festa, aí minha tia tinha um pano lá.

Eu falei assim: “- É aquele pano que eu vou pegar.” E fui e peguei o pano da minha tia, peguei o pano dela, como eu não dava o comprimento da mesa, botei ele no chão. Estendi ele no chão, peguei uma calça do meu pai que dava mais ou menos a mesma altura que a minha, joguei em cima e cortei aquilo ali. Embora que no final, cabia duas de mim dentro, né?!Entendeu?!”

Minha tia chegou, minha tia foi e me bateu, minha tia chegou primeiro que minha mãe, minha tia era mais grossa, aí, minha tia foi e me bateu. Quando meu pai chegou, ela falou: “- Oh, quero o pano, que o pano nem meu era e ela cortou.” Meu pai: “- Não é por isso, deixa aí.”

Quando foi na outra semana, fiz a mesma coisa, arranquei novamente a roupa de outra boneca e cortei a toalha da mesa.

Quando eu cortei a toalha da mesa, meu pai chegou à conclusão. Ele falou: “- Oh, procura um lugar, bota essa coisa pra estudar, porque eu não aguento mais. Pago as coisas, enfeito a casa, ela vem e destrói. Então, bota ela pra estudar.” Aí, foi quando a minha mãe começou a procurar. Aí, já tinha aqui o projeto CEI<sup>67</sup>, só na época, eu tinha... que fazer 14 anos pra poder entrar, aí, esperei mais um pouco e fiz a promessa pro meu pai que não ia cortar mais pano nenhum, nenhum dentro da casa. Aí, quando eu fiz 14 anos, primeira coisa, meu pai: “- Faz 14 amanhã, matricula ela!”. Aí, estudei aqui, hoje em dia, não sei mais se ainda é regime militar<sup>68</sup>, hoje em dia não sei se ainda é, mas era regime militar. Quando eu estudei, Graças a Deus, me saí bem! Aí, logo dali, me formei, né?! Em costureira industrial<sup>69</sup>, se eu não soubesse nome de peças da máquina não era aprovada. Tinha de saber modelar uma saia de prega, uma saia de pala, calça e fazer um blazer<sup>70</sup>, tinha de saber fazer, se você não soubesse fazer essa quatro peças, você não era aprovada. Detalhe, meu pai colocou tanto a mim, quanto a minha irmã. A minha irmã, nem uma tesoura minha irmã pega. Aí, me formei aqui no CEI quando eu fiz 15 anos, quando eu fiz 17 anos, meu pai me botou pra fazer, SENAC<sup>71</sup>. Só fazia no SENAC quem tinha condições na época, modelagem no SENAC, três módulos, a gente tinha que se formar, aí, me formei no SENAC, já era uma coisa mais elaborada. Aí dali eu já comecei a trabalhar fora. Aí, fui trabalhar na De Millus<sup>72</sup>, da De Millus, fui trabalhar na Du Loren<sup>73</sup>. Aí da Du Loren, eu fiquei um tempo em casa, trabalhei aqui na Christopher Lux, que antigamente era Kroner. (PEREIRA, Flávia. 2019).

<sup>67</sup> CEI- Centro educacional integrado de ensino profissionalizante e gratuito, localizado em D. Caxias, próximo à casa da entrevistada (ela mora no Parque Beira-Mar e a escola fica no bairro vizinho, Santa Marta/D. Caxias. RJ), atua na região desde 1975.

<sup>68</sup> Regime muito rígido e exigente, inflexível.

<sup>69</sup> Costura industrial é uma das modalidades da costura, trata-se de costura para fábricas, em máquinas industriais.

<sup>70</sup> São três modelagens diferentes: saia – modelagem membros inferiores, calça - modelagem membros inferiores com gancho e blazer – modelagem superior elaborada.

<sup>71</sup> Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC. Trabalha com ensino profissionalizante e tem uma unidade no bairro Vinte e cindo de agosto, relativamente próximo à casa da entrevistada

<sup>72</sup> Fábrica de moda íntima localizada no bairro da Penha/RJ.

<sup>73</sup> Fábrica de moda íntima localizada no bairro de Vigário Geral/RJ.



## 2.2 O que costuram

É através da costura que os produtos da área têxtil, que é uma área de extrema importância para a economia do país, são concebidos. Segundo dados da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecções - ABIT, de 2017, os números da indústria têxtil são consideráveis para a economia brasileira, com o seguinte quadro:

### Perfil do Setor

#### Dados gerais do setor referentes a 2017 (atualizados em outubro de 2018):

- Faturamento da Cadeia Têxtil e de Confecção: US\$ 51,58 bilhões; contra US\$ 42,94 bilhões em 2016; [...]
- Saldo da balança comercial (sem fibra de algodão): US\$ 2,8 bilhões negativos, contra US\$ 2 bilhões negativos em 2016;
- Investimentos no setor: R\$ 3,1 milhões, contra R\$ 2,9 milhões em 2016;
- Produção média de confecção: 8,9 bilhões de peças; (vestuário + meias e acessórios + cama, mesa e banho), contra 5,7 bilhões de peças em 2016;
- Trabalhadores: 1,5 milhão de empregados diretos e 8 milhões de adicionarmos os indiretos e efeito renda, dos quais 75% são de mão de obra feminina; [...]
- 2º. Maior gerador do primeiro emprego;
- Número de empresas: 27,5 mil em todo o País (formais);
- Quarto maior produtor e consumidor de denim<sup>75</sup> do mundo;
- Quarto maior produtor de malhas do mundo;
- Representa 16,7% dos empregos e 5,7% do faturamento da Indústria de Transformação;
- A moda brasileira está entre as cinco maiores Semanas de Moda do mundo;
- Temos mais de 100 escolas e faculdades de moda;
- Autossuficiente na produção de algodão, o Brasil produz 9,4 bilhões de peças confeccionadas ao ano (destas, cerca de 5,3 bilhões em peças de vestuário), sendo referência mundial em beachwear, jeanswear e homewear. \* dados de 2014;
- Com a descoberta do Pré-sal, o Brasil deixará de ser importador para se tornar potencial exportador para Cadeia Sintética Têxtil mundial;
- O Brasil é a maior Cadeia Têxtil completa do Ocidente. Só nós ainda temos desde a produção das fibras, como plantação de algodão, até os desfiles de moda, passando por fiações, tecelagens, beneficiadoras, confecções e forte varejo;
- Indústria que tem quase 200 anos no País;
- Brasil é referência mundial em design de moda praia, jeanswear e homewear, tendo crescido também os segmentos de fitness e lingerie;[...] (ABIT, 2018)

Além de ter alta relevância econômica a área têxtil, é a principal área de atuação da costura e está subdividida em muitos setores, nem todos ligados ao mundo da moda. Há os setores de confecção de artigos de cama, mesa, banho, decoração, área automobilística, uma abrangência que chega a abarcar até mesmo a confecção de paraquedas. Na área de vestimentas, há os setores de uniformes, trajes religiosos e outros. A área de moda, por sua vez, se subdivide em setores como confecção de acessórios: bolsas, sapatos, cintos, bijuterias etc. e de confecção de roupas que se subdividem em: moda feminina, moda masculina, moda

<sup>75</sup> Jeans

infantil, moda íntima e outros. Essa pesquisa se destina a um estudo para mulheres que costuram peças de tecidos leves a médios. A delimitação foi feita pensando no produto que se deseja alcançar, a proposta de um coworking de costura equipado por máquinas industriais para tecidos até determinada espessura. A restrição se faz necessária porque, assim como as técnicas, as máquinas também variam conforme a peça a ser produzida. Outro determinante é o fato de a maioria da clientela de costureiras particulares ser composto pelo público feminino, como pude observar pela minha experiência tanto profissional, como de estudante da área de costura e pelos relatos de outras costureiras, entre elas as que falam nesse texto.

Gosto mais de costurar pra mulher, faço blusão de homem, faço o quê mais? Cueca, é que agora não usa mais, né? Agora, usa tudo comprado, mas eu fazia. Fazia cueca de pano. Cortava, fazia, caseava, bem feitinho. Teve uma época que eu precisei de panhar (sic) da fábrica pra fazer em casa. É. Costura externa. Eu adorava quando eu sentava numa máquina, eu tava (sic) com tudo (risos). (DUARTE, Diva. 2019)

Tem até que eu nem pego, principalmente de escola, porque quando é na escola, é trinta, quarenta criança no mesmo modelinho. Aí, elas querem pra tal dia, aí tira a medida tudo direitinho, mas aí é muita criança, muita gente. Aí, de vez em quando essa menina que tava (sic) aqui hoje ela me ajuda, a Monique, tem vez que ninguém pode me ajudar, então eu fico sozinha, aí eu fico muito atrapalhada. É cansativo. [...] O que tem mais pedido é roupa infantil, porque a mãe acha que roupa pronta infantil é muito caro, porque é muito trabalhoso, já eu não acho. Eu acho bonito fazer. Sabe por quê? Criança não reclama, criança não vê que o ponto falhou aqui e outro falhou ali. Criança tá feliz, quer coisa rodada, coisa bonita e perde roupa muito rápido. Época de São João. Faço muita caipira (REIS, M<sup>a</sup> de Lourdes. 2019)

Então, eu sou costureira consertista, é a aquela que nunca faz a peça, só mexe no que tá pronto. Eu vou fazer a bainha, eu vou acinturar, eu vou apertar, às vezes, até alargar que pedem pra... às vezes, a roupa tá... é apertada, aí, pode pra botar uma nesguinha pra poder alargar. Aí, a gente alarga, aperta, conserta, troca fecho, coloca botão. A gente só mexe em roupa pronta e isso é que é costureira consertista. (MARTINS, Valéria. 2019)

Sou costureira desde os meus 15 anos de idade ultimamente com 43 anos, onde eu costuro ultimamente na minha casa, ou nas fábricas quando sou convocada e trabalho em escolas de samba. (PEREIRA, Flávia. 2019)

É importante observar os ramos de atuação de cada uma dentro da atividade autônoma de costureira. Flávia trabalha com moda feminina, peças de decoração e fantasias de carnaval nos barracões de escolas de samba, que constitui campo específico. Pois, o trabalho nos barracões visa atender a confecção de fantasias de forma sazonal e intensa, ou seja, convocam um grande número de costureiras que trabalham pesado (geralmente com horas extras) para atender à demanda do desfile. A confecção de uma fantasia exige alto grau de criatividade das costureiras e modelistas, para interagir na criação sugerindo operações não previstas a fim de

otimizar o trabalho e habilidade operacional, pois a peça final além de precisar ser bonita e resistente, nem sempre é produzida a partir do material padrão como tecidos e aviamentos, muitas fantasias são feitas de materiais alheios à costura, como plásticos, vidros, embalagens etc. Outro detalhe importante é que as costureiras envolvidas nesse processo devem ser capazes de trabalhar sob pressão.

Valéria trabalha em seu próprio ateliê e executa somente serviço de consertos, ajustes e/ou customizações, esse tipo de trabalho requer atenção ao pedido do cliente nas três situações distintas: para o conserto é preciso examinar a peça e verificar se o cliente está de acordo com trabalho, a operação a ser empregada deve ser explicada a fim de se evitar insatisfações; já para ajustes é necessário informar se e de que forma a operação pode interferir na peça; nos casos de customização é preciso ter criatividade para dar nova vida à peça. A área de consertos é um ramo que tem bastante procura, dando inclusive espaço para franquias desse serviço. Além de trabalhar somente com consertos, é especialista em roupas de festa, o que é uma subdivisão da área de costura. As roupas de festas exigem uma costureira que tenha “mão leve”, seja caprichosa e detalhista e que saiba, nos casos de atendimento a lojas de aluguel, fazer ajustes que possam ser revertidos a fim de garantir o reuso da peça.

M<sup>a</sup> de Lourdes atua com moda feminina, artigos de decoração e afirma ter muitos pedidos de moda infantil. Esse também é um dos segmentos da moda bastante específico que exige habilidade devido ao tamanho e aos detalhes de vestibilidade das peças confeccionadas. A moda infantil é uma área com bastante procura devido ao fato de muitas crianças crescerem rápido perdendo logo as peças e ao preço praticado pelas lojas, que costuma ser alto, de forma que se um adulto paga R\$60,00 numa blusa com tempo de uso estimado entre seis meses e um ano, esse mesmo valor aplicado em uma ou duas blusas de criança terá de ser reaplicado em seis meses, no máximo; sendo assim, muitos pais optam pela confecção de roupas com uma costureira que sai mais barato, e em caso de roupas para datas especiais a diferença entre uma peça de boa qualidade comprada pronta e a encomendada aumenta bastante.

É mais roupa de criança[...] costuma encomendar: vestido de aniversário de quinze anos... roupa de festa[...] costuro pra todo mundo, até pra cachorro eu já fiz roupa... cortina! Essas coisas. Jogo de cozinha colcha de cama com babado, aquele tipo edredom em cima. Dá aquelas costuras.

Bota, assim, bota o forro com o acrílon<sup>80</sup> no meio e o pano em cima. Aí, vem dando aquelas costuras, dando aqueles quadrados, pra ficar aqueles quadrados bonitos[...].(REIS, M<sup>a</sup> de Lourdes. 2019)

D. Diva, hoje, aposentada, costurava todo tipo de roupa, tendo declarado preferência por moda feminina e infantil. Das entrevistadas foi a única que relatou ter confeccionado blazer de homem e vestido de noiva, peças que exigem muita habilidade, o blazer devido às técnicas de modelagem masculina de complexidade própria e o vestido de noiva pela habilidade em trabalhar com tecido fino que exige técnicas específicas para garantir melhor caimento, detalhes de acabamento, apliques etc. Tem amplo domínio do ofício, entende os detalhes de acabamento de uma roupa (casa para botões, bainha).

Eu, Diva Batista Duarte, trabalhei muito costurando, criei meus filhos costurando. Agora, com a idade que eu já estou não é possível mais, mas eu tenho uma saudade louca do meu tempo de costura.

Fiz vestidos de noivas, blazer.

Com treze anos, algumas colegas minhas me pediam pra fazer vestido, uma blusinha, uma coisa. Eu sempre gostei muito de costurar.

Bom! Fazia, mas agora é como eu estou dizendo pra você, né?! Costuro tudo à mão, porque na máquina já não dá mais. Costurava, né?! Agora, eu dou aqueles pontos de “vamo simhora” (sic, risos). Mas, eu gosto da costura. [...]

Eu fiz um, um conjunto pra uma senhora, até da rua de baixo, saia e blusa. Ah, ela ficou encantada! Era amarelinho, abotoado, tinha uns bicos, aqui assim: dos dois lados, tipo um colete. Entendeu?!

Aí, eu fiz, o nome dela era Isaura. E ficou espalhando pra todo mundo que eu costurava (risos). Alguém vinha aqui: “– Ah, você faz uma roupa pra mim?”. Digo: “– No momento eu não posso,” Porque, depois, eu fui trabalhar.<sup>81</sup> [...]

Então, aí, eu parei de costurar assim, quando eu estava de férias, que ela me davam férias, às vezes uma semana, duas, assim. [...]

Tinha uma pessoa aqui na rua das pedras, essa rua de baixo... Ela, ela era mais velha do que eu e o marido, todos dois eram mais velhos que eu e eu fui ser madrinha de casamento dela, é. Porque eles viviam juntos, então se casaram. Aí, eu fiz a roupa pra ela... Não foi vestido de noiva, assim, foi pra noiva, porque não era noiva, né?! Mas um vestido comum. Eu fiz pra ela e ela ficou encantada com o vestido e assim foi [...]

É assim foi a minha vida. Até os setenta anos por aí assim, eu ainda trabalhei com negócio de costura assim, essas coisas. Agora, depois de lá pra cá, eu já comecei a... é, mas aí, já não era em casa de família, era na minha casa, fazia vestido pras minhas filhas, roupas pras minhas filhas, as filhas da vizinha pediam, eu fazia e freguesas mesmo que vinham na minha casa pedir pra mim fazer roupa e eu fazia. Tinha uma pessoa aqui na rua das pedras, essa rua de baixo... Ela, ela era mais velha do que eu e o marido, todos dois eram mais velhos que eu e eu fui ser madrinha de casamento dela, é. Porque eles viviam juntos, então se casaram. Aí, eu fiz a roupa pra ela... não foi vestido de noiva, assim, foi pra noiva, porque não era noiva, né?! Mas um vestido comum. Eu fiz pra ela e ela ficou encantada com o vestido e assim foi. (DUARTE, Diva. 2019)

<sup>80</sup> Material usado para enchimento fino em colchas.

<sup>81</sup> D. Diva trabalhou dos treze aos vinte e seis anos em casa de família.

O reconhecimento profissional na costura do qual todas nossas entrevistadas gozam, na história da costura, nem sempre se deu pela formalização do trabalho com registro em carteira de trabalho ou sindicato da categoria, muitas profissionais adquiriram esse reconhecimento a partir da formação de sua clientela sem precisar mostrar certificações.

Entre o grupo entrevistado o reconhecimento veio de forma diferente, para D. Diva o resultado foi espontâneo, pois a clientela já existia antes de ela se dispor a fazer o trabalho. Ela é o tipo de costureira tradicional, reconhecida pela vizinhança, como ela mesma disse no momento de sua apresentação no capítulo I: “Eu sou a Diva, conhecida de todo mundo” (DUARTE, Diva, 2019). Esse fato constitui traço importante na composição do ser social, pois no período em que ela começou a trabalhar com costura, o reconhecimento constituía a profissionalização “O caráter social e pessoal possibilitou a construção de uma trajetória profissional que lhes garantiu o *status* de terem uma profissão, através da qual era possível garantir as condições objetivas de existência.” (BARBOSA e FISCHER, 2016, p.10). Exerceu seu ofício por mais ou menos quarenta anos, trabalhando para atender pedidos de clientes, confeccionando peças femininas para vender na feira e recebendo peças de confecções para atuar como costureira externa.

O reconhecimento de seus clientes está diretamente ligada à motivação que as fez e faz continuarem na profissão, como é o caso de Lurdinha, já aposentada que assume grande número de encomendas. “Eu gosto muito do que faço. Prefiro vir pro quarto, pro meu quartinho de costurar do que botar um feijão no fogo, eu até esqueço quando boto, queima”. (REIS, M<sup>a</sup> de Lourdes. 2019). O reconhecimento de Lurdinha também veio a partir de seu trabalho, inicialmente ela teve o apoio de suas amigas de ofício que a inseriram na profissão.

## 2.3 Ajustes

Em relação às dificuldades encontradas no decorrer da trajetória profissional, as entrevistadas fizeram várias colocações que separei por seções para melhor entendimento. A saber: dificuldades técnicas – dificuldade na realização de alguma operação da costura, ou de adaptação a algum sistema de trabalho; desvalorização salarial – falta de reconhecimento profissional por parte do sindicato da categoria ou dos clientes, resultando em baixo rendimento; Desvalorização do trabalho da mulher – não reconhecimento da atividade como

profissão, ainda que remunerada, pelo fato de ser realizada em casa, causando acúmulo de trabalho (profissional e doméstico).

- a) Dificuldades Técnicas:** alguma inabilidade para determinadas operações, como D. Diva em relação à prender o zíper em calça de homem. M<sup>a</sup> de Lourdes relata não ter habilidade no corte e para o trabalho em fábricas, Valéria afirma que não conserta paletó de homem.

Única coisa na costura que eu nunca tive a oportunidade, a oportunidade, não. Tive sim, mas... a consciência de aprender foi fazer calça... de homem, por causa do, da barriguilha, barriguilha<sup>83</sup>.

Eu não tinha... várias vezes as minha amigas me ensinaram e tudo:

“– É assim, você faz assim.”. Mas eu não, eu não conseguia, outras peças eu sempre dei conta, né?! E com muito prazer, com muito carinho, tinha aquele gosto e tudo. Mas a tal da calça (risos). (DUARTE, Diva. 2019)

Mais difícil foi o corte, porque estando cortado, a gente mete a cara e vai, tem que dar certo. Agora, pra cortar, até hoje é difícil. Eu tiro o molde, aí a Nilda, a que me ensinou muito, as coisas mais difíceis assim, ela leva, traz cortado...

Eu mesma fui trabalhar numa fábrica, aqui acho que foi ali na Vila Ideal, foi até a Nilda que me levou. Fiquei três dias, Toda vida trabalhei em casa, fui à fábrica três dias, quebrei as agulhas todinhas, não consegui pregar um bolso, três dias. Bolso em short!

Em casa, aqui é o costume das máquinas, o jeito das máquinas, porque faz assim, faz assim. Só isso! Fiquei três dias. (REIS, M<sup>a</sup> de Lourdes. 2019)

Consertar qualquer tipo de roupa menos blazer e terno, porque isso é coisa de alfaiate e é melhor a gente não mexer, costureiras.

Tem muita diferença alfaiate e costureira. O corte do alfaiate, toda vez que eu vou consertar um terno não fica direito, não sei se é o corte, não sei se não pode mexer depois que está pronto. Tem gente que até gosta, mas eu prefiro não fazer, porque o corte do alfaiate fica perfeito, perfeito mesmo. . A única coisa que eu mexo em terno é comprimento, o comprimento da mão e o comprimento geral, eu mexo que é fácil de fazer. Agora, apertar, não é fácil, não. (MARTINS, 2019)

- b) Desvalorização salarial:** a questão do salário das costureiras foi uma questão apontado por três entrevistadas. Tanto no que se refere à remuneração em trabalho formal, cujo piso salarial sofreu desvalorização gritante no decorrer dos anos, quanto no atendimento direto aos clientes que nem sempre concordam com os preços cobrados.

<sup>83</sup> Abertura dianteira de qualquer calça, calção, ceroula etc. Serve para dar acabamento nos fechos-eclair. Também pode ser usada para definir a abertura do fecho. Algumas costureiras relatam sentir dificuldade para essa operação, mas é relativo.

A dificuldade que eu mais achei foi a remuneração é baixíssima<sup>84</sup>, mas a gente pode sempre melhorar, né?! Fazer um diferencial, melhorar, ir por outros caminhos, costureira tem várias, vários tipos de costureiras, várias fases. Aí, a gente tenta se aprimorar, mas o que desanima muito é o salário que é baixíssimo.

A costureira tem de ser mais valorizada é, é, é ser bem remunerada, porque essas fábrica paga muito pouco, quando a pessoa tá começando, é pouco demais, é um salário mínimo e costureira no tempo que eu comecei era um salário equivalente ao motorista de ônibus<sup>85</sup> e o sindicato era quase a mesma coisa, o valor e eles continuaram a subir, subir e costureira só descer, descer, descer, descer e agora encostou no salário mínimo. (MARTINS, Valéria. 2019)

- c) Problemas de saúde:** A costura é uma atividade que se faz na posição sentada com a cabeça levemente inclinada para frente. A repetição dessa função por períodos prolongados pode causar danos à saúde. No entanto, a única que mencionou episódio de Lesão por esforço repetitivo (LER) foi Flávia.

Aí, foi quando eu tive, por causa de muito repetimento de pegar muito serviço, tive tendinite no braço<sup>86</sup>. Aí, tive de operar. Aí, a Laurete<sup>87</sup>, virou bem e falou assim, oh: “- Vou te botar pra casa.” Eu disse: “- Mas, Laurete, eu gosto de trabalhar.” “- Eu sei que você gosta de trabalhar, mas não tem como você ficar.” Aí, eu fiquei em casa, acho que um, um ano e meio, dois. (PEREIRA, Flávia. 2019)

- d) Múltiplas funções:** o fato de a costura ser uma atividade muitas vezes exercida em casa agrava a questão do acúmulo de tarefas que costuma recair sobre as mulheres, todas as entrevistadas tocaram no tema dos afazeres domésticos e relataram a forma como contornam e são atravessadas por essa questão.

Eu trabalhei (em casa de família) até casar, eu casei com vinte anos, Parei, porque aí, depois, comecei a criar minha, minha família, né?! Eu tive dez filhos, eu costurava pra todos eles e, quando eu estava costurando, eles. Cada um fazia um serviço, o mais velho tinha a tarefa dele, depois a mãe da Fábria<sup>88</sup>, também, a mãe da Fábria dela de olhar as irmãs menor, lavava a louça e eu cozinhava, porque eu tinha medo deles se queimarem. Mas cada um tinha a sua tarefa e eu na máquina. Houve épocas na nossa situação é... ganhei muito dinheiro com costura, sabe?! Ganhei muito dinheiro, fazia as costuras... (DUARTE, Diva. 2019)

<sup>84</sup> Remuneração de costureira

<sup>85</sup> O salário dos motoristas de ônibus na

<sup>86</sup> As doenças de esforço repetitivo são muito comuns entre as costureiras de fábrica, devido à alta carga de trabalho e movimentos repetitivos como a própria entrevistada cita.

<sup>87</sup> Laurete era a supervisora da fábrica.

<sup>88</sup> Uma das netas e D. Diva.

[...] em casa é complicado, porque eu já trabalhei em casa, é complicado. A gente mistura trabalho com as coisas de casa, aí mistura tudo, não tem hora pra nada. Tem vez que você vai cuidar tanto da casa, quando você sai da máquina já é meia noite, uma hora da manhã e tem que entregar o serviço naquele dia, outro dia seguinte. (MARTINS, Valéria. 2019)

Olha, eu gosto de adiantar o almoço cedo, varro a casa, faço o que tem que fazer, aí vou na rua pra comprar alguma coisa e mais na parte da tarde. Quando meu marido tá em casa, na parte da tarde, não faço mais nada! Aí, não faço mais nada. Quando já tem comida pronta, tudo pronto, eu começo cedo, nove horas. Aí, se não tiver ninguém em casa (graças!). Vou direto! Vou até umas sete horas. (REIS, M<sup>a</sup> de Lourdes. 2019)

- e) Longas jornadas de trabalho:** Todas entrevistadas relataram assumir períodos de trabalho extensos, mesmo Flávia, que é a única que também trabalha em fábricas, afirmou cumprir dupla jornada para não recusar encomendas, uma das causas de tantas horas de trabalho é a desvalorização da profissão que faz com que as mulheres trabalhem por longos períodos a fim de garantir rendimentos que componham uma remuneração satisfatória.

Então, meu marido era da limpeza urbana da prefeitura do Rio. Aí, tinha dias que quando ele saía pro (sic) trabalho é que eu ia me deitar... quatro horas da manhã. Aí, a hora que ele saía é que eu ia deitar um pouquinho pra botar as crianças pra escola, né?! Aí, depois, ia cuidar da comida, daquela coisa toda. Agora, casa, varrer casa, lavar a louça, varrer quintal, tudo era por conta das crianças. (DUARTE, Diva. 2019).

### Customizações:

Vemos que nossas entrevistadas souberam driblar, com grande esforço, as dificuldades encontradas na profissão. D. Diva, frente ao volume de tarefas assumidas, achou uma forma de dividir os afazeres da casa entre seus 10 filhos e encontrar tempo para se dedicar ao trabalho. Ela relata muitas horas sentada à máquina de costura, confeccionando peças noite adentro. Lourdes, ao perceber que não se enquadrava no ritmo das fábricas, optou por trabalhar em casa e contar com o apoio daquelas que lhe ensinaram o ofício, essa tática lhe rende mais de vinte anos de profissão em exercício e clientela presente, mesmo após a aposentadoria. Valéria, não satisfeita com o salário praticado pelas confecções, no primeiro momento optou por ser costureira diarista<sup>89</sup>, depois fez as contas, percebeu a diferença entre o que produzia e o que recebia e decidiu encarar o desafio de abrir sua própria empresa,

---

<sup>89</sup> Costureira que trabalha por diária



enquanto Flávia optou por um contrato mais livre que lhe permite transitar entre a modalidade do trabalho em fábrica, em casa e em barracões de escolas de samba.

Doutra vez, ela falou assim: “– Não, aqui tu vai dar certo, vai!”.

Ela trabalhava no Cunha. “– Vamos pro Cunha!”. Aí, lá era sopra fazer gola. Quebrei quase uma caixa de agulhas, a chefe toda hora em cima, em cima, em cima. Comecei a ficar nervosa, aí, eu desisti, fico em casa mesmo. Se tivesse que trabalhar em fábrica, não ia ser costureira, ia ser só arrematadeira<sup>90</sup>, eu acho. (REIS, M<sup>a</sup> de Lourdes. 2019)

Eu fiz um investimento que foi abrir uma salinha, eu já tinha. Foi um investimento pouquíssimo, porque eu já tinha as máquinas, tinha bastante linha que eu trabalhei um tempo como costureira externa<sup>91</sup>. Aí, quer dizer, só foi mesmo alugar a sala e vir com a cara e a coragem e foi... E eu abri meu ateliêzinho e estou, agora, fazendo conserto, quer dizer, eu sou uma costureira e tô (sic) ganhando muito mais do que o salário do sindicato. (MARTINS, Valéria. 2019).

Aí, depois eu voltei pra trabalhar de novo, na Duomo que faz cueca pra homem, trabalhei um tempinho lá, depois falei: “- Ah, não quero mais trabalhar em fábrica, vou trabalhar na minha casa. (PEREIRA, Flávia. 2019)

## 2.4 O que elas não fazem

Um fato importante a destacar que das quatro mulheres entrevistadas, duas relataram não fazer um mesmo tipo de serviço devido ao fator gênero, pois a operação em questão expõe a profissional a uma posição que determinados homens entendem como convenientes a investidas sexuais: essa operação é a tirada das medidas necessárias ao gancho<sup>92</sup> da calça masculina. Importante observar que para confeccionar uma calça feminina é feita a mesma operação, sem nenhum relato de assédio ou desconforto das partes envolvidas. M<sup>a</sup> de Lourdes apontou como motivo a restrição do seu companheiro que sente ciúme e solicita que ela não atenda homens. Então, quando isso acontece, ela tira as medidas com os clientes vestidos<sup>93</sup> e dá um desconto de medida, mesmo assim somente quando há outras pessoas em casa e com a porta e a janela do quarto de costura abertos a fim de evitar comentários maldosos e “falação”<sup>94</sup>. Se o pedido for de calça, ela solicita que a companheira do cliente lhe traga uma peça pronta para usar de base se desviando, dessa maneira, da operação. Já Valéria afirmou

<sup>90</sup> Funcionária que faz arremates na fábrica de costura.

<sup>91</sup> Costureiras que executam trabalhos para confecções em suas casas

<sup>92</sup> Corte da parte interna da virilha, em formato de curva, no qual se coloca o zíper.

<sup>93</sup> As medidas ficam mais precisas quando as pessoas ficam em trajes mínimos, pois o tecidos das vestimentas acrescem centímetros às medidas.

<sup>94</sup> Fofoca, boatos maldosos.

aceitar esse serviço somente dentro de determinadas condições: quando a sala ao lado do seu ateliê tem gente, pois ela usa um sinal sonoro que avisa que está sozinha atendendo um homem. Para tirar as medidas, principalmente a do gancho, ela orienta a nunca ficar à frente do homem, coloca-o de frente para o espelho e vai guiando seus movimentos pelo reflexo com cuidado para tocar o corpo do homem o mínimo possível. Valéria afirma que os homens se sentem excitados e que quando trabalhava para outro ateliê foi assediada. Essas colocações mostram que, no ramo da costura, também há o problema do assédio sexual ao qual as mulheres estão expostas em outras profissões ou fora delas. Esse fato talvez acabe por fazer com que muitas outras mulheres evitem atender clientes do sexo masculino, reduzindo o número de profissionais especializadas nessa área.

[...] porque tem que vestir, tem que medir, tem o gavião, aí não dá certo. Por causa do..., é, ele tem ciúme. Aí, quando é assim, eu peço à esposa, à companheira, ou à namorada: “- m –Olha, traga uma calça, uma bermuda que fica boa nele e a gente corta por ela. [...] O problema é o contato, é. Sei fazer a peça. (REIS, M<sup>a</sup> de Lourdes. 2019)

Às vezes, também, sozinha, dá medo também de atender certos tipos de clientes, porque é homem. Às vezes, vem pra ficar nu aqui dentro do provador. Aí fica no provador pra mim fazer alguma coisa.<sup>95</sup>... Aí, eu só atendo, também, se o pessoal da imobiliária estiver aí. Eu não estou aqui pra isso, falo que tem gente aqui que aí eles ficam de olho.

Oh, para mim é tranquilo porque eu me imponho, dou muito respeito e quando fala alguma coisa, eu já corto logo, grosseiramente. Não tenho esse negócio de sair, não. Eu falo logo: “- Oh, meu irmão, não é por aí. Eu tô (sic) aqui pra marcar sua roupa.” Aqui eu não precisei fazer isso, mas num ateliê lá, que eu trabalhava lá na zona sul, eu precisei. Que pessoa veio de abuso pra cima de mim. Quando eu ajoelhei pra marcar a bainha, aí a pessoa veio de abuso pra cima de mim, aí eu dei um fora logo. Quando ele chegou, falei com o patrão, ele disse: “- Você fez bem, fez bem. Corta logo!”.

Uma dica que eu dou para as costureiras que vai marcar roupa de homem: nunca ficar ajoelhada na frente dele. Ele sempre vai ficar virado pro espelho, você vai marcar a bainha com ele sempre virado pro espelho, fica nas costas dele. Não fica na frente, porque aí ele pensa certa coisas, a gente ajoelhada lá... quando é mulher, tudo bem. Agora homem, nada! Nada que eu for fazer com ele, sempre deixo ele de frente pro espelho e fico atrás, fica até mais difícil de marcar, mas eu sempre fico atrás, meio do lado, nada de frente, nunca. (MARTINS, Valéria. 2019)

Percebemos que a costura, como outras profissões consideradas femininas, foi um saber que migrou do campo doméstico para o campo econômico e industrial conquistando o status de profissão e viabilizando a mulheres como D. Diva formas obter renda mesmo trabalhando dentro de casa sem abandonar, ou melhor, acumulando o trabalho com os

<sup>95</sup> Algum conserto de emergência.

afazeres do lar. Para outras, como Lourdes, Valéria e Flávia o ofício é importante porque lhes garante independência financeira, sendo uma área de atuação na qual elas buscaram soluções para as barreiras encontradas, criando seus próprios caminhos. Observa-se, também, que a costura constitui um universo composto por várias modalidades, costura feminina, masculina, infantil, peças de decoração etc. Formando um universo essa pesquisa nos proporcionou conhecer um pouco da costura e as motivações que mantêm essas e outras mulheres ocupadas com essa profissão ainda nos dias de hoje, essa reflexão é importante a fim de pensarmos, junto com as entrevistadas, a relevância e a forma de concepção de um espaço de trabalho compartilhado para o exercício desse saber, esse será objeto de escrita do capítulo a seguir.

### 3 CAPÍTULO. III

#### 3.1 O COSER POR ELAS.

Como vimos no primeiro capítulo, coser é o ato de unir as peças a fim de compor um todo, é o processo pelo qual as linhas se entrelaçam juntando as partes. Saber antigo, pois desde “sempre” costuramos, “Já na Pré-História se cosia: provam-no ferramentas de costura primitivas, tais como agulhas feitas de ossos, espinhas, espinhos de plantas e madeiras encontradas em variados locais.” (CARVALHO. 2007). Com o tempo foram sendo construídas ferramentas mais adequadas; foi inventada a máquina de costura, primeiro de pedal; depois, eletrônica e industrial; hoje, automatizadas que fazem algumas operações praticamente sozinhas. A costura acompanha a evolução humana. Portanto, é necessário pensar outras formas de exercê-la, as costureiras podem e devem buscar novos caminhos para melhor realizar sua profissão.

Esse capítulo se destina a mostrar uma dessas formas, uma proposta de organização diferente, nele as entrevistadas, em diálogo com a entrevistadora, autora da presente dissertação, vão costurar o *CoSer*. Vamos ouvir o que as vozes participantes sobre a ideia inicial do projeto, entender como elas o percebem e alinhar suas sugestões com a da autora numa só peça. Aqui a participação da autora aparece mais diretamente, como acontece numa coleção, a autora foi quem idealizou e desenhou o modelo, agora submetido a quem faz a peça existir, aquelas que dizem: “– Dessa forma não é possível, precisamos colocar uma fenda aqui, um botão ali, um fecho naquela parte...”<sup>96</sup>, as costureiras.

Ao final do capítulo teremos o esboço da peça piloto<sup>97</sup>, o resultado das negociações entre desejo e possibilidade com todas as intervenções necessárias para concepção do produto final, que virá como apêndice dessa pesquisa.

Nessa etapa, precisei falar um pouco, pois minhas entrevistadas aceitaram dar entrevistas a fim de colaborar com a criação do projeto, portanto queriam ouvir minha proposta e motivações antes de falar sobre ela.

---

<sup>96</sup> Fala comum em ambientes de confecção.

<sup>97</sup> Peça que serve de modelo para a produção, deve seguir com os lotes de tecidos cortados a fim de que a costureira possa observar e tirar dúvidas quanto ao tipo de operação a ser aplicada para obtenção do resultado final.

### 3.1.1 O croqui

A proposta inicial do *CoSer* foi criar um espaço compartilhado para o trabalho de costura e moda em Duque de Caxias, um coworking, que promovesse o empoderamento de mulheres a partir da obtenção de rendimentos oriundos do exercício profissional da costura, e que cultivasse um ambiente de troca, aprendizado, comercialização, se possível, e criação de material para pesquisa. A proposta se apoiou na ideia-base de que se houver um espaço que viabilize a mulheres que costuram de forma autônoma, exercerem seu ofício sem a necessidade de investimento em máquinas, essas mulheres teriam uma maior possibilidade de geração de renda que apoiaria a construção de sua independência financeira, parte constituinte da independência plena. O desenho nasceu como um espaço coletivo social a ser montado em algum bairro fora do centro de Duque de Caxias. Durante a pesquisa, esse desenho se modificou como veremos adiante.

Antes, porém, cabe lembrar que o conceito de empoderamento aqui evocado é aquele explicitado na introdução, ou seja, o fato resultante de um processo pelo qual as pessoas percebem, reivindicam e fortalecem seu poder a fim de consolidá-lo e reproduzi-lo.

Segundo a autora Joice Berth, empoderamento é um fenômeno pelo qual uma pessoa ou um grupo toma posse de um poder que já lhe pertence, não um poder qualquer, mas o “poder a partir da ação coletiva” (BERTH, 2018):

[...] o poder corresponde à habilidade humana não apenas para agir, mas para agir em conjunto. O poder nunca é uma propriedade de um indivíduo; pertence a um grupo e permanece em existência apenas na medida em que o grupo conserva-se unido. Quando dizemos que alguém está “no poder”, na realidade no referimos ao fato de que ele foi empossado por um certo número de pessoas para agir em seu nome. (ARENDT, 2001 apud BERTH, 2018, p. 12).

Joice Berth afirma, se referindo aos estudos de biofísica e biopoder de Foucault, que “as relações de poder ultrapassam o nível estatal e está presente em toda a sociedade. Sendo assim, o poder seria uma prática social construída historicamente” (BERTH, 2018, p.12-13). Ou seja, o processo de empoderamento não pode ser visto como um dado, ou força externa, tampouco como a tomada um poder qualquer, mas como uma retomada daquele outrora subtraído, saqueado por forças de dominação. Empoderar é retomar para si um poder legítimo, libertador. Mais que um conceito, empoderamento é um fato que redesenha a organização social questionando injustiças e reivindicando espaços.

*Empoderar* dentro das premissas é, antes de mais nada, pensar em caminhos de reconstrução das bases sociopolíticas, rompendo concomitantemente com o que está posto entendendo ser esta a formação de todas as vertentes opressoras que temos visto ao longo da história. Esse entendimento é um dos escudos mais eficientes no combate à banalização e esvaziamento de toda a teoria construída e de sua aplicação como instrumento de transformação social. (BERTH, 2018, p. 16)

As premissas às quais a autora se refere são as questões de entendimento do poder como uma herança das lutas de seus ancestrais, ou força adquirida pela sua luta diária e de seus semelhantes. Logo, a força de um ser empoderado é a manifestação individual da força de uma coletividade. Pois, trata-se de um processo pelo qual a história se redesenha, mudando o foco da cena para personagens até então esquecidos. Só há empoderamento quando o poder apreendido é ressignificado para o sentido não de posse ou dominação, mas de crescimento. É, em sua essência, o encadeamento de processos complexos de ações coletivas que resultam em uma reapropriação de um poder já existente, mas nem sempre exercido. Logo, dizem respeito a iniciativas conjuntas para afirmação do poder de indivíduos antes silenciados.

Promover a união através de um trabalho conjunto num espaço que permita a troca de conhecimento é uma ação que favorece a formação e o reforço de laços de solidariedade que promovam o empoderamento, mesmo que aparentemente individual de cada componente. É uma estratégia de reforçar o poder desses atores, e empoderá-los, porque:

*O empoderamento individual e coletivo* são duas faces indissociáveis do mesmo processo, pois o *empoderamento individual* está fadado ao *empoderamento coletivo*, uma vez que uma coletividade *empoderada* não pode ser formada por individualidades e subjetividades que não estejam conscientemente atuantes dentro de processos de *empoderamento*. (BERTH, 2018, p. 42).

Sendo assim, pensar em uma maneira de fomentar a independência profissional feminina justifica o presente texto, que tem como eixo principal despertar a capacidade de empoderamento de mulheres através de sua força de trabalho. Ação tão necessária que faz parte de um documento da ONU Mulheres<sup>98</sup>, que pertence à Organização das Nações Unidas - ONU constituindo uma cartilha de *Princípios de empoderamento da mulher*<sup>99</sup>, que orienta o

<sup>98</sup> A ONU Mulheres foi criada, em 2010, para unir, fortalecer e ampliar os esforços mundiais em defesa dos direitos humanos das mulheres. São seis áreas prioritárias de atuação: liderança e participação política das mulheres; empoderamento econômico; fim da violência contra mulheres e meninas; paz e segurança e emergências humanitárias; governança e planejamento; normas globais e regionais.

<sup>99</sup> Princípios de empoderamento da mulher <http://www.onumulheres.org.br/referencias/principios-de-empoderamento-das-mulheres/>.

desenvolvimento de ações fundamentais para construção do poder feminino, composto por sete itens dentre os quais, o quarto fornece argumento que reforça essa pesquisa e esse projeto: “Promover a educação, a formação e o desenvolvimento profissional das mulheres.” (ONU. 2015). Há ainda outro documento no qual é possível encontrar elementos que apoiam os argumentos aqui apresentados, a lista de Objetivos de Desenvolvimento Sustentável - ODS da ONU, dentre os quais, destaco dois:

Objetivo 5: Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas

Objetivo 8: Promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todos. (ONU, 2019).

Com base nessas colocações, posso afirmar que a proposta de criação de um espaço social de trabalho para produção profissional e troca de saberes de costura pode ajudar a impulsionar o empoderamento feminino através do acesso a condições adequadas de trabalho fora do lar, contribuindo para uma maior autonomia e geração de renda. Nesse sentido, o presente trabalho consiste na proposta de um lugar estruturado no modelo de coworking - uma metodologia na qual são disponibilizadas estruturas físicas e tempo para que pessoas realizem seu trabalho sem necessariamente estarem vinculadas à entidade que promove essa união, através da divisão dos custos de manutenção do espaço. Reduzindo gastos e evitando investimentos altos que, geralmente, as pessoas de determinada classe social não têm como fazer.

Sobre coworking, cabe dizer que se trata de uma metodologia de trabalho que consiste no compartilhamento do mesmo espaço físico e de equipamentos para a realização de atividades profissionais em conjunto, ou individualmente. Coworking é uma metodologia de trabalho nascida nos EUA a partir de buscas de formas de organização de trabalho que se mostrassem atuais, produtivas e motivadoras. Nasceu da busca pelo contato com o outro e evoluiu para a questão da divisão de gastos. Segundo Breila Zanon, esse termo foi pensado por Bernie DeKoven: “O termo coworking foi especificamente cunhado pelo designer Bernie DeKoven em 1999” (ZANON, 2015), para se referir a uma dinâmica de trabalho. A autora, em seu texto, não apresenta definições para o termo, mas afirma: “Foi em 2005 que Brad Neugerger usou tal nome para descrever um espaço físico compartilhado por profissionais.” (ZANON, 2015). Barreto e Ferraz, (2004) mostram o quanto é interessante o fato de formato de coworking oferecer não só opção para driblar a crise econômica, como, também para

reproduzir um ambiente de convívio profissional que favorece a dinamicidade da produção, busca de soluções para problemas e a criatividade. A adoção dessa metodologia vem sendo praticada por alguns setores da economia no Brasil como opção de trabalho, principalmente, os de serviços de profissionais liberais. Segundo esses autores, o formato de coworking guarda valores importantes, tais como:

[...]

#### **2.1. Sustentabilidade**

A sustentabilidade está associada ao tripé ecológico-financeiro-social. O compartilhamento de recursos existentes nos *coworking spaces*, [...], os torna inerentemente sustentáveis do ponto de vista ecológico. (HILLMAN, 2011a)

#### **2.2. Acessibilidade**

A acessibilidade está associada ao fato de as pessoas que trabalham em um *coworking space* estarem lá por decisão própria [...].

#### **2.3. Openness**

O *openness* está ligado às chamadas iniciativas de *open source*, o que em português significa “fontes abertas”. [...] A liberdade está associada à escolha de trabalhar no ambiente em que o usuário preferir [...].

#### **2.4. Comunidade**

Esse valor está associado ao fomento das interações entre os membros de um *coworking space* sobre assuntos relacionados ou não ao trabalho através de eventos que promovam tal socialização, que poderá em um segundo momento, desenvolver relações de confiança entre os membros do espaço. [...]

#### **2.5. Colaboração**

A colaboração é o passo seguinte à comunidade. Depois da construção das relações de confiança que sustentarão a comunidade, é mais fácil que as pessoas colaborem umas com as outras. [...] (BARRETO e FERRAZ, 2014, p. 29,30).

Como exemplo de coworking na área de moda e têxtil, é interessante citar, a *Malha* uma iniciativa de profissionais de moda em busca de formatos que dialoguem com as demandas atuais, sustentabilidade, consumo consciente, inclusão, entre outros.

A Malha surgiu como uma possibilidade de repensar e recriar o mercado da moda. Um sonho que nasceu em 2015 entre conversas despreocupadas de amigos com diferentes vivências profissionais que compreendiam a urgência de ultrapassar os atuais modelos de criação, desenvolvendo formas mais justas e inovadoras de conectar marcas e pessoas.

Assim, a Malha foi fundada em janeiro de 2016 através dos esforços coletivos do autor e diretor criativo André Carvalhal com um grupo de apoiadores visionários, como a pesquisadora de moda Renata Abranchs, a gestora de varejo Chris Carvalho, o jornalista e apresentador Caio Braz e a consultora de marketing e branding Lilly Clark.

(MALHA, 2019)

Localizada em São Cristóvão, zona norte do Rio de Janeiro, A *Malha* é uma hospedagem de marcas da área têxtil e de moda, montado num antigo galpão, com



infraestrutura adequada que abriga restaurante, espaços para estudos, fabricação e eventos, oferece às empresas parceiras containers que funcionam como quiosques, compondo um ambiente moderno, aconchegante e despojado.

Figura 7: Galpão do Espaço Malha. Foto tirada pela autora em novembro de 2017.



Embora com pouco tempo de vida, a *Malha* tem uma jornada bem sucedida que mostra o quanto o setor é capaz de absorver iniciativas como essa. Nesses dois anos e meio, a empresa firmou parcerias com empresas consolidadas no mundo da moda.

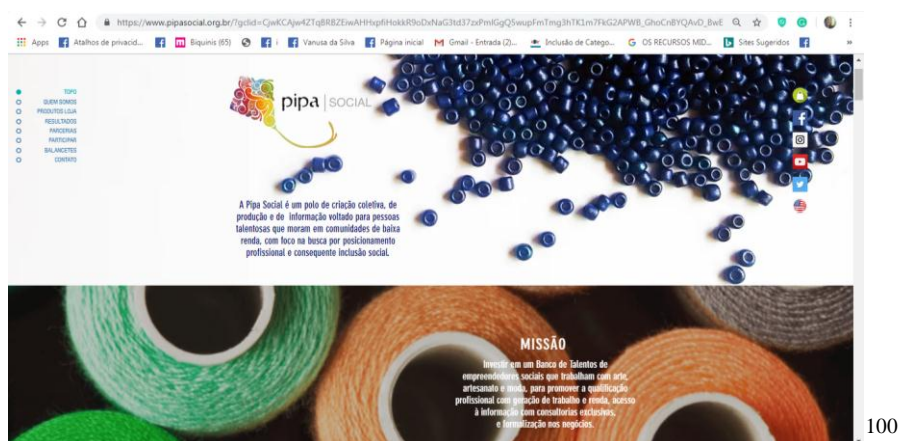
Nesse tempo criamos e gerimos projetos grandes, como a incubação de 10 marcas no C&A Aposta\_, pesquisamos, escrevemos e formatamos os relatórios de tendências sobre o futuro da moda com apoio o Instituto C&A, levamos marcas sustentáveis e inovadoras para o Veste Rio, a maior feira de negócios da Moda carioca, em um stand com experiência de realidade virtual e impressão 3D e criamos duas lojas pop-up nos shoppings Rio Design Barra e Leblon, no Rio, e no shopping Conjunto Nacional, em Brasília. (MALHA, 2019)

Assim como a *Malha*, a proposta do *CoSer* é de um coworking social no qual as pessoas possam compartilhar o espaço e maquinário disponível, além de pretender, em passos posteriores, a incorporação de local de venda e oferta de cursos e palestras. Nesse ponto, é interessante observar a empresa e acompanhar sua trajetória a fim de buscar modelos e inspiração de funcionamento. A diferença desse modelo para a minha proposta é a questão do

investimento e do perfil ao qual ela se destina. Na Malha vemos empresas e profissionais mais voltados para perfis mais consolidados e com maior poder aquisitivo, enquanto o *CoSer* é pensado para quem trabalha de forma liberal.

Outro exemplo é a *Pipa social*, uma organização não governamental e polo de criação, que tem por objetivo atender pessoas de comunidades criando oportunidades de geração de renda. A organização atua nas áreas de costura e artesanato.

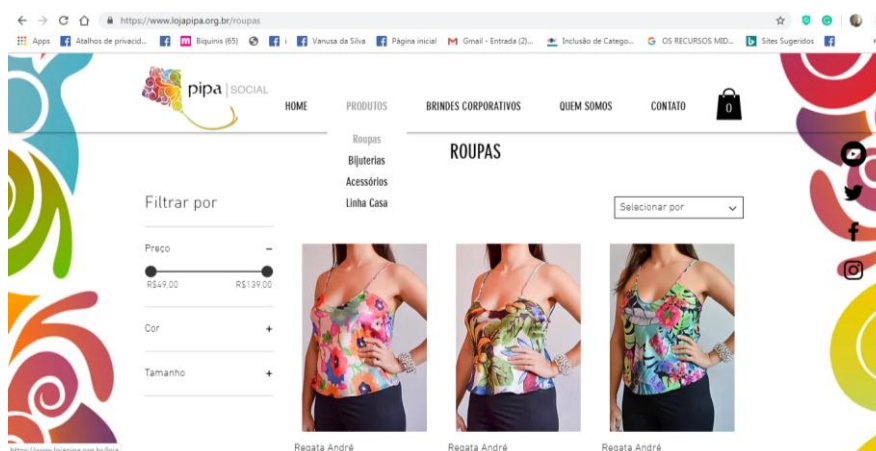
Figura 8: Página virtual da Pipa. Fonte: <https://www.pipasocial.org.br/>



Segundo dados do *website* da organização o número de pessoas atendidas direta e indiretamente chega a 495 com a produção de 8200 peças comercializadas. A Pipa, assim como o CoSer tem propostas que se enquadram em documentos da ONU e mesmo com uma proposta mais voltada para o social. A *Pipa* também tem parcerias com empresas de grande porte como Fecomércio, Light e Sebrae e mantém uma loja própria para comercialização dos produtos fabricados pela iniciativa.

<sup>100</sup> A Pipa Social é um polo de criação coletiva, de produção e de informação voltado para pessoas talentosas que moram em comunidades de baixa renda, com foco na busca por posicionamento profissional e consequente inclusão social. Missão - Investir em um Banco de Talentos de empreendedores sociais que trabalham com arte, artesanato e moda, para promover a qualificação profissional com geração de trabalho e renda, acesso à informação com consultorias exclusivas, e formalização nos negócios.

Figura 9: Página de produtos da Pipa Social. Fonte: <https://www.lojapipa.org.br/>



Com a *Pipa*, o *CoSer* tem em comum o público-alvo, pessoas de menor poder aquisitivo e, com a *Malha* a promoção de troca de conhecimento. No entanto, a *Pipa* tem produção coletivas de coleções e produtos, possibilidade que não foi pensada para o *CoSer* no primeiro momento. Como podemos ver pelos exemplos citados, há espaço para novas propostas na área têxtil. A pesquisa permitiu também observar que iniciativas que promovem a inclusão social pela geração de renda são bem-vindas na área da moda, que ainda carrega alguns estigmas em relação à questão do consumismo e à necessidade de pensar possibilidades de promoção de trabalho mais dignas.

O *CoSer* transita entre essas duas possibilidades representadas pela *Malha* e pela *Pipa Social*, com a diferença de se destinar a mulheres costureiras assim como o projeto *Mulheres do Sul Global* que atende mulheres refugiadas:

### O negócio social

*Mulheres do Sul Global* é um negócio social de empoderamento econômico de mulheres refugiadas, inseridas em contextos de refúgio e vulnerabilidade social, baseado na promoção do empreendedorismo, capacitação de habilidades, criação e venda de peças de costura comprometidos com os novos paradigmas de se fazer e consumir sustentável.

Nossa missão é promover o empoderamento econômico de mulheres refugiadas através do ofício da costura, com o desenvolvimento de jornadas empreendedoras e redes de trabalho com valorização das identidades e conexões entre culturas. (MULHERES DO SUL GLOBAL, 2019).

Localizado no bairro da Glória, zona sul do Rio de Janeiro. Projeto que consiste numa iniciativa que busca inserir mulheres refugiadas a partir do trabalho com a costura. Esse projeto, assim como a Pipa, está de acordo com alguns dos Objetivos de desenvolvimento social da ONU.

Figura 10: Página virtual do Mulheres do Sul Global.

Fonte: <https://www.mulheresdosulglobal.com/negocio-social>



Essa iniciativa foi contemplada pelo Prêmio Shell de Iniciativa Jovem e pelo Colaboramérica e Emzimgo, fatos que confirmam a força da atividade da costura. No website do *Mulheres do Sul Global*, a fundadora afirma que ao pesquisar o motivo de pedido de máquinas de costura pelas refugiadas percebeu que essas mulheres haviam aprendido a costurar durante sua infância, informação que consta no capítulo dois dessa pesquisa.

O *CoSer* se aproxima desse projeto no sentido que ambos têm como foco principal mulheres costureiras, com a diferença de o *Coser* se destinar a mulheres locais, enquanto o outro a mulheres estrangeiras refugiadas. Como diferencial a todos os três projetos citados, há o fato de a presente proposta se destinar a um município da Baixada Fluminense, escolha que se deu não só pelo fato de ser o meu lugar de nascimento e residência, mas, principalmente por vivenciar o desgaste financeiro (devido aos altos custos das passagens intermunicipais no estado do RJ), físico e emocional do deslocamento de mais de uma dezena ou dezenas de quilômetros em meios de transporte superlotados e em péssimas condições, que expõem as mulheres a casos de assédio sexual ocasionado pelo superlotação, violência

urbana (tiroteios e arrastões<sup>101</sup>) e às longas horas gastas diariamente (cerca de duas horas por viagem de Duque de Caxias aos bairros centrais do Rio de Janeiro).

A proposta inicial do *Coser* transita entre essas três possibilidades, o projeto nasceu do desejo de criar um espaço coletivo de produção na área de costura com viés social em Duque de Caxias. Fiz uma breve apresentação da proposta para minhas entrevistadas, da maneira mais imparcial possível, e depois fui dialogando com elas sobre cada item, a fim de melhor organizar uma proposta que parta das observações, demandas e sugestões delas.

Linhas gerais da proposta inicial do Coser (resumida da proposta original e apresentada às entrevistadas).

***CoSer – coworking social de costura para mulheres de Duque de Caxias.***

**Objetivos**

**Objetivo geral:**

Planejar a criação de um coworking social para trabalho, estudo, divulgação, produção e compartilhamento de conhecimentos para trabalhadoras de costura do município de Duque de Caxias.

**Objetivos específicos**

- Colaborar com o empoderamento de mulheres dedicadas à costura a partir de sua reunião em um espaço de trabalho compartilhado e centrado na especialização profissional;
- Promover, através do encontro entre essas mulheres costureiras, condições para uma reflexão coletiva crítica sobre a valorização do ofício e dos direitos dos profissionais de costura;
- Unir mulheres que queiram exercer os saberes desse ofício para a conquista de seu espaço no mundo do trabalho.
- Incentivar o crescimento profissional e pessoal das participantes.

**Definição**

Planejamento de um ambiente no qual mulheres de Duque de Caxias possam trabalhar com costura, se aperfeiçoar e aprender novas técnicas através do exercício de seu ofício num espaço de convívio e troca de conhecimento, criando melhores condições de posicionamento profissional. Produção e organização de material que possa servir para estudos futuros sobre

<sup>101</sup> Prática criminosa comum nas vias expressas do Rio de Janeiro na ocasião dessa redação. .

o universo da costura: trabalho, cultura, economia e outras temáticas, além de material sobre a experiência da concepção do projeto.

### **Estrutura**

**Ambiente** - O projeto a ser instalado num galpão, sala ou casa, conforme a disponibilidade de recursos. Tendo sempre atenção à iluminação e ventilação adequadas, disponibilidade de um cômodo para alimentação e banheiro.

**Mobiliário** – (requisitos mínimos):

- para trabalho - mesa para recepção, mesa de corte e de trabalho (arremates, e ajustes manuais), cadeiras, prateleiras para material de apoio e/ou doações e uma linha de telefone fixo; [quantidade de cada item?]
- refeitório - mesa para refeições, forno micro-ondas e frigobar.

**Maquinário:** O espaço deve comportar cinco máquinas de costura: duas overloques, duas retas, uma zigzag, uma colarete e um computador.

### **Metodologia**

O espaço se propõe a disponibilizar instalações e maquinário adequadas ao exercício da costura e a alimentação e tempo de descanso das costureiras que frequentarão o espaço. O material a ser utilizado (tecido, linhas e aviamentos) deve ser levado pela costureira que, também, deve se responsabilizar por agulhas e peças a serem acopladas às máquinas para realização de determinadas operações. Pretende-se que o estabelecimento compre esses artefatos e os repasse para as costureiras a preço de custo, diminuindo o custo de produção. Essa ressalva se justifica também pela necessidade da utilização de acessórios que não danifiquem as máquinas.

### **Justificativa:**

Com base na condição de desigualdade social das mulheres na sociedade brasileira percebe-se a urgência de ações que promovam o aumento das oportunidades de crescimento profissional para elas como estratégia de promoção da superação dessa injustiça. O diálogo sobre o desequilíbrio entre lucratividade e remuneração foi pensado a partir de números da indústria têxtil. Pois, essa área constitui um segmento de extrema relevância econômica para o país, dados da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecções (ABIT, 2017) aponta como números do setor têxtil: “Trabalhadores: 1,5 milhão de empregados diretos e 8 milhões de adicionarmos os indiretos e efeito renda, dos quais 75% são de mão de obra

feminina; [...] 2º. Maior gerador do primeiro emprego [...] (ABIT, 2017) .

Com relação à metodologia de coworking, justifica-se por esse formato tornar possível arcar com os custos de manutenção de um espaço de produção devido à divisão dos custos e dos valores dos recursos a serem empregados;. Outro motivo é o fato de multiplicação e flexibilização das oportunidades de acordo com a dinâmica das atividades, de forma que uma profissional pode optar por ocupar uma posição e realizar uma determinada atividade por definido, sem prejudicar o funcionamento geral do espaço. Além disso, o espaço promoverá atividades de reflexão sobre a valorização do trabalho de costura e convidando à consideração da valorização do elemento humano presente fabricação de vestimentas através de um espaço que ofereça melhores condições dignas de trabalho e visa o desenvolvimento dessas operárias.

#### **Público alvo**

Mulheres interessadas em atividades de costura sem requisitos de profissionalização a fim de permitir tempo de maturação da atividade e criação de condições que permitam o investimento em recursos próprios ou o ingresso em trabalho formal, além da incubação de empreendimentos individuais ou coletivos.

#### **Localização:**

Algum bairro da periferia de Duque de Caxias, por serem lugares menos atendidos pelas iniciativas em geral.

#### **Montagem**

Montar o projeto por partes. Iniciando-se com um espaço que abrigasse uma sala com mesa de moldes e corte e máquinas para produção, à qual pode ser estendido um ambiente de estudos e reuniões e por último espaço para exposição e venda. Num segundo momento, acrescentar espaço que abrigue ações de afirmação da identidade feminina através de rodas de conversa sobre assuntos do universo feminino, de forma a promover a sororidade, o crescimento individual e o empoderamento.

#### **Manutenção**

Manter o projeto a partir de doações e de percentuais oriundos da comercialização, de produtos confeccionados pelas mulheres atendidas.

#### **Multiplicação do conhecimento**

Ocupar-se, também, de estratégias de multiplicação do conhecimento que podem ser praticadas através da troca natural entre as trabalhadoras e pela criação de momentos

pontuais (oficinas, cursos, palestras) de estudos e aprimoramento. Além de oferecer o espaço para a realização de trabalhos de costuras, portanto, pretende-se fomentar a promoção de orientações à incubação de empreendimentos através de convites para colaboradores externos e especialistas.

## 3.2 A CONFECÇÃO

Ao receber o croqui, a ficha técnica e as partes cortadas, o trabalho da costureira, nesse caso, uma *pilotista*<sup>102</sup>, é conferir os tecidos cortados e as instruções da ficha técnica para, então, se dedicar à confecção da peça. Nesse momento, se houver alguma orientação equivocada, ela, a costureira deve apontar o engano e indicar a operação a ser aplicada, é ela, também quem decide quais são os melhores fios, linhas, aviamentos e em que ordem a peça deve ser executada. Ao apresentar o *Coser*, em primeiro lugar, foi preciso explicar o que seria um *coworking*, conceito com o qual as entrevistadas não estavam familiarizadas, e ao qual não aderiram totalmente, preferindo chamar o projeto de cooperativa ou associação, talvez por se tratar de uma metodologia com a qual têm pouco ou nenhum contato. É essa interação entre proposta e a opinião da classe a ser por ela atendida que busco apresentar a seguir.

### 3.2.1 CoSer – *coworking* social de costura para mulheres de Duque de Caxias.

#### Proposta delas:

#### Definição

As entrevistadas concordaram com o sistema de *coworking*, mas insistiram em chamar de cooperativa mesmo sabendo a diferença entre uma e outra metodologia de trabalho. Elas avaliaram de forma positiva e, apesar de não aderirem ao nome, não propuseram outro formato. Segundo D. Diva, Flávia, M<sup>a</sup> de Lourdes e Valéria, deve-se montar o projeto em regime de cooperação no qual todas as pessoas envolvidas devam ter direitos e deveres referentes ao ambiente.

A ideia é boa, agora vamos ver o respeito de todas, uma tem que respeitar o espaço da outra. (REIS, M<sup>a</sup> de Lourdes (PEREIRA, Flávia. 2019).

Eu acho uma boa, eu acho que vai ficar tipo uma cooperativa, não é isso?! Tipo uma cooperativa que divide o aluguel, divide os custos.

<sup>102</sup> Costureira responsável por produzir a peça piloto.



Vai ser muito bom! Porque nesse patamar ficam as cabeleireiras. Tem isso, elas vão, aí, deixam um tanto com a dona do salão e, nesse caso, das costureiras, seria um espaço pra elas, seria muito bom isso mesmo. (MARTINS, Valéria. 2019)

Flávia apresentou a proposta de um projeto social voltado para moda sustentável com cunho social a partir do reaproveitamento de retalhos que são descartados por fábricas para confecção de peças a serem doadas.

Então, eu vejo assim, se fosse pra eu criar um negócio pra mim, eu queria um espaço assim com uma mesa com mais de três metros de comprimento, com duas meninas que forem passar roupa, umas nove costureiras, nove a dez costureiras que não tivessem tempo ruim pra trabalhar, que soubessem montar a peça comigo... Que pudessem chegar junto com minhas ideias, não só aceitar o que eu viesse falar... Pessoas que não tivessem medo do serviço. [...]

Teve uma época que eu trabalhei na igreja ajudando e eu sinto prazer quando faço uma roupa que eu doo essa roupa, eu vejo a pessoa usar depois. Eu tenho muito prazer em fazer isso e em cada local que eu fui trabalhando pelo Rio de Janeiro, eu vejo que os tecidos vão pro lixo. Eu até te mostro isso, isso aqui mesmo (mostrando uma peça) você achou bonito. Isso aqui foi do carnaval de 2017, ia pro lixo e vai virar um negócio de banheiro. Eu trouxe esse saco com mais de quinze quilos desse pano [...]<sup>103</sup>

Assim, eu tenho na minha mente um projeto, né?! Porque, como é que eu vou te falar? Teve uma época na minha vida que eu tinha sapato, graças a Deus, mas não tinha muita roupa. Quando meu pai subiu na vida, meu pai deu dinheiro à minha tia e minha tia comprou pra mais de cinco metros de tecido que pra onde a gente ia, a gente ia com aquele conjunto verde musgo de bolinha preta, ou senão era um vestido de fundo branco com uns barquinhos azul e uns enfeites de viés vermelho que eu tinha pavor a esse vestido. Portanto que eu não uso nem de baixo de reza, se me der um vestido de barquinho eu não uso. Ficou, ficou marcado. Aí, esse pano verde com bolinhas pretas, eu tinha saia balonê, balonê mesmo, da cintura até o joelho, eu tinha saia balonê com a pala, era meio termo, eu tinha vestido... shortinho, Tudo verde com bolinhas pretas, sempre a mesma estampa...<sup>104</sup>. Tanto que eu não uso, tenho pavor hoje. (PEREIRA, Flávia. 2019).

## Estrutura

Ambiente:

Em relação ao ambiente, as entrevistadas indicaram a montagem do espaço num galpão ou sala equipados com sistemas de iluminação e ventilação adequados.

Dependendo da situação, eu faria num galpão pra ter espaço pra elas ficarem à vontade, poder se expandir. Porque a pessoa trabalhar num ambiente apertado, eu acho que não dá pra render também o trabalho, né?! [...]

Ter uns banheiros assim, convincentes, direitinho e o mais, elas também terem responsabilidade de zelar pelo ambiente que trabalham, porque a pessoa vai trabalhar. [...] um lugar também com conforto pra que as pessoas pudessem trabalhar

<sup>103</sup> Parênteses meus. Embora a entrevistada não tenha colocado dessa maneira, fazendo análise da fala é possível denominar algumas etapas de um projeto social e de sustentabilidade.

<sup>104</sup> A entrevistada chora enquanto fala.

satisfeitas, porque, às vezes, a pessoa trabalha porque é obrigada, precisa, né?! E não tem um ambiente que satisfaça a pessoa. (DUARTE, Diva. 2019)

O lugar tem que ter espaço, um espaço bom pras costureira trabalhar, esse espaço que você tá falando, né?!

Tem que ser um tamanho que dê pra colocar as máquinas, água e tem que ter um banheirinho. (MARTINS, Valéria. 2019)

Tem que ser um lugar bem arejado, ventilado. Tem que ter um banheiro. (REIS, M<sup>a</sup> de Lourdes, 2019)

### **Maquinário:**

Embora não tenham indicado o mesmo número, todas indicaram os mesmos tipos que são as máquinas de base para uma confecção: a reta, a overloque e a colarete. A pergunta foi: “Como devo equipar um espaço que atenda entre cinco e dez mulheres?”:

Dependendo da qualidade da máquina, você precisa ter a overloque é... máquina pra chulear... eu acho que é a colarete, é uma que faz bainha. Porque essas eu nunca tive, eu tinha máquinas assim, as comuns. Reta e chulear, mas as outras eu nunca possui não. Zig-zag também, mas o zig-zag já vem numa só [...].

A quantidade de máquina depende da quantidade de costureiras e quanto o ambiente, assim, ocupando dez costureiras num salão. (DUARTE, Diva. 2019)

Olha, no mínimo, eu acho que umas quinze máquinas daria para atender essas pessoas que não têm máquina. (PEREIRA, Flávia. 2019).

Quantidade de máquinas pra atender cinco pessoas: Uma reta, pode ser comum ou industrial, uma overloque dois fios, uma zigzag (porque tem que casear) e uma colarete que é pra dar bainha em malha, e uma tesoura boa e óleo de máquina, essas coisas tem que ter também pra manutenção (REIS, M<sup>a</sup> de Lourdes. 2019)

A reta tem que ser uma pra cada uma. A overloque que pode fazer um consenso aí... duas máquinas de overloque ia ficar bom pra todo mundo, uma colarete pra fazer bainha de malha, né? Mas aí tem opção da galoneira que sai bem mais barato... (MARTINS, Valéria. 2019)

### **Mobiliário:**

As costureiras indicaram como mobiliário mínimo mesa de corte e geladeira.

Tem que ter uma mesa de corte, que não seja alta pra você ficar com os braços em pé, que seja na sua altura, mais ou menos uns 2m de comprimento e 1,5m de largura. (REIS, M<sup>a</sup> de Lourdes. 2019)

Ter assim uma geladeira que é essencial

Um prateleira, tem que ter linhas. Não sei como vai ser o caso de levar as linhas ou não. Mas independente de quem for levar as linhas que vai usar ou não, sempre tem que ter uma prateleira com linha, porque linha falta, linha é muito bom.

Uma mesa pra colocar os serviços... sempre tem que ter uma mesa... Ter assim uma geladeira que é essencial, um café, uma agulha gelada, umas prateleiras com linhas, é bom sempre ter. (MARTINS, Valéria. 2019)

## Objetivo

As entrevistadas não expuseram objetivos de maneira separada, todas afirmaram que um espaço como o *CoSer* deve existir para ajudar costureiras que não têm máquinas e aquelas que estão começando e precisam adquirir experiência.

## Justificativa:

As justificativas das entrevistadas recaíram em fatos mais pragmáticos do cotidiano, como não ter espaço próprio para trabalhar e, conseqüentemente, ter de executar o ofício em casa.

É difícil! É complicado, você sentar e só se concentrar nisso aqui, mas, às vezes, você faz. Que, muitas vezes, eu me esqueço da casa. Eu aviso: “- Tô (sic) aqui de corpo presente, mas a mente tá ausente. Não me chamem pra nada. Minha casa pode estar pegando fogo aí que eu não vou levantar daqui. Às vezes, a gente é obrigada a fazer isso, porque, senão você não dá conta do serviço. (PEREIRA, Flávia. 2019)

Esse espaço que você tá falando, tipo cooperativa, que não sei nem se se dá esse nome mesmo. Vai ser bom, porque tem muitas costureiras que não tem, não tem espaço, não tem tempo e em casa é complicado [...]

Então, a costureira com um espaço assim, ela vai fazer o horário dela, vai ter o espaço, vai ficar totalmente, tudo dividido. Casa dela é a casa dela e o trabalho dela é trabalho dela. (MARTINS, Valéria. 2019)

## Público alvo:

Nesse ponto houve acréscimo de critérios aos da proposta inicial, as entrevistadas disseram que as mulheres a serem atendidas devem apresentar alguns requisitos que servirão para avaliar o ingresso permanência quanto ao uso do espaço e dedicação ao ofício da costura. São eles: capricho com o trabalho, zelo pelas máquinas e pelo local, vontade de trabalhar e de aprender, disciplina.

Em primeiro lugar, a recomendação era o capricho nas costuras, entendeu?  
Em segundo lugar, limpeza nas costuras, ter aquele cuidado de não sujar.  
[...] também tem que ter aquela responsabilidade de zelar, cuidar, limpar. (DUARTE, Diva. 2019)

Primeiro tem que ter a disciplina, depois o respeito com as outras, porque ninguém é perfeito. Não ficar cobrando que “fulano fez assim e cicrano fez assado”. Cada um vai costurar do seu jeito. E, quando acabar, o dia de trabalho, limpar a máquina, colocar o óleo, deixar a máquina fechadinha, tudo limpinho pro outro dia. De repente, seja outra turma pra pode pegar. (Reis, M<sup>a</sup> de Lourdes. 2019)

Eu daria oportunidade pra quem quer aprender também, porque não adianta você botar como vejo em anúncio de jornais. “– Ah, só aceito quem tem experiência.”. Como é que a pessoa vai ter experiência se nunca pôde sentar numa máquina e aprender ou alguém ensinar? (PEREIRA, Flávia. 2019)

É as costureiras que estão começando, sim. Mas também tem que ter boa vontade, porque costureira tem que ter boa muito vontade pra fazer, porque... nesse ramo tem muita que não dá o valor por causa disso, porque aparece cada costureira. Tem que ser gente assim, que tenha vontade mesmo, porque às vezes a pessoa não tem como ter uma máquina, não tem como, não tem nada, mas tem boa vontade. Aí, essas pessoas que têm boa vontade é que faz o lugar crescer. (MARTINS, Valéria. 2019)

### **Localização:**

As entrevistadas pensam que o projeto, pelo menos em sua primeira sede, deve ser instalado nos bairros do centro do município. Perguntadas se essa posição se dava pelo fato de elas residirem nessas imediações, elas responderam que isso interferia, mas que a razão principal era o acesso. Abro parênteses para inserir a informação de que além de a cidade ser extensa em seu território, há o fato de o sistema de transporte ser organizado de maneira que, muitas vezes, entre dois bairros a pessoa precise pegar mais de um meio de transporte. Esse foi o argumento que elas apresentaram, além da facilidade do transporte para fora do município que ajuda nas saídas de busca e entrega de serviço para “confecções de fora”.

Caxias é grande! Tem terrenos por aí abandonados que não servem pra nada, ninguém faz nada a não ser os próprios moradores jogarem lixo. Eu mesma por ser moradora de Caxias, morar no Beira-mar, eu ia botar aqui, na esquina da minha casa, tem um belíssimo terreno ali vazio. Aqui no largo de St.<sup>a</sup> Marta tem um terreno ali, tem outro aqui em cima no caminho da Nabuco de Araújo, tem um enorme que ninguém faz nada. (PEREIRA, Flávia. 2019)

Acho que tudo que for fazer sempre tem que ser no centro. Tudo que as pessoas vão resolver é tudo aqui no centro, porque no centro tem tudo, tudo. Qualquer comércio, qualquer aula, até escola mesmo. Então, tudo aqui no centro é melhor e um negócio desses assim que vai precisar de comprar aviamentos, tudo é aqui. As lojas, estão todas por aqui, todo mundo passa por aqui, aqui é o ponto final dos ônibus. Quer dizer qualquer coisa aqui é o lugar mais viável, se você vier de outro bairro, você vai desembocar aqui no centro de Caxias. (MARTINS, Valéria. 2019)

Eu faria ali no (bairro) Parque Lafaiete, porque é perto do mercado, perto da UPA<sup>105</sup>. (REIS, M<sup>a</sup> de Lourdes. 2019)

---

<sup>105</sup> Unidade de pronto atendimento do serviço público de saúde/RJ.

## Montagem

Quanto à montagem, as entrevistadas não fizeram propostas, limitaram-se a concordar fazendo poucos comentários e nenhum acréscimo.

## Metodologia:

As entrevistadas pensam que o espaço deve ter, em um esquema de rodízio entre as costureiras que o frequentem, sempre uma pessoa encarregada de observar a forma como as demais usuárias trabalham a fim de garantir a conservação do maquinário e do espaço.

Tem que ter sempre uma pessoa pra orientar. Pode ter um rodízio, assim, por exemplo: eu vou hoje, aí amanhã não vou, aí vai outra pessoa... Assim, uma, duas vezes por semana e vai mudando. (REIS, M<sup>a</sup> de Lourdes. 2019)

## Manutenção:

Nesse ponto, as entrevistadas apontaram um ponto crítico da proposta inicial, manter o *CoSer* com doações ou percentual de vendas, afirmaram que isso deve ser modificado. Todas disseram, de forma enfática, que deve ser cobrada uma taxa, mesmo que simbólica, em caráter de valorização do espaço a fim de fazer as usuárias perceberem o valor da iniciativa de forma mais direta.

Se não for próprio, você vai ter que pagar um salão pra fazer, né?! Então, você terá que tirar um pouco de cada uma, não digo assim grandes coisas, mas uma parte que compense, que você terá que pagar luz, água. Ter uns banheiros assim, convincentes, direitinho e o mais, elas também terem responsabilidade de zelar pelo ambiente que trabalham, porque a pessoa vai trabalhar, também tem que ter aquela responsabilidade de zelar, cuidar, limpar. (DUARTE, Diva. 2019)

Não tem como deixar um espaço desse totalmente sem colocar um caixa, porque a luz sai caro, por exemplo, três máquinas dessa ao mesmo tempo, se você ligar, se você paga por dia cem reais (num dia comum sem máquina nenhuma estar ligada), se você ligar as três máquinas, já passa pra duzentos, duzentos e trinta. Bem, então, teria que você cobrar uma taxa pra usar um espaço desses. Mas se você tivesse como botar um bom lugar que as pessoas pudessem vir com seu trabalho pra trabalhar ali sossegado sem ninguém perturbando que é muito bom, porque a gente que é costureira tem esse defeito, né?! (Senta na máquina não gosta que ninguém fique chamando a gente) Seria o ideal, porque tem muitas pessoas, hoje em dia, pensa que não tem, mas tem. Tem pessoas que têm o material, mas não têm o local pra fazer, não tem o maquinário, pelo maquinário ser caro. E se você pudesse juntar um lugarzinho que a pessoa pudesse chegar assim: “– Oh, vou ficar de tantas até tantas horas, posso pagar quinze reais, dez reais”. Seria o ideal, porque de dez em dez, de quinze em quinze, no final do mês, você pagaria o custo de todo mundo junto. (PEREIRA, Flávia. 2019)

É certo cobrar, porque oh! O espaço vai pagar luz, vai pagar água, vai pagar manutenção das máquinas. No banheiro tem papel higiênico. Nem que seja um pouquinho, mas tem que pagar (REIS, M<sup>a</sup> de Lourdes. 2019)

Sem pagar... não existe nada sem pagar.

Pode ter um custo bem baixo, mas tem que ter. O lugar vai ficar em pé como?

Tem que pagar sim! (em caso de o CoSer ter um financiamento). Com certeza, se a pessoa vai pra lá pra ganhar alguma coisa, tem que dar alguma coisa em troca. Ainda mais que ela está usando o espaço. Usa o espaço e não dá nada à pessoa? Não. Não pode isso. A pessoa tem que pagar alguma coisa sim, porque a pessoa tá (sic) trabalhando, tá (sic) ganhando. Cada uma contribuindo um pouquinho eu acho que sustenta esse lugar. (MARTINS, Valéria. 2019)

### **Multiplicação do conhecimento**

As entrevistadas gostaram e incentivaram a possibilidade de troca de conhecimento, sugerindo, inclusive que o local forneça cursos para quem quiser aprender a costurar, ministrados pelas usuárias.

É bom trocar, uma ensina a outra. (REIS, M<sup>a</sup> de Lourdes)

Pode aprender uma com a outra, porque, às vezes, a gente trabalhando, a gente aprende muita coisa uma com a outra. Eu, pelo menos, aprendi a fazer muita coisa trabalhando com outras pessoas que gostavam de fazer também. (DUARTE, Diva. 2019)

Sim, sabe por quê? Vou te falar uma experiência que eu tive agora, recentemente, ano passado. Veio pra mim umas bolsas, essas bolsas eram com bolso embutido e uma das minhas colegas de serviço não sabia fazer. Aí, virou pra mim e falou assim: “– Você sabe fazer?”. Aí, eu olhei pra outra e disse: “– Sei!”. A outra: “– Tu sabe fazer isso aí?” Eu: “– Sei, bolso embutido eu sei.” Aí, todo mundo achou... olhou pra mim, viu aparência de nova, pensou, assim: “não sabe fazer”. Aí, eu fui, peguei as peças, sentei na máquina, montei. Falei: “– É isso aqui?”, o pessoal: “– É.” A outra que era muito mais experiente do que eu, falou, assim: “– Eu não sei fazer.”. Eu falei pra ela “– Eu posso te ensinar, ela: “– Ah!”. Portanto, eu e a minha colega de serviço, a Denis, que é uma belíssima costureira. Sentamos e fizemos. Ela montava uma parte, eu vinha e fazia a outra. Aí, quando a gente cansava, eu adiantava o serviço ela vinha e montava e ficamos, assim uma semana e meia fazendo esse serviço. Uma só pessoa pode passar o que sabe pra outra, melhor coisa que tem no mundo é você ensinar. (PEREIRA, Flávia. 2019)

Esse espaço também é interessante pra pessoas que vão começar, pra dar aula, pra quem quer aprender, eu acho que esse espaço ia ser mais interessante. (MARTINS, Valéria. 2019)

### **Acréscimos**

O projeto que surge do diálogo com elas se mostra como um espaço dividido de trabalho que funcione num sistema de cooperação, mas que apresente exigências às usuárias, devendo atender a um público selecionado que deve perceber a importância da iniciativa e

contribuir com ela tanto financeiramente, como na forma de conservação, divulgação e promoção do espaço. Outro fator importante é observar o senso crítico e capacidade de análise das profissionais que foram capazes de apontar críticas quanto ao lugar e pontuar que nem todas as mulheres que costuram podem estar interessadas em investir na profissão ou têm a autonomia necessária para trabalhar por conta própria.

Tem costureira nova, sim, mas eu que trabalhei muito nesse negócio de fábrica. Eu sei que a maioria das pessoas quando é nova vai lá só pra ganhar dinheiro, que, às vezes começa como arrematadeira, depois passa a costureira, é obrigação que às vezes tem que ganhar o próprio dinheiro para o seu sustento. Ninguém tá com comprometimento de nada, eu no começo, eu também fui trabalhar porque eu estava mocinha precisava comprar as coisas.

[...] pra mim, minha mãe não tinha como. Então, comecei a costurar, só que eu gostava, mas a maioria do pessoa ali é tudo pra ter dinheiro e pronto, não querem comprometimento com nada de costura.

[...]

Aqui (em Caxias) eu não sei, porque aqui as pessoas sempre têm uma maquininha portátil em casa, aí começa a fazer conserto. Quem gosta mesmo da coisa, costura até na mão, aí qualquer maquininha portátil consegue. (MARTINS, Valéria. 2019)

Nessa fase da pesquisa, as costureiras deram respostas curtas e menos detalhadas, mesmo quando eu voltava à pergunta sobre um ou outro ponto, elas acabavam por falar de outros assuntos ou me devolviam a questão. Algumas vezes, falavam como se o *CoSer* fosse uma empresa e eu uma empresária contratando mulheres. Foi a parte na qual elas se distanciaram de mim e me olharam como pesquisadora e não como companheira de profissão como ocorreu no capítulo anterior no qual elas se dispuseram até a me ensinar técnicas de costura, quase fazendo demonstrações. Nesse momento, quando eu falava da proposta elas perguntavam mais que respondiam e depois pontuavam. Diferente do que possa parecer, elas não estavam se esquivando de mim, ou das entrevistas. Estavam trabalhando, repetindo o comportamento que as costureiras adotam ao receber uma encomenda, essa dinâmica ocorre em pequenas confecções e ateliês, onde o processo de produção é negociado de maneira a tornar a execução possível. Como boas costureiras que são se mostraram atentas à encomenda, buscando verificar detalhes do pedido, as medidas da cliente, a quantidade de tecido e a ocasião para qual se destina a peça encomendada a fim de entregar um produto que pudesse atender à minha necessidade. Foi o momento em que mesmo evitando influenciar as respostas, precisei falar, participar etc. Afinal era eu que estava “inventado moda”. Ou seja, elas queriam fazer e querem saber como eu queria que elas fizessem. A postura quanto ao *CoSer* foi otimista, mas observadora, como se estivessem esperando para ver como ficará o

projeto. Disseram que sim, que pode ser bom, que eu vá em frente, que invista, mas deixaram claro que tudo dependerá das pessoas envolvidas.

Dessa forma, a partir do diálogo com as mulheres que colaboraram com essa pesquisa e da experiência da troca, elaborei uma nova proposta para o CoSer, que segue no apêndice dessa pesquisa.



#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisa é trajetória, estrada que nasce do desejo de conhecer e vai se mostrando conforme o caminhar, o trajeto, se transforma, ou até, se recria. O mesmo se dá com o pesquisador que sai outro da pesquisa.

Esse texto teve início com a motivação de documentar em termos acadêmicos um pouco da vida de mulheres que exercem o ofício da costura. *Costurando trajetórias de vida* foi o título inicial que não aparece nessa pesquisa como frase escrita, mas está presente em todo o texto que, como já foi dito, passou a ser a proposta de um produto concebido a partir e para trajetórias de vida. Durante o percurso, busquei a partir desses caminhar, confeccionar um texto com elementos de áreas diferentes, linguagem e método acadêmicos de pesquisa e escrita, relatos de vida de pessoas comuns e a tentativa de elaboração de um texto técnico. Fui afetada por vários fatores, meu lugar duplo de agente e objeto de pesquisa, inserção em dois novos campos de conhecimento as ciências e projetos sociais e a responsabilidade de escrever sobre um tema ainda pouco abordado.

As contribuições dessa pesquisa residem tanto no conteúdo, quanto na forma. Em relação à forma, o diálogo horizontal entre pessoas de lugares diferentes sobre um mesmo tema é um traço que proporciona singularidade ao texto, o fato de uma costureira se tornar pesquisadora e pesquisar sobre a costura é um traço precioso que aparece tanto na metodologia, quanto na escrita da pesquisa. Do meu lugar de autora, posso dizer que foi uma experiência única estar em um e outro lugar simultaneamente, numa relação intencional, mas nem sempre consciente, em muitos momentos, só despertei para o fato devido a declarações como “Você costura, né? Deixa eu te ensinar como faz, então.”, “Depois de conversar com você, senti vontade de voltar a estudar.”, “Coloca aí no seu trabalho que...”. Do lugar pesquisadora, posso dizer que recebi acolhimento por ser reconhecida por minhas entrevistadas como parte da pesquisa.

Sobre o tema central, a proposta de um espaço compartilhado de trabalho para costureiras, a pesquisa contribuiu para ajudar a entender que um espaço como esse deve, além da questão óbvia de estar atento às demandas de seu público alvo, preocupa-se com as questões do local e necessariamente conscientizar as pessoas atendidas para a importância do projeto em si, a fim de criar condições para sua manutenção e crescimento.

Em relação à motivação da pesquisa, as costureiras, a pesquisa contribuiu para mostrar perfis de pessoas reais, envoltas em questões comuns e ricas em experiências e impressões. Traz a presença de mulheres em seu cotidiano, dando a oportunidade de lembrar que cada objeto que nos cerca, como as roupas que vestimos, tem resquícios de vida, de obra que pode ser resultado de um labor que contribui para uma realidade melhor.

Chego ao fim do texto sem findar o assunto e com a consciência de que há ainda muito a fazer. Posso dizer que, diferente do que imaginei, não retratei as definições e técnicas de costuras, e que transitei pela pesquisa, às vezes em passos firmes e diretos, outras vacilantes. Aventurei-me por visitar histórias, conhecer vidas, me aproximar e afastar do universo e da pesquisa. Acertei e erreí, mas estarei fazendo algo que devolve ao lugar de onde vim, novas possibilidades. Sei que para essa proposta ter sucesso devo conversar com outras mulheres e estar com elas seja como pesquisadora, como organizadora de um espaço ou como companheira de um fazer. Pois a vivência desse lugar é parte do que sou.

Pesa sobre mim a alegria e responsabilidade de levar o projeto para além do campo teórico, fazendo valer todo o esforço até aqui empregado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARON, Robert A. e SHANE, Scott A. **Empreendedorismo: uma visão do processo**. Cengage Learning: São Paulo, 2007.

BERTO, Vivian. **Costureiras e o trabalho**. Disponível em: <http://www.tendere.com.br/blog/2013/06/26/costureiras-e-o-trabalho>. Acesso em 23 de outubro de 2016.

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

BEZERRA, HERALDO HB. **O Cerol Fininho da Baixada – Histórias do cineclube Mate Com Angu**. Ed. Aeroplano. Rio de Janeiro, 2013.

CAMAZ, Fernando Ribeiro. **Duque de Caxias-Rio de Janeiro: contradições entre crescimento econômico e desenvolvimento social**. Revista Espaço e Economia Revista brasileira de geografia econômica. Duque de Caxias/RJ. **2015**. Ano IV. Número 7

CARVALHO, Helder. **A história da costura**. Braga: Universidade do Minho, 2007.

DUARTE, Diva Batista. **Entrevista sobre sua vida e a cidade de Duque de Caxias**, fornecida a Vanusa Rodrigues da Silva, no município de Duque de Caxias, em 02 de maio de 2019.

\_\_\_\_\_. **Entrevista sobre as motivações da profissão de costureira**. fornecida a Vanusa Rodrigues da Silva, no município de Duque de Caxias, em 11 de maio de 2019.

\_\_\_\_\_. **Entrevista sobre a elaboração da proposta do CoSer – coworking social de costura para mulheres em Duque de Caxias**, fornecida a Vanusa Rodrigues da Silva, no município de Duque de Caxias, em 06 de junho de 2019.

FALCÃO, Juliana. **Elas realmente não fogem à luta**. <http://www.google.com.br>. Acesso em: 06 de janeiro de 2003.

FERRAZ, Quezila. **A história da Costura, a evolução do Prêt à Porter e seu impacto na Economia pós-moderna**. Parte 2. Disponível em: <http://queilaferaz.fashionbubbles.com/historia-da-moda/a-historia-da-costura-a-evolucao-do-pret-a-porter-e-seu-impacto-na-economia-pos-moderna-parte-2>. Acesso em: 21 de outubro de 2016.

FREITAS, Ana. **A origem do conceito de empoderamento, a palavra da vez**. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/10/06/A-origem-do-conceito-de-empoderamento-a-palavra-da-vez>. Acesso em 02/08/2018.

KLEBA, Maria Elisabeth e WENDAUSEN, Agueda. **Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política.** Saúde Soc. São Paulo, v.18, n.4, p.733-743, 2009 7. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/sausoc/article/download/29498/31358>. Acesso em 26 de novembro de 2017.

MARCELINO. Ane Dilei. Apresentação Slam, Cineclube Xuxu com Xis. Nova Iguaçu, 2018.

MARTINS, Valéria. **Entrevista sobre as motivações da profissão de costureira** fornecida a Vanusa Rodrigues da Silva em Duque de Caxias, em 16 de fevereiro de 2019.

\_\_\_\_\_. **Entrevista sobre sua vida e a cidade de Duque de Caxias e a elaboração da proposta do CoSer - *coworking social de costura para mulheres em Duque de Caxias*** fornecidas a Vanusa Rodrigues da Silva em Duque de Caxias, em 26 de abril de 2019.

NEVES, Rona. Obra **Caminhos** (epígrafe). Artista plástico contemporâneo do Rio de Janeiro.

ONU. Organização das Nações Unidas. **Princípios de empoderamento das mulheres.** 2016. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/referencias/principios-de-empoderamento-das-mulheres/>. Acesso: em 07 de novembro de 2018.

PEREIRA, Flávia Luiz. **Entrevista sobre sua vida e a cidade de Duque de Caxias, as motivações da profissão de costureira e a elaboração da proposta do CoSer - *coworking social de costura para mulheres em Duque de Caxias*** fornecida a Vanusa Rodrigues da Silva em Duque de Caxias, na data de 05 de abril de 2019.

PRIORE, Mary Del e BASSANEZI, Carla. **História das mulheres no Brasil.** 2.ed. São Paulo: Contexto, 1997.

PROBST, Elisiana Renata. **A evolução da mulher no mercado de trabalho.** Instituto Catarinense de Pós-Graduação. Disponível em: [http://www.mobilizadores.org.br/wp-content/uploads/2014/05/artigo\\_jan\\_gen\\_a\\_evolucao\\_da\\_mulher\\_no\\_mercado\\_de\\_trabalho.pdf](http://www.mobilizadores.org.br/wp-content/uploads/2014/05/artigo_jan_gen_a_evolucao_da_mulher_no_mercado_de_trabalho.pdf) Acesso em: 12 de novembro de 2018.

REIS, M<sup>a</sup> de Lourdes. Entrevistas **Entrevista sobre sua vida e a cidade de Duque de Caxias** fornecida a Vanusa Rodrigues da Silva em Duque de Caxias, nas datas de 02 e 22 de abril de 2019.

\_\_\_\_\_. Entrevistas **as motivações da profissão de costureira e a elaboração da proposta do CoSer – *coworking social de costura para mulheres em Duque de Caxias*** fornecida a Vanusa Rodrigues da Silva em Duque de Caxias, nas datas de 02 e 22 de abril de 2019

ROSOLEN. Talita, TISCOSKI. Gabriela Pelegrini e COMINI. Graziella Maria Comini. **Empreendedorismo Social e Negócios Sociais: Um Estudo Bibliométrico da Publicação**

**Nacional e Internacional.** Revista interdisciplinar de gestão social. BA. 2014. v.3n.1 p. 85-105.

**SEBRAE. Relatório especial: o empreendedorismo e o mercado de trabalho.** D.F. 2017.

ZANON, Breila. **Rede coworking e emancipação intangível: um olhar sobre a flexibilidade, biopolítica e subjetividade a partir da reestruturação produtiva.** 2015. UFU.

#### **REFERÊNCIAS DA WEB**

ABIT. <http://www.abit.org.br/>. Acesso em 16/10/2016.

PIPA. <https://www.pipasocial.org.br/>. Acesso em 12 de novembro de 2017.

MALHA. <https://www.malha.cc/>. Acesso em 12 de novembro de 2017.

FGV. <https://portal.fgv.br/noticias/estudo-revela-dados-sobre-violencia-contra-mulher>

BRASIL DE FATO: <https://www.brasildefato.com.br/node/28781/>

**APÊNDICE****PROTÓTIPO COSER**

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA  
CONTEMPORÂNEA DO BRASIL - CPDOC  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA.  
E BENS CULTURAIS - PPHPBC

**COSER:**  
**PROPOSTA DE COWORKING SOCIAL DE COSTURA PARA MULHERES**  
**DE DUQUE DE CAXIAS/RJ.**

**VANUSA RODRIGUES DA SILVA**

Projeto de Mestrado profissional  
em Bens culturais e Projetos sociais.  
Linha de Pesquisa: Cidade e trabalho  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Letícia Carvalho Ferreira

**Rio de Janeiro**  
**Agosto/2019**

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 6: Mapa da moda Fluminense. ....	6
Figura 7: Distribuição geográfica de empregados. ....	7
Figura 8: Quadro de pessoas empregadas Região Baixada Fluminense II. ....	8
Figura 9: Informações importantes. ....	9

## SUMÁRIO

COSER .....	3
COWORKING SOCIAL DE COSTURA PARA MULHERES DE DUQUE DE CAXIAS/RJ. .....	3
APRESENTAÇÃO.....	3
JUSTIFICATIVA .....	5
OBJETIVOS:.....	10
Objetivo geral .....	10
Objetivos específicos.....	10
METODOLOGIA.....	11
ORÇAMENTO:.....	12
CRONOGRAMA .....	13
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	15



Coser: juntar ou unir partes.

*Dicionário online Michaelis*

## **COSER COWORKING SOCIAL DE COSTURA PARA MULHERES DE DUQUE DE CAXIAS/RJ.**

### **APRESENTAÇÃO**

O *CoSer - coworking social de costura para mulheres de Duque de Caxias/RJ* é um projeto de economia colaborativa que oferece a locação de toda estrutura de confecção (ambiente, mobiliário, maquinário) a baixo custo para costureiras do município de Duque de Caxias, possibilitando a prática autônoma da profissão e viabilizando ações de empreendedorismo e independência profissional. Busca atender costureiras que precisam de um espaço adequado ao exercício da costura por períodos flexíveis. **Destina-se** a atender mulheres moradoras do município e adjacências, de classes menos favorecidas, qualquer idade, que trabalhem na área de costura de forma autônoma atendendo a clientes diretos ou empresas no regime de costura externa. Inicialmente será executado pela própria idealizadora que pretende firmar parceria com empresas que tenham projetos de financiamento voltado para a área de atuação do projeto, ou seja, área têxtil ou de trabalho feminino.

A formatação levou cerca de dois anos que compreendem o ingresso ao curso de mestrado de *Bens Culturais e Projetos Sociais do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV)*; pesquisa bibliográfica sobre os seguintes temas: trabalho feminino, área têxtil na economia e economia colaborativa; realização de entrevistas com costureiras do município de Duque de Caxias, com os objetivos de conhecer essas trabalhadoras, suas histórias e suas relações com a profissão e assim adequar a proposta do coworking às suas especificidade e escrita do texto final. Sua idealizadora é uma mulher que percorreu o caminho da prática profissional da costura em fábricas de grande e pequeno porte, conseguiu ingressar no ensino superior, migrou para área de educação e, agora, retorna à sua história pelo olhar do empreendedorismo social, entrelaçando seu passado operário com o presente de pesquisa acadêmica a fim de impactar de forma positiva mulheres com vivência semelhante a que teve no início de sua vida profissional.

O projeto foi pensado para ser instalado no município de Duque de Caxias devido à observação pela idealizadora de um grande número de mulheres ocupadas com o ofício de

costura em suas casas. Trata-se de uma cidade da periferia do Rio de Janeiro com população composta em grande parte por pessoas que exercem atividades operacionais, modalidade na qual o ofício de costureira se encaixa ao ser exercido em fábricas. No bairro Vila Meriti, por exemplo, parte residencial do centro da cidade, é possível observar pelos portões, sem muita procura um grande número de placas oferecendo serviços e escolas de costura. Confirmar-se como espaço de potência produtiva e criadora por sua localização geográfica, números de sua economia e presença das agentes a serem atendidas, foi concebido a partir de entrevistas realizadas com as seguintes colaboradoras:

**Diva Batista Duarte**, 99 anos, moradora do centro de Duque de Caxias, foi costureira por aproximadamente cinquenta anos. Aprendeu a costurar ainda na adolescência, através da observação do trabalho da mãe e trabalhou em casa, atendendo a pedidos de clientes conquistados pela qualidade do trabalho. Diz que ama muito o ofício, reconhece a desvalorização da profissão e pensa que o *CoSer* pode ser uma boa iniciativa desde que todas as envolvidas se empenhem para seu bom funcionamento.

**Mª de Lourdes Cavalcanti Reis**, 66 anos, moradora do centro de Duque de Caxias mesmo lugar no qual trabalha, costureira aposentada, mas continua trabalhando, aprendeu o ofício com a ajuda de duas e o estudo de técnicas de revistas de moda. Adora a costura acha que é uma forma de ajudar as pessoas, pois aceita o trabalho mesmo se a pessoa não puder pagar na hora, também gosta de ensinar o que aprendeu, já está aposentada, mas trabalha de 08:00h as 19:00h e tem muitas encomendas.

**Valéria Martins**, 51 anos, moradora do centro de Duque de Caxias, costureira ativa, empresária, trabalha no seu próprio ateliê. Aprendeu a com a mãe, relata que aos 11 anos, quando sua mãe saía, ela sentava à máquina de costura para tentar fazer roupas para suas bonecas, depois de muitas tentativas e agulhas quebradas, a mãe resolveu ensiná-la. Começou a trabalhar aos 14 anos, como aprendiz de costureira numa fábrica de lingerie e diz que parou de estudar porque achava “melhor trabalhar que estudar”. Afirma que não gostava muito de costura, trabalhou muito tempo costurando apenas “pedacinhos”<sup>106</sup>, e depois foi pilotista<sup>107</sup> até resolver trabalhar em casa. Tem um ateliê no centro de Caxias e está satisfeita com seus rendimentos bem acima da média do piso salarial de uma costureira. Fez questão de frisar que no início da carreira não gostava de costura e que é uma costureira consertista<sup>108</sup>.

---

<sup>106</sup> Costurar pedacinhos é trabalhar em linha de produção, fazer só uma parte da peça.

<sup>107</sup> Costureira pilotista é a costureira que monta a primeira peça (piloto) que vai guiar as formas de costura na linha de produção da fábrica.

<sup>108</sup> Costureira que faz reparos, consertos.

**Flávia Luiz Pereira**, 43 anos, costureira desde os dezesseis anos, moradora da comunidade do Esqueleto, no bairro Beira-mar<sup>109</sup>. Trabalha com diversos tipos de costura, em lugares diferentes, casa, fábricas e barracões de escola de samba. Gosta da ideia do coworking e, assim, como as demais diz que o sucesso do projeto depende das mulheres que vierem a ocupá-lo.

As entrevistas giraram em torno de três temas: perfil de cada entrevistada, o ofício da costura e apresentação do *CoSer* e suas ideias principais: de que a atuação profissional é um importante caminho para a conquista da independência financeira e empoderamento feminino e de que é preciso promover a valorização de saberes operacionais como a costura desafiando a injusta classificação entre os fazeres de uma mesma área de atuação. Além disso, propõe-se uma reflexão o elemento humano presente nas vestimentas através da concepção de espaços de trabalho com condições mais dignas.

## JUSTIFICATIVA

A condição de desigualdade social à qual as mulheres estão expostas resulta num quadro de desequilíbrio que aponta para a necessidade de ações que promovam o aumento das oportunidades de crescimento profissional desses atores. Logo, é importante apoiar a multiplicação de iniciativas que ofereçam estratégias de combate à desvalorização da mão-de-obra feminina e promovam a criação de melhores condições para o exercício desse trabalho. Essas iniciativas são estratégicas para a superação dessa injustiça.

Consonante a isso, a Organização das Nações Unidas (ONU), confeccionou, através da entidade ONU Mulheres<sup>110</sup>, um documento denominado “Princípios de empoderamento da mulher”<sup>111</sup>, uma cartilha composta por sete itens de medidas que buscam o empoderamento feminino. Fundamental ressaltar que o empoderamento evocado tanto no documento da *ONU* como nesse que segue a leitura está baseado no conceito defendido por Joice Berth (2018):

<sup>109</sup> Bairro próximo ao centro do município, localizado na fronteira entre Duque de Caxias e Rio de Janeiro - bairro de Irajá, pela entrada da Rod. Washington Luiz.

<sup>110</sup> A ONU Mulheres foi criada, em 2010, para unir, fortalecer e ampliar os esforços mundiais em defesa dos direitos humanos das mulheres. São seis áreas prioritárias de atuação: liderança e participação política das mulheres; empoderamento econômico; fim da violência contra mulheres e meninas; paz e segurança e emergências humanitárias; governança e planejamento; normas globais e regionais.

<sup>111</sup> Princípios de empoderamento da mulher <http://www.onumulheres.org.br/referencias/principios-de-empoderamento-das-mulheres/>.

*Empoderar* dentro das premissas é, antes de mais nada, pensar em caminhos de reconstrução das bases sociopolíticas, rompendo concomitantemente com o que está posto entendendo ser esta a formação de todas as vertentes opressoras que temos visto ao longo da história. Esse entendimento é um dos escudos mais eficientes no combate à banalização e esvaziamento de toda a teoria construída e de sua aplicação como instrumento de transformação social. (BERTH. 2018)

O quarto item da cartilha é “Promover a educação, a formação e o desenvolvimento profissional das mulheres.” (ONU. 2015). O *CoSer - coworking de costura para mulheres de Duque de Caxias/RJ* dialoga com essa afirmação, pois entende a profissão como um caminho para a construção da independência feminina, especialmente das mulheres que fazem parte das classes menos favorecidas, para quem o projeto é voltado. A área de atuação é a da indústria têxtil que tem relevante papel na economia do país e no Rio de Janeiro, onde observa-se os dados abaixo, divulgados pelo caderno de Mapeamento da cadeia da moda. Da Firjan.

Figura 11: Mapa da moda Fluminense.

Fonte: Mapeamento da Cadeia da moda. Firjan/2016.



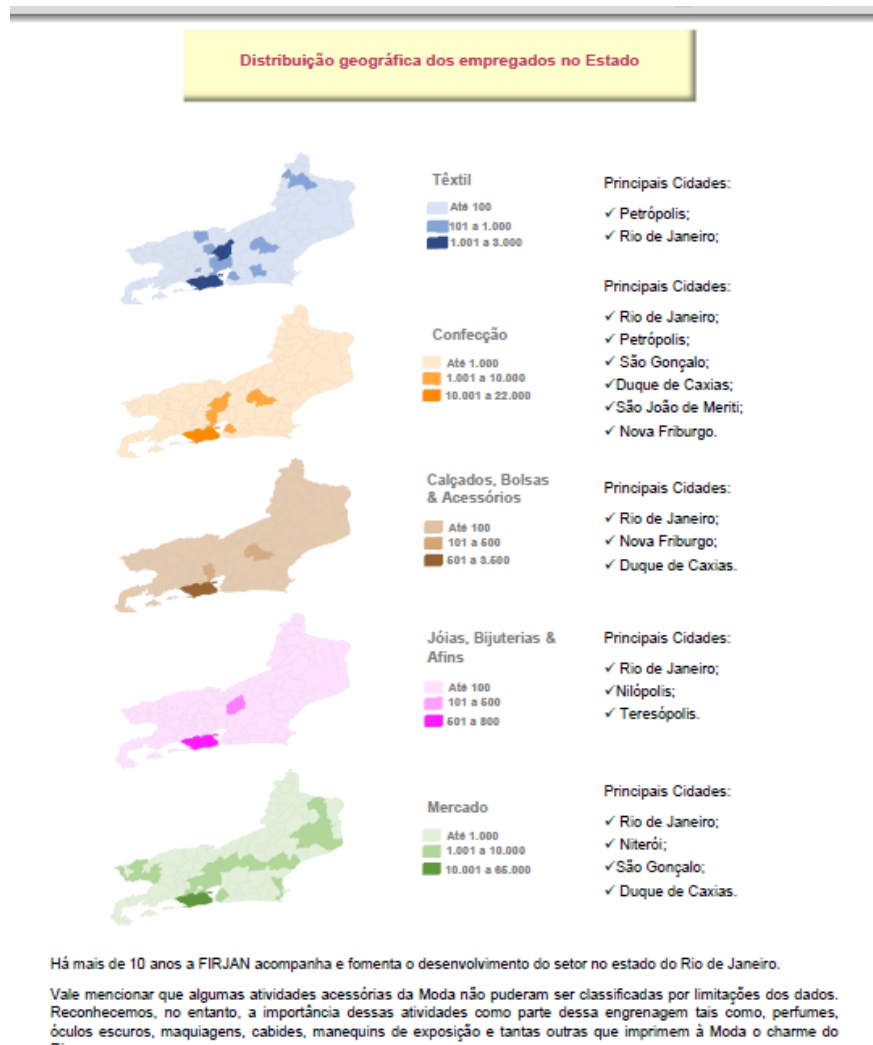
Fonte: Elaboração FIRJAN com dados da RAIS 2014 / MTE  
 Participações calculadas com base no número de empregados formais.

A Cadeia da Moda no estado do Rio engloba **26.767 empresas e 195.797 empregos formais.**

Dentre as diversas áreas de atuação nas quais as mulheres se fazem presentes, a costura tem um destaque, porque além de ser uma atividade cuja mão de obra é majoritariamente feminina, com sua maioria de mulheres pertencentes às classes menos favorecidas, residentes nas regiões metropolitanas nas quais a atividade se concentra.

Figura 12: Distribuição geográfica de empregados.

Fonte: Mapeamento da Cadeia da moda. Firjan/2016.

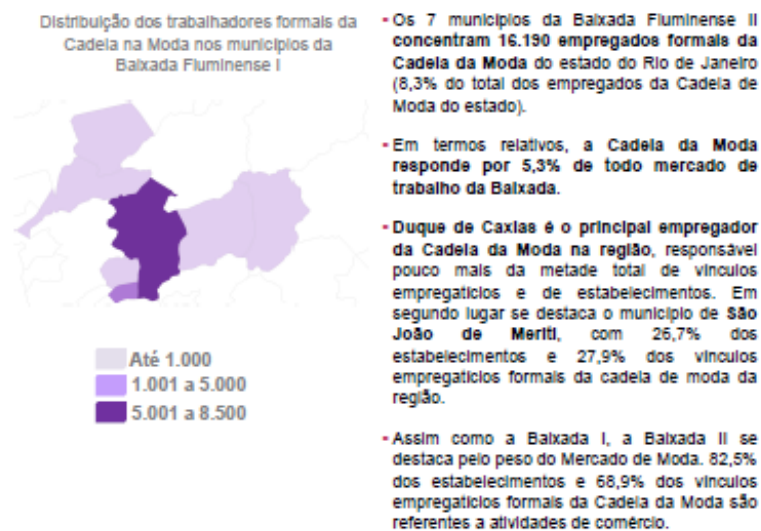


A baixada fluminense tem destaque nessas estatísticas e Duque de Caxias se mostra como maior empregador da região Baixada II.

Figura 13: Quadro de pessoas empregadas Região Baixada Fluminense II.

Fonte: Mapeamento da Cadeia da moda. Firjan/2016.

## Região Baixada Fluminense II



### Estabelecimentos e Empregos Formais na Cadeia da Moda da Região

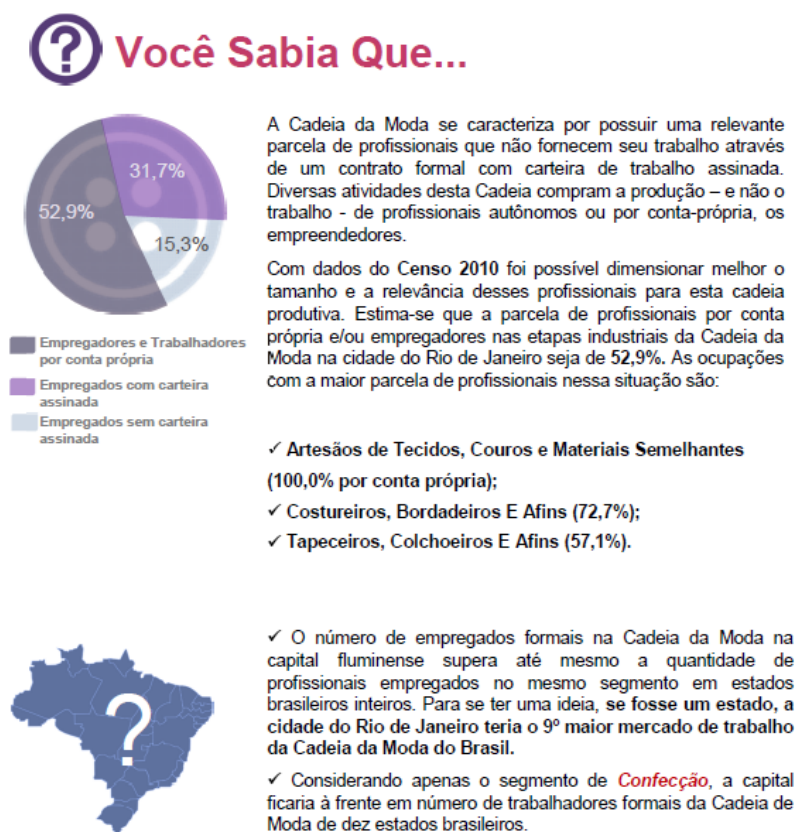
Município	Região		Vínculos		Estabelecimentos		Atividade Comércio & Atacado		Mercado		Total da Cadeia da Moda	
	emp.	un. emp.	emp.	un. emp.	emp.	un. emp.	emp.	un. emp.	emp.	un. emp.	emp.	un. emp.
Município de Duque de Caxias	18	4.64	254	1.285	13	254	2	31	1.824	9.212	1.161	8.298
Município de São João de Meriti	22	108	429	1.543	8	40	3	24	150	2.271	610	4.539
Município de Nova Iguaçu	2	108	27	289	0	0	0	40	196	1.380	263	1.638
Município de Maricá	2	11	28	226	0	14	1	14	144	100	498	4.012
Município de Itaboraí	1	270	9	294	0	0	0	0	36	269	27	297
Município de Itaboraí	0	0	1	1	0	0	0	0	42	125	43	126
Município de Itaboraí	0	0	0	0	0	0	0	0	19	83	24	134

Fonte: Elaboração FIRJAN com dados da RAIS 2014 (MTE)

Importante também considerar que a costura permitiu atividade profissional autônoma a muitas mulheres pelo fato de poder ser exercida até mesmo no ambiente doméstico.

Figura 14: Informações importantes.

Fonte: Mapeamento da Cadeia da moda. Firjan/2016.



Tendo em vista esses dados, pode-se dizer que projetos que viabilizem o exercício independente da profissão de costureira constituem uma efetiva ação de impacto positivo na qualidade de vida das mulheres a serem atendidas. Pois, embora a costura seja atividade fundamental da indústria têxtil e da moda, essa última conhecida por movimentar altas quantias, e remuneração atraente para seus profissionais da esfera elitizada como estilismo, design, publicidade etc., enquanto as costureiras, operárias que fazem a roupa existir, não são contempladas por esse olhar, recebendo baixa remuneração pelos serviços prestados.

A opção pelo planejamento de um espaço de coworking se deu pelo fato de essa ser uma estratégia usada para tornar possível arcar com os custos de instalação/manutenção de um espaço de trabalho devido à divisão dos custos e dos valores dos recursos a serem

empregados. A adoção desse formato prevê a manutenção do espaço independente de financiamentos, visto que a divisão viabiliza o pagamento dos custos pelas próprias participantes, reforçando sua autonomia no uso, cuidado e gestão do espaço. Outro motivo é que o coworking multiplica e flexibiliza as oportunidades de acordo com a dinâmica das atividades, de forma que uma profissional pode optar por ocupar uma posição e realizar uma determinada atividade por tempo por ela definido, sem prejudicar o funcionamento geral do espaço.

## **OBJETIVOS:**

### **Objetivo geral**

Criar coworking a fim de promover o empoderamento de costureiras de Duque de Caxias através do acesso a trabalhadoras de classes menos favorecidas a boas condições materiais e coletivas de realização independente de seu trabalho.

### **Objetivos específicos**

- Oferecer boas condições materiais de trabalho para mulheres que venham exercendo seu ofício no espaço doméstico e em outros arranjos espaciais que não lhes permitam dedicar-se exclusivamente ao trabalho da costura;
- Promover, através do encontro, condições para uma reflexão coletiva crítica sobre a valorização do ofício e dos direitos das profissionais de costura;
- Incentivar o crescimento profissional e pessoal das participantes;
- Propiciar o avanço e a gestão independente de suas carreiras por parte das costureiras.



## METODOLOGIA

O projeto deve ser implantado em fases que, uma vez consolidadas, darão suporte à próxima etapa. São elas:

- Iniciar com o aluguel de um espaço que ofereça estrutura física que viabilize o exercício autônomo e rentável das atividades da costura a um pequeno número inicial de trabalhadoras;
- A partir da experiência desse grupo inicial, adotar uma metodologia de trabalho definida em conjunto com as costureiras para ampliar o grupo e, ao mesmo tempo, criar oportunidades de compartilhamento de conhecimentos técnicos e valorização das atividades de suas áreas de especialidade no ramo da costura;
- Estender gradativamente a área de atuação do espaço para incluir exposição e venda dos trabalhos produzidos;
- Criar um ambiente de estudos adquirindo e disponibilizando material bibliográfico sobre o universo têxtil;
- Construir parcerias a fim de oferecer conhecimento nas áreas de direitos, saúde e educação às mulheres atendidas;
- Criar novos espaços semelhantes, multiplicando o *CoSer* a fim de atender a outras comunidades.

**ORÇAMENTO:**

Os recursos necessários à realização do *CoSer* são:

**Investimentos pontuais presumidos**

Recurso:	Valor	Fonte
Adequação da estrutura do espaço para abrigar maquinário.	Em torno de R\$5.000,00.	Financiamento de empresas ou coletivo, editais de projetos sociais.
Mobiliário	Entre R\$1000,00 e R\$2000,00	Financiamento de empresas ou coletivo, editais de projetos sociais.
Maquinário e peças	Entre R\$14.000,00 e R\$17.000,00	Financiamento de empresas ou coletivo, editais de projetos sociais.

Total: R\$20.000,00 a R\$24.000,00

**Investimentos recorrentes presumidos**

	Valor	Fonte
Recurso: Aluguel de espaço + taxas	Entre R\$1.000,00 e R\$2.000,00 mensais	Aluguel do espaço, divisão entre ocupantes fixas.
Despesas com energia, água e comunicação (linha de telefone, acesso à internet).	Entre R\$1.000,00 e R\$2.000,00 mensais	Aluguel do espaço, divisão entre ocupantes fixas.
Remuneração de funcionário de atendimento e orientação às usuárias.	Entre R\$ 1.000,00 e R\$ 3.000,00 mensais	Aluguel do espaço, divisão entre ocupantes fixas.
Despesas com material de limpeza e pequeno acervo de aviamentos	Em torno de R\$1.000,00	Aluguel do espaço, divisão entre ocupantes fixas.
Total: R\$4.000,00 a R\$8.000,00		

## CRONOGRAMA

Etapa	Ação	Tempo	Status
1	Buscar recursos através de financiamentos	3 meses	A iniciar
2	Buscar e alugar espaço pelo período de um ano	2 meses	A iniciar
3	Adquirir maquinário e mobiliário	2 semanas	A iniciar
4	Contratar pessoa para ficar o tempo todo no local	1 semana	A iniciar
5	Divulgar ação e captar público alvo	Constante	A iniciar
6	Implantação do projeto estrutura física que viabilize o exercício autônomo e rentável das atividades da costura a um pequeno número de trabalhadoras	6 meses	A iniciar
7	Maturação - adoção de uma metodologia de trabalho que crie oportunidades de compartilhamento de conhecimentos técnicos e valorização das atividades dessas áreas, convidando à reflexão da necessidade de aproximação de valorização dos diversos fazeres desse segmento.	6 meses	A iniciar
8	Avaliação das etapas concluídas	Semestral	A iniciar
9	Análise de novas ações como extensão da área de atuação para exposição e venda dos trabalhos produzidos; criação de ambiente de estudos pela aquisição e disponibilização de material bibliográfico sobre o universo têxtil; construção de parcerias a fim de oferecer conhecimento nas áreas de direitos, saúde e educação às mulheres atendidas.	1 ano	A iniciar

- |    |   |        |           |
|----|---|--------|-----------|
| 10 | Realização de pesquisa para criação de novos espaços a fim de atender a outras comunidades. | 2 anos | A iniciar |
|----|---|--------|-----------|

Observação: as etapas 2, 3, 4 e cinco podem ser realizadas simultaneamente, assim como a etapa dez que pode se iniciar após o primeiro de atuação do *CoSer*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARON, Robert A. e SHANE, Scott A. **Empreendedorismo: uma visão do processo**. Cengage Learning: São Paulo, 2007.

BERTO, Vivian. **Costureiras e o trabalho**. Disponível em: <http://www.tendere.com.br/blog/2013/06/26/costureiras-e-o-trabalho>. Acesso em 23 de outubro de 2016.

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

CARVALHO, Helder. **A história da costura**. Braga: Universidade do Minho, 2007.

FALCÃO, Juliana. **Elas realmente não fogem à luta**. <http://www.google.com.br>. Acesso em: 06 de janeiro de 2003.

FERRAZ, Quezila. **A história da Costura, a evolução do Prêt à Porter e seu impacto na Economia pós-moderna**. Parte 2. Disponível em: <http://queilaferaz.fashionbubbles.com/historia-da-moda/a-historia-da-costura-a-evolucao-do-pret-a-porter-e-seu-impacto-na-economia-pos-moderna-parte-2>. Acesso em 21 de outubro de 2016.

FREITAS, Ana. **A origem do conceito de empoderamento, a palavra da vez**. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/10/06/A-origem-do-conceito-de-empoderamento-a-palavra-da-vez>. Acesso em 02/08/2018.

JÚLIO, Carlos Alberto. **Reinventando você: a dinâmica dos profissionais e a nova organização**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

KLEBA, Maria Elisabeth e WENDAUSEN, Agueda. **Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política**. Saúde Soc. São Paulo, v.18, n.4, p.733-743, 2009 7. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/sausoc/article/download/29498/31358>. Acesso em 26 de novembro de 2017.

ONU. Organização das Nações Unidas. **Princípios de empoderamento das mulheres**. 2016

PRIORE, Mary Del e BASSANEZI, Carla. **História das mulheres no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1997.

ROSOLEN. Talita, TISCOSKI. Gabriela Pelegrini e COMINI. Graziella Maria Comini. **Empreendedorismo Social e Negócios Sociais: Um Estudo Bibliométrico da Publicação Nacional e Internacional**. Revista interdisciplinar de gestão social. BA. 2014. v.3n.1 p. 85-105.

SEBRAE. **Relatório especial: o empreendedorismo e o mercado de trabalho**. D.F., 2017.

ZANON, Breila. **Rede coworking e emancipação intangível: um olhar sobre a flexibilidade, biopolítica e subjetividade a partir da reestruturação produtiva**. 2015. UFU.

## REFERÊNCIAS DA WEB

ABIT. <http://www.abit.org.br/>. Acesso em 16/10/2016.

CMDC. Câmara Municipal de Duque de Caxias. [https://www.cmdc.rj.gov.br/?page\\_id=1155](https://www.cmdc.rj.gov.br/?page_id=1155)  
Acesso em junho de 2019.

PIPA. <https://www.pipasocial.org.br/>. Acesso em 12 de novembro de 2017.

MALHA. <https://www.malha.cc/>. Acesso em 12 de novembro de 2017.

<https://portal.fgv.br/noticias/estudo-revela-dados-sobre-violencia-contra-mulher>  
<https://www.brasildefato.com.br/node/28781/>

PROBST, Elisiana Renata. **A evolução da mulher no mercado de trabalho**. Instituto Catarinense de Pós-Graduação. Disponível em: [http://www.mobilizadores.org.br/wp-content/uploads/2014/05/artigo\\_jan\\_gen\\_a\\_evolucao\\_da\\_mulher\\_no\\_mercado\\_de\\_trabalho.pdf](http://www.mobilizadores.org.br/wp-content/uploads/2014/05/artigo_jan_gen_a_evolucao_da_mulher_no_mercado_de_trabalho.pdf)  
Acesso em: 12 de novembro de 2018.